



CRÓNICAS E MEMÓRIAS

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

VOLUME V

PORTUCALENSE EDITORA
L. dos Loios, 91 - PÓRTO

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPANHIA EDITORA DO LIVRO
SÃO PAULO

HISTÓRIA TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPOSTO E IMPRESSO NAS OFICINAS DA
COMPANHIA EDITORA DO MINHO
BARCELOS

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPILADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO



R. 154876

NOVA EDIÇÃO

Publicada sob a direcção de
DAMIÃO PERES
Professor da Universidade de Coimbra

VOLUME V

PÓRTO
1 9 4 3

HISTÓRIA
TRÁGICO-MARÍTIMA

COMPIADA POR
BERNARDO GOMES DE BRITO

158870

NOVA EDIÇÃO

Revisão sob a direção de
DAMIÃO PERES
Professor de Literatura de Coimbra

VOLUME V

X

Relação do naufrágio da nau S. TOMÉ

RELAÇÃO
DO
NAUFRÁGIO DA NAU S. TOMÉ

Na terra dos Fumos, no ano de 1589.

E dos grandes trabalhos que passou

D. PAULO DE LIMA

Nas terras da Cafraria, até sua morte,

ESCRITA

POR

DIOGO DO COUTO

Guarda-mór da Tôrre do Tombo

A rôgo da Senhora D. Ana de Lima
irmã do dito D. Paulo de Lima no ano de 1611

HG 1
30906

RELAÇÃO

NAUFRÁGIO DA NAV. S. TOME

Ve terra das Flores no dia de 1532.
E dos grandes trabalhos que passou
D. PAULO DE LIMA
Nos terras da Calçada, até sua morte.

SECRETARIA

FOR

DIGDO DO COUTO

Guardador da Torre do Tombo

A Torre de S. Tomé de Lisboa
em 10 de Maio de 1532 no ano de 1532

*Naufrágio da nau S. Tomé na
terra dos Fumos, no ano
de 1589*

GOVERNANDO o estado da Índia Manoel de Sousa Coutinho, partiu de Cochim Estêvão da Veiga na nau *S. Tomé* em Janeiro de 1589 e tomou a derrota por fora dos Baixos; e indo demandar a ilha de Diogo Rodrigues, que está em vinte graus do Sul, lhe deu o vento Sueste tão rijo, que logo levantou os mares de feição que indo correndo a nau à vontade do vento, com o trapear que fêz, abriu por proa pela bôtecadura, por onde, lançando fora a estopa do calafêto, começou a fazer alguma água, a que logo acudiram e remediaram muito bem; e abonançando-lhes o vento foram sua derrota até a altura da Ponta da Ilha de S. Lourenço, em altura de vinte e seis graus, de noventa para cem léguas da terra, onde tornou a abrir outra água, em maior quantidade que a primeira, por outro lugar mais perigoso, que foi por pôpa, abaixo das escoas, às primeiras picas, onde é mais dificultoso de se ela tomar que em tôda a outra parte; e, acudindo os officiais, despejaram a nau por aquela parte e deram com a água, que era muito grossa por cuspir as

estopas e as pastas de chumbo que se pregaram por cima, o que tudo nasceu do calafêto, por cuja causa se perdem muitas naus, no que se tem muito pouco resguardo, e os oficiais muito pouco escrúpulo, como se não ficassem à sua conta tantas vidas e tantas fazendas como se metem nestas naus.

Achada a água, viram que era um tórno tamanho que, se um oficial metia a mão, a fôrça dela lha tornava a rebater para fora. E porque se não podia tomar sem cortarem as picas, o fizeram contra o parecer de muitos; e todavia, tendo cortadas algumas, tornaram a sobrestar, por ser aquêlle lugar o em que se fecha tôda a nau, e nela não ir pregadura para se tornar a remediar, porque as mais ou tôdas estas naus andam a *Deus misericórdia* por pouparem quatro cruzados. E com facas, pregos grandes e outras cousas entupiram o melhor que puderam aquêlle lugar, e com muitos saquinhos de arroz, que meteram entre as picas e liames, para que fizessem pegamaço, ordenando-lhes por cima uma areia que sustentasse êstes saquinhos de arroz para baixo e os não pudesse a água suspender.

Com isto ficaram alguma cousa aliviados, e a água começou a ser menos na bomba, e assim foram seguindo seu caminho com bom tempo até altura de trinta e dois graus e meio do Sul, cento e cinqüenta léguas da Baía da Alagoa, e oitenta da mais chegada terra do Natal. Nesta paragem lhes saltou o vento ao poente, da parte do Sudoeste, sendo já onze dias de Março, com o que tomaram as velas, ficando só os papa-figos, com que se fizeram na volta do norte; e com o trabalho do vento e dos mares, a água a abrir pelo mesmo lugar tão apressada, que em pouco espaço havia já seis palmos no porão, e tôda a gente se meteu em grande revolta, e se começou a alijar ao mar tôdas as cousas do convés, para ficarem as escotilhas lestes; e com os aldroles das bombas nas mãos,

sem descansarem, passaram tóda a noite, e sendo já mais dois palmos de água, que cresceu sôbre o lastro do porão, começou a cobrir as pipas e o pau preto, que por cima já andavam nadando de bordo a bordo, dando no costado da nau tamanhas pancadas, que abalavam tóda a nau. E porque a água crescia, atravessaram os oficiais algumas antenas por cima das escotilhas da pôpa e de proa, pelas quais ordenaram muitos barris de seis almudes, que desciam e subiam com facilidade, aos quais se repartiram todos os da nau, sem haver excepção de pessoa, sendo D. Paulo de Lima, que nela ia com sua mulher, o primeiro, e assim Bernardim de Carvalho, o capitão Estêvão da Veiga, Gregório Botelho, sogro de Guterres de Monroy, que levava ali sua filha para seu marido, que estava no reino, e outros cavalheiros e religiosos que na nau iam, que todos de dia e de noite trabalharam nas bombas e aldroles dos barris, sem se apartarem deles, nem para comer, porque os padres andavam pelo convés com biscoito, conservas e água, consolando a todos, assim corporal, como espiritual. E com tóda esta diligência a água era cada vez mais, com o que se determinaram a ir buscar a terra no mais perto, para vararem nela, para onde viraram com o traquete de proa e cevadeira, e não ousaram de bolir na vela grande, por não largarem os aldroles e bombas das mãos, porque qualquer espaço que o fizeram bastara para se submergirem.

E indo demandar a terra, sendo já catorze de Março, se acabou de encher o porão de água, e as bombas de se entupir com a pimenta que foi ao porão, por onde já deixavam de laborar, e os homens a descorçoar; mas aquêles fidalgos, religiosos e cavalheiros honrados, com grande coração e ânimo trabalhando sempre, esforçavam os mais ao trabalho, persuadindo a não largarem os aldroles das mãos, porque isso os sustentava. Os oficiais gastaram aquêlle dia em desentupir as bombas, forrando os trepes

com fôlha de Flandres por se não tornarem a empachar. E porque também era necessário alijarem ao mar tudo o que pudessem, encomendaram êste negócio a certas pessoas, que foram deitando tôdas as riquezas e louçainhas de que a nau ia riquíssima, ganhado tudo com tanto suor de uns e com tanto encargo de outros.

Ao outro dia, que foram quinze do mês, estava já a coberta de sôbre o porão cheia de água, e o vento era Sudoeste, e de quando em quando vinha com uns salseiros de água muito rijos, que lhes davam outro trabalho de novo. Enfim tudo era contra êles, até o leme da nau deixou de governar, por cuja causa ela ficou atravessada, sem velas, por serem tôdas rôtas, não acudindo os da nau a nada, por não largarem as bombas das mãos, porque nisso estava algum remédio, se o havia. Tôda esta noite passaram com grandes trabalhos e desconsoações, porque tudo quanto viam lhes representava a morte; por baixo viam a nau cheia de água, por cima o céu conjurado contra todos, porque até êle se lhes encobriu com a maior cerração e escuridade que se viu. O ar assobiava de tôdas as partes, que parecia lhes estava bradando *morte, morte*; e não bastando a água que por baixo lhes entrava, a de cima, que o céu lançava sôbre êles, parecia que os queria alagar com outro dilúvio. Dentro da nau tudo quanto se ouvia eram suspiros, gemidos, gritos, prantos e misericórdias que se pediam a Deus, que parecia que, por alguns pecados de alguns que iam naquela nau, estava irado contra êles.

Ao outro dia, em amanhecendo, que se viram todos sem nenhum remédio, trataram de lançar o batel ao mar, para o que foi necessário largar os barris para se abrir a nau, na qual entre as cobertas parecia que andavam todos os espíritos danados, com o estrondo das cousas que nadavam e davam umas nas outras, e que corriam de bordo a bordo de maneira que aos que abaixo desciam

se lhes representava o último juízo. Os oficiais e outros homens deram pressa ao consêrto do batel, a que fizeram suas arrombadas e o que lhes mais pareceu necessário para a viagem, o que tudo se fêz com grande trabalho pelos grandes balanços que a nau dava por andarem os mares cruzados, os quais lhes entravam pelo portaló, que estava aberto para por êle alijarem tudo ao mar, o que era causa de se acabar de alagar a nau. Já neste tempo iam governando ao Noroeste, porque se fazia o pilôto muito perto da terra; e assim o estavam tanto, que aquêl dia, ao pôr do sol, afirmou um marinheiro que a vira e bradou de cima da gávea: *Terra, terra!* E por não saber o pilôto se naquela parte haveria arrecifes onde, se a nau encalhasse, se perdessem todos, pareceu-lhe bem desviar-se e governar ao Nordeste, para, como fôsse de dia, a ir demandar, para se poder salvar tôda a gente, que tôda aquela noite passou na maior aflição de espírito e no maior trabalho do corpo, que se podia imaginar.

Ao outro dia, tanto que amanheceu, não viram terra, e lançaram o batel ao mar com muito trabalho, porque indo no ar sôbre os aparelhos se lançavam os homens a êle como doudos, sem D. Paulo de Lima, que se tinha metido dentro com uma espada na mão, lhe poder valer, porque se quis segurar dos marinheiros, que se não fôsem nêle e o deixassem; e sem embargo de cutiladas e crisadas, que se deram em muitos mui despiedosamente, não deixou de se lançar nêle tanta gente, que em chegando ao mar se houvera de sossobrar; e com muito trabalho tornou D. Paulo de Lima a fazer subir alguns para cima, prometendo-lhes que todos os que coubessem se haviam de salvar nêle. E ficando o batel em bom estado, se foi pôr por pôpa da nau para tomar pela varanda as mulheres que ali iam, os religiosos e os homens fidalgos; porque a nau dava grandes balanços e houveram mêdo que metesse o batel no fundo, afastou-se um pouco para fora,

e dali se deu ordem para que as mulheres se amarrassem em peças de cassa, pelas quais dependuradas as calavam abaixo; e o batel chegava a tomá-las, mergulhadas muitas vezes, com muito trabalho, lástima e mágua de todos.

Nesta obra andava na nau Bernardim de Carvalho, sôbre quem descarregaram todos os trabalhos daquele negócio e de tôda a nau, porque D. Paulo de Lima, como era bom cristão e temente a Deus, havia que aquêlê castigo era por seus pecados, com o que andava tão acanhado que não parecia ser aquêlê que em tão grandes riscos e perigos, como os em que se viu, nunca perdeu um ponto de seu esforço e ânimo, que aqui lhe faltou de todo. Tomaram-se desta maneira: a mulher do mesmo D. Paulo; D. Mariana, mulher de Guterres de Monroy; D. Joana de Mendoça, mulher que fôra de Gonçalo Gomes de Azevedo, que ia para o reino meter-se em um mosteiro, desenganada do mundo, sendo ainda môça e que se podia lograr dele, dona muito virtuosa e que em tôda esta jornada deu a todos um admirável exemplo de sua virtude, como em seus lugares tocaremos, a qual levava consigo uma filha de menos de dois anos, com quem ela estava abraçada, com os olhos nos céus pedindo a Deus misericórdia; e para a amarrarem foi necessário tirá-la dos braços e entregá-la a uma ama sua. Após elas se embarcaram os padres e Bernardim de Carvalho e, o derradeiro de todos, o mestre e contra-mestre que andaram fazendo prestes alguns barris de biscouto e água, que lançaram no batel; e com êles se entulhou o batel, e se foi afastando.

Vendo D. Joana de Mendoça que lhe ficava a filha na nau, a qual via estar no colo da sua ama, que de lá lha mostrava, mostrando-a com grandes prantos e lástimas, foram tantas as máguas e cousas que disse, que moveu a todos a chegarem à nau e pedirem a menina à ama, dizendo-lhe que a amarrasse a uma cassa e a lançasse

abaixo, o que ela não quis fazer, dizendo que também a tomassem, senão que a não havia de entregar; e nunca a puderam persuadir a outra cousa, por muito que sua senhora lho pedia com lágrimas e piedades, que puderam mover um tigre se tivera a criança em seus braços. E porque nisto houve detença, e a môça estava emperrada, e a nau dava uns balanços cruelíssimos, foi forçado afastarem o batel por que se não metesse no fundo, o que foi com grande compaixão da triste mãe, que estava com os olhos na filha, com aquela piedade com que tôdas as costumam pôr nos seus, que muito amam. E vendo que lhe era forçado deixá-la, tomando ela antes ficar com ela em seus braços, que a entregar àquelas crueis ondas que pareciam que já a queriam tragar, virou as costas para a nau, e pondo os olhos no céu ofereceu a Deus a tenra filha em sacrificio, como outro Isac, pedindo a Deus misericórdia para si, porque sua filha era inocente e sabia que a tinha bem segura. Êste espectáculo não deixou de causar em todos gravíssima dôr, naquele estado em que cada um tinha bem necessidade de compaixão alheia, se ali houvera ânimos livres para a poderem ter dos males doutros.

Afastando o batel um pouco, ficaram esperando de largo pelo padre Frei Nicolau do Rosário da Ordem dos Prégadores, que se não quis embarcar no batel sem confessar quantos ficavam na nau; porque não quis que pois a tanta gente lhe faltavam tôdas as consolações do corpo, lhe faltassem as da alma; e assim confessou e consolou a todos com muita caridade, chorando com êles suas misérias, e absolvendo-os, assim em particular como em geral. E porque não era possível chegar o batel a tomá-lo por fôrça, porque estava apostado a se deixar ficar na nau para consolação daquela gente, mas tanto lhe disse D. Paulo de Lima, e tantos protestos lhe fêz com todos os mais que iam no batel, que se houve de lançar ao mar, e

a nado se recolheu no batel, onde foi mui festejado de todos por sua virtude e exemplo que em tôda aquela viagem deu, pelo qual era mui amado e reverenciado de todos. E depois de ser recolhido foram governando para terra.

Os da nau, vendo partido o batel, e não lhes ficando outra esperança de remédio que a que Deus e êles ordenassem, fizeram algumas jangadas, o melhor que puderam, que já ficavam a bordo da nau quando o batel se afastou; mas como Deus Nosso Senhor tinha escolhido aquêles para acabarem naquele lugar, tôdas se sumergiram, e o mesmo fizeram duas manchuas que iam arrisadas por pôpa da nau. E certo que devia de ser aquêlê castigo de Deus, porque facilíssimamente se pudera salvar tôda a gente desta nau, se os do batel não quizeram tratar de si sós; porque bem puderam dar primeiro ordem a grandes jangadas, em que se tôda a gente recolhera com água e mantimentos, as quais o batel fôra guiando até terra, que estava tão perto que ao outro dia se viu, tendo para isso tanto espaço de tempo, que durou a nau vinte e quatro horas sem lhe darem à bomba, nas quais se puderam ordenar tôdas as jangadas que quizeram, pois levavam antenas, mastros e vêrgas, e tanta madeira, que lhes sobejava. Porque mais dificultosa foi a perdição da nau Santiago no Baixo da Judia (como na décima Década fica dito) e fizeram-se muitas jangadas, de que algumas chegaram à terra sem favor do esquife, nem batel, durando a viagem oito dias. Mas as pessoas a que nesta nau se pudera ter respeito, e que podiam mandar ordenar isto, eram D. Paulo de Lima, que tinha perdido aquêlê nunca vencido ânimo com se ver com sua mulher naquele estado, e Bernardim de Carvalho, fidalgo muito honrado e muito bom cavaleiro, mas de natureza tão branda, que por ver nos officiais todos uma grande alteração dissimulou com cousas que entendia bem, por

se não perder tudo, porque esta gente do mar, em um caso como êste, não tem respeito a nada; nem êles depois foram castigados por excessos que cometeram nestas viagens.

E tornando ao batel: tanto que cometeu sua viagem, acharam-no os officiais tão pejado, por ir muito carregado, e com todo o grosso debaixo da água, que fizeram grandes requerimentos que se lançassem algumas pessoas ao mar para se poderem salvar as outras; o que aquêles fidalgos consentiram, deixando a eleição delas aos officiais, que logo lançaram ao mar seis pessoas, que foram tomadas nos ares, lançadas nêle, onde ficaram sumergidas das crueis ondas, sem mais apparecerem. Êste piedoso sacrificio levou os olhos dos que o viram tanto atrás de si, que ficaram pasmados, sem saberem o que viam, ou como cousa que se lhes representava em sonhos; e pôsto que estas seis pessoas se despejaram, ficaram ainda no batel cento e quatro. E indo sua viagem, não puderam surdir àvante porque a água os ia lançando da terra para o mar, porque nem os homens iam para remar, de cansados dos trabalhos passados, nem o batel ia para se remar, de mui pesado. E sendo meia noite se acharam da nau ao mar um bom espaço, pelo que tomando o remo se tornaram a chegar a ella; e viram dentro muitos fogos, que eram velas acesas, porque tôda a noite os da nau passaram em procissões e ladaínhas encomendando-se a Deus Nosso Senhor, com vozes e clamores tão altos que no batel se ouviram.

Em amanhecendo se chegou o batel bem à nau, e fallaram com os de dentro, animando-os a fazerem jangadas, oferecendo-se a esperarem para os acompanhar; os de dentro responderam com grandes gritos e prantos, pedindo misericórdia em vozes tão profundas e piedosas, que metiam mêdo e terror, porque, como a manhã não era bem clara, fazia parecer aquilo mais medonho e espan-

toso. Descoberto o dia trataram de irem algumas pessoas à nau a tomar espingardas e mantimentos, ao que se lançaram a nado três ou quatro marinheiros, que em subindo acima acharam já a coberta da nau cheia de água e a gente tôda como alienada com o temor da morte que esperavam; e todavia tinham no chapitêu da pôpa um fermoso retábulo de Nossa Senhora, ao redor do qual estavam tôdas as escravas descabeladas em um piedoso pranto, pedindo àquela Senhora misericórdia, estando diante de tôdas a ama de D. Joana com a menina nos braços, donde nunca a largou, cuja idade lhe não deixava conhecer o perigo em que estava; e ainda que o sentira, lho fizera sua inocência estimar em pouco, porque não há cousa que faça parecer a morte mais temerosa, que o receio da salvação. Os marinheiros lançaram ao mar alguns barris de água, e biscoito, e um de vinho, que se recolheram no batel, que desejou de chegar à nau a despejar ainda de algumas pessoas, porque não estava para navegar. Os marinheiros se recolheram sem trazerem a menina de D. Joana porque os mais dêstes homens são deshumanos e crueis por natureza.

E porque não puderam chegar à nau para fazerem aquêlê despejo, se afastaram, e deixaram aos officiais fazer seu officio, os quais foram deitando ao mar algumas pessoas, que foram um Diogo Fernandes, bom homem, e muito apoucado, que acabara de ser feitor de Ceilão, e um soldado chamado Diogo de Seixas, e Diogo Duarte, mercador, e Diogo Lopes Baião, que andara muitos anos no Balagate, onde o Idalxá lhe tinha dado três mil cruzados de renda, por ser homem de indústria e invenções, o qual tratava em cavalos de Goa para lá, e lhe levava todos os avisos, e ainda se suspeitava que era duvidoso na Fé, pelo que o mandava para o reino, (do qual na nossa décima Década demos larga conta porque foi o que teceu as meadas de se passar à terra firme Cufucão, que

o Idalxá desejou de haver às mãos para o matar, por lhe pertencer o reino, e assim desta vez o acolheu por ardis dêste Diogo Lopes e lhe mandou tirar os olhos). Êste Diogo Lopes, quando o tomaram para o lançar ao mar, entregou ao padre Frei Nicolau um bizalho de pedraria, que diziam valer dez ou doze mil cruzados, encomendando-lhe que se o pudesse salvar o entregaria a seus procuradores, se fôsse a Goa, ou a seus herdeiros, se Deus o levasse ao reino. E com estes homens lançaram também no mar alguns escravos, que todos logo foram submergidos daquelas crueis ondas.

Foi esta abominável crueldade por mãos dêstes oficiais do mar, os quais permitiu Deus que pagassem mui cedo, com todos ou os mais deles morrerem em terra por aquêles matos com grandes desconsoações. Começou o batel a tocar o remo para terra, e sendo afastados da nau, às dez horas do dia lhe viram dar um grande balanço, e após êle esconder-se tôda debaixo da água, desaparecendo à vista de todos como um raio, do que êles ficaram como homens pasmados, parecendo um sonho verem assim uma nau, em que havia pouco iam navegando, tão carregada de riquezas e louçainhas, que quási não tinha estimação, comida das ondas, sumergida debaixo das águas, entesourando nas concavidades do mar tantas coisas, assim dos que nela iam como dos que ficavam na Índia, adquiridas pelos meios que Deus sabe, pelo que muitas vezes permite se logrem tão pouco como estas. E pôsto que êste espectáculo foi mui temeroso a todos, à desconsoada de D. Joana de Mendoça foi de maior dor e paixão, porque via sua filha, tão tenra e mimosa sua, manjar de algum monstro do mar, que pôde ser que ainda bracejando a tragasse; mas como ela tinha oferecido já tudo em sacrifício a Deus, praticou dentro em seu coração suas lástimas, a que êle não podia deixar de acudir com alguma consolação espiritual, porque na paciên-

cia, virtude e exemplos, que neste negócio mostrou, se podia isto suspeitar.

Ao batel deram uma vela que se lhe ordenou; e com o vento, que era Levante, foi demandar a mais próxima terra pelo rumo que levaram, da qual houveram vista sobre a tarde, aos vinte dias de Março, e com grande alvoroço (se o podia haver em corações que tantas máguas viram havia tão pouco) se foram chegando a ela; e por lhes anoitecer tomaram a vela, porque não fôsse encalhar em parte onde se afogassem todos, já que Deus ali os levára. E certo que é coisa muito para ponderar a perdição desta nau e a morte da gente que nela ficou, porque em muitas coisas se viu ser aquilo um juízo de Deus muito evidente. Se aquella noite que o marinheiro disse que vira terra, acertara de ser pela manhã, ou o piloto não se desviara de noite dela, em nenhuma forma pudera perecer aquella gente, porque estariam, quando muito, dela oito léguas, e a nau deu muito largo espaço para o batel lançar aquella batelada de gente em terra e tornar pela que lhe ficava; e ainda puderam fazer mais, que fôra virem com a nau até encalhar, que ainda que fôsse duas léguas da terra, ficava-lhe mais perto para se levar tôda a gente no batel; e ainda que o não tiveram, em jangadas, que ali fariam todos com grande alvoroço à vista da terra, se poderiam salvar. Mas os pecados taparam os olhos a todos para não entenderem isto, e se perderem aquêles que nasceram para aquilo.

Ao outro dia pela manhã se chegaram bem à terra, e surgiram na quebrança do mar, por ser ali tudo limpo, e lançaram alguns marinheiros fora para irem ver se havia algumas povoações, os quais de cima de uns medões de areia enxergaram fogos, e indo-os demandar deram em umas palhoças em que moravam alguns cafres, que em vendo aquêles homens lançaram a fugir, mas tornando a conhecer serem portugueses, pela comunicação que com

êles tinham por causa do resgate de marfim que todos os anos ali vão fazer, tornaram logo a êles mui domésticos, e em sua companhia foram até à praia, sem se entenderem porque não falava nenhum deles nossa linguagem. Ventava neste tempo Ponente, pelo que assentaram todos de se irem de longo da costa até o rio de Lourenço Marques. E recolhendo os marinheiros começaram a navegar; mas como o vento foi crescendo, o fizeram os mares de feição, que lhes foi forçado vararem naquela praia, por não irem depois a fazê-lo em outra em que perigassem.

Encalhando o batel, puseram-se todos em terra com algum biscouto que levavam, e prepararam as espingardas e armas para alguma necessidade; aquela noite passaram entre uns medões de areia, onde fizeram seus fogos, e passaram com muito boa vigia. Era isto aos vinte e dois de Março, e ao outro dia puseram fogo ao batel para lhe tirarem a pregadura, por ser coisa estimada entre os cafres, para com ela fazerem seu resgate, e fizeram alforge de cotonias para o caminho, e fazendo algumas borrachas de couros (que acaso se lançaram no batel) para levarem água para o caminho. E fazendo resenha da gente, acharam-se noventa e oito pessoas (com mulheres) das quais nomearemos as de que tivemos notícia: o capitão Estêvão da Veiga, D. Paulo de Lima, D. Beatriz, sua mulher, Gregório Botelho, sua filha D. Mariana, mulher de Guterres de Monroy, D. Joana de Mendocha, mulher que foi de Gonçalo Gomes de Azevedo, Bernardim de Carvalho, Manoel Cabral da Veiga, Cristóvão Rebêlo Rodovalho, Nicolau da Silva, Diogo Lopes Leitão, um irmão da mulher de D. Paulo de Lima, Francisco Dorta, feitor da nau, António Caldeira, filho de Manoel Caldeira, o contador das naus, o padre Frei Nicolau do Rosário da Ordem dos Prêgadores, o padre Frei António, capucho leigo, Marcos Carneiro, mestre da nau, Gaspar

Fernandes, piloto, Diogo do Couto, que se tinha perdido na nau Santiago no Baixo da Judia, e outros marinheiros e grumetes. As armas que se acharam foram cinco espingardas, outras tantas espadas, um barril de pólvora, alguns murrões; e dos remos do batel fizeram hásteas de lanças, e por ferros lhes puseram verrumas dos carpinteiros; e o biscouto se repartiu por todos, a dois e três punhados cada um; e encheram as borrachas de água. E este foi o provimento para o caminho que determinavam fazer.

Aos vinte e três de Março começaram a caminhar, indo diante de todos o padre Frei António, capucho, com um crucifixo arvorado, e ordenaram das velas do batel dois andores amarrados em alguns remos para aquelas mulheres caminharem, as quais haviam de levar às costas os marinheiros e grumetes, a quem D. Paulo de Lima prometeu uma quantidade de dinheiro. As mulheres, a de D. Paulo e Guterres de Monroy, levavam jubões brancos, calções compridos até o chão e barretes vermelhos; só D. Joana de Mendocha ia vestida no hábito de S. Francisco, porque como ia com tenção de se meter freira em algum mosteiro de Santa Clara, quis vestir ali o seu hábito, porque se morresse naquele caminho fôsse nêle, e assim lhe ficassem seus desejos cumpridos em parte; e depois o cumpriu bem, porque já que na Índia lhe faltou mosteiro de Santa Clara em que se metesse naquele hábito seu, que nunca mais largou, se recolheu para Nossa Senhora do Cabo, onde fêz uma casinha, ou uma cela, em que se foi agasalhar, por estar perto dos padres Capuchos que ali fazem vida santa, e ela não menos que elles, e assim vive com tanto recolhimento e abstinência e oração, que em nenhuma clausura pudera ser mais, e sua vida e exemplo têm consolado esta cidade de Goa.

Primeiro que continuemos com o caminho que estes perdidos fizeram por esta Cafraria, nos pareceu bem fa-

zer uma breve descrição desta parte, porque de tôdas as mais a temos feita na nossa nona Década, onde tratámos da conquista das Minas do Ouro, que por ali andou fazendo o governador Francisco Barreto, e Vasco Fernandes Homem; e agora faremos desde êste lugar onde o batel encalhou até o Cabo das Correntes, onde chegámos, com a outra descrição dos reinos de Monomotapa e de todos os mais daquele sertão, e marítimos, desta Etiópia interior.

A esta parte, em que êste batel encalhou, chamam os nossos mareantes comumente Terra dos Fumos, e assim está nomeada nas nossas cartas de marear; o qual nome lhe foi pôsto pelos nossos que por ali primeiro passaram, pelos muitos fumos que de noite viram em terra; mas os cafres naturais lhe chamam Terra dos Macomates, por uns cafres assim chamados que vivem ao redor daquelas praias. Encalhou êste batel em vinte e sete graus e um têtço, adiante de um rio que nas nossas cartas anda sem nome, que está em vinte e sete graus e meio, ao qual os nossos que navegam de Moçambique para o rio de Lourenço Marques, ao resgate de marfim, chamam de Simão Dote, por um português dêste nome que a êle foi ter em um pangaio, o qual rio é pequeno e capaz só de embarcações pequenas, e será cinqüenta léguas afastado da baía de Lourenço Marques para o Sul.

Tôda esta terra dos Fumos é do Rei chamado Viragune, que se estende mais de trinta léguas para o sertão, e pela banda do Sul parte com outro chamado Mocalapapa, que se estende até o sertão do rio de Santa Luzia, que está em altura de vinte e oito graus e um quarto até a primeira terra do Natal, aonde se ajunta com outro reino do Vambe que corre para o Sul, aonde também os nossos vão fazer resgate de marfim.

E dêste reino, que toma muita parte da terra que chamam do Natal, até o Cabo de Boa Esperança não há Reis, e tudo é possuído de senhores que chamam Anco-

res, que são cabeças e regedores de três, quatro e cinco aldeias.

E tornando do reino de Viragune, que é tōda aquela Terra dos Fumos, vai o reino do Inhaca correndo ao Nordeste, o qual se estende até à Ponta da Baía de Lourenço Marques da banda do Sul, que está em altura de vinte e cinco graus e três quartos, e ainda senhoreia duas ilhas que estão na mesma ponta, uma chamada Choambone, que é povoada e tem sete aldeias, que será de quatro léguas, e tem muitas vacas, cabras e galinhas; a outra se chama Setimuro, que é despovoada, e será de duas léguas, na qual os nossos que ali vão ao resgate de marfim se aposentam, para estarem mais seguros dos negros da terra, porque o maior comércio que têm é com este Inhaca. Tem esta ilha muito boa água, muitos pescados e tartarugas, ainda que a casca não presta para nada.

E porque temos chegado a esta baía, que é famosa, e das principais de tōda a terra a que os geógrafos chamam África, faremos dela uma demonstração, para se verem melhor os Reis que vivem derredor dela. Finjamos uma borboleta que faz duas pontas; esta do Inhaca que dissemos, e outra da banda do Norte onde está o reino do Manhiça, de que logo falaremos. E será distância de uma bōca a outra de seis léguas, e de fundo da bōca para dentro catorze braças. No meio da baía faz uma ilha, a que os nossos puseram nome dos Pássaros, pelos muitos que ali há, tão grandes como patos, e tão gordos, que de suas inxúndias fazem azeite para as candeias e bitácolas dos navios. As asas desta borboleta, a da banda do Sul é o rio que vai cortando ao Sudoeste, sōbre o qual de uma e outra parte se estende o reino de Belingane, e assim se chama o rio; a outra asa, da banda do Norte, vai tirando direito a êle, é o rio do Manhiça, do qual o reino toma o nome, o qual rio é o maior de todos os que ali vem esbocar, e um dos que dissemos, na nossa oitava

Década na descrição do reino Monomotapa, que safa da alagoa grande, juntamente com o Nilo e outros; o qual rio se vai meter naquela parte a que chamam comumente Baía Fermosa, que é o próprio Rio do Espírito Santo. Aqui fazem os portugueses resgate de marfim, e têm ali sua feitoria, onde residem quatro meses do ano, que dura esta monção. O cabo desta borboleta, que se divide em duas farpas, são dous rios que da mesma maneira do cabo farpado vão meter-se naquela alagoa, que é o corpo desta borboleta; e sôbre a farpa da banda do Norte jaz o reino do Vumo, que foi o em que Manoel de Sousa Sepúlveda, quando por ali passou com sua mulher, largou as armas, como na sexta Década escrevemos, e onde êle e seus filhos morreram, e onde o mesmo Manoel de Sousa desapareceu, metendo-se, de mágua de ver a mulher e filhos mortos, pelos matos, onde parece foi comido das feras. Êste mato daí a alguns anos o mandou aquêlê Rei cortar e roçar para aproveitar aquêles campos, no qual dizem os cafres naturais que acharam dous aneis ricos de pedraria, que o Rei tem e mostra ainda hoje aos portugueses que ali vão resgatar; e de alguns sabemos estas cousas, e nos afirmaram que viram estes aneis; os quais verosimilmente se tem serem do mesmo Manoel de Sousa, que os levaria consigo nos dedos.

A outra farpa do cabo da borboleta, da banda do Sul, é um reino a que chamam Anzete; e há-se de saber que entre estes cafres tanto que um sucede no reino logo se hão de apellar do nome do reino em que sucede. Parte êste reino com umas grandes serranias de mais de vinte léguas, tão ásperas, intratáveis e fortes, por natureza, que não tem entrada senão por alguns passos muito difíceis; e em cima se estendem muito largas campinas, as quais são de um senhor chamado Monhimpeca, o qual por nenhum caso desce abaixo, nem comunica com os vizinhos, porque todos, uns e outros, são muito gran-

des ladrões. Há nestas serras infinitos elefantes, e este senhor tem grandes covas cheias de seus dentes, os quais nunca quis resgatar com os portugueses, porque se receia que mandando abaixo lhos tomem os vizinhos. Vive este cafre em cima muito seguro de tudo, e sem haver mister ninguém, porque a terra lhe dá em cima tudo o que lhe é necessário para passar a vida. Têm as gentes destas serras a mesma língua dos Vumos e Anzetes, seus vizinhos, e são todos comumente, assim homens como mulheres, tamanhos de corpos que parecem gigantes.

Estes dous rios que fazem as farpas do cabo da borboleta, dous dias de caminho donde se metem, lá em cima, formam outro rio, que atravessa do Anzete até o Vumo, e vai cortando aquela farpa pelo meio, sobre o qual vive um Rei chamado Angomanes, cujo reino se estende para o Ponente; e corre este rio pelo pé de umas serras a cuja fralda estão algumas povoações; e um português nos disse que, indo por este rio acima ao resgate em uma embarcação, fôra dar com as gentes destas povoações que andavam pescando em barcos pequenos, os quais viu que quando queriam alguma cousa da terra chegavam com seus barcos à parte que os podiam ouvir, e davam certos silvos e apitos, aos quais lhes acudiam os da aldeia com tudo o que queriam, porque por aquêles assobios se entendem, mas não deixam de ter língua própria, e muito diferente da tôdas as mais daqueles reinos.

E tornando à bôca do Rio do Espírito Santo, que é o focinho desta borboleta, ao Rio do Manhiça: dele corre um esteiro que vai tirando ao Sudoeste e corta aquela ponta que fica em Ilha, a que os nossos puseram nome do Mel, da qual vai correndo a costa direita até o Rio dos Reis, a que hoje os nossos chamam do Ouro, que está em altura de vinte e cinco graus, sobre o qual da banda do Ponente se estende um reino que chamam do Inhapula, e da outra banda o de Manuça, que é vassalo do outro.

Daqui vai encurvando a costa até o Cabo das Correntes, tanto que faz uma mui penetrante enseada, de que nas nossas cartas de marear se não faz demonstração, a qual quando os navios de Moçambique vão ao Rio de Lourenço Marques parece que atravessam um grande gôlfo, e de longo desta enseada vivem uns cafres chamados Mocrangas, grandes ladrões. No meio dela anda lançado um rio nas nossas cartas de marear, em vinte e quatro graus menos um quinto, a que chamam da Bazaruta, que ali não há, nem por tôda aquela costa algum dêste nome; só há ilhas da Bazaruta, que estão em vinte e um graus e meio, defronte da ponta que nas nossas cartas se chama de S. Sebastião, que está em altura de vinte e dous graus e um têrço, da qual já temos dado conta na nona Década, na descrição que atrás dissemos que tínhamos feito de tôda a Cafraria.

No sertão desta enseada dos Mocrangas há dous reinos, o de Manuça, que já nomeámos, que fica na parte que dissemos, o outro do Inhaboze que vai até um grande rio que se chama Inharingue, antes do Cabo das Correntes, que é o mesmo que acabamos de dizer que nas cartas de marear se chama da Bazaruta, mas está mais chegado ao Cabo das Correntes do que se vê nas mesmas cartas. Sôbre êste rio da banda do Ponente está o reino de Pande, vizinho ao de Inhabuze, o qual parte com o reino do Monhibene, que corre dele ao Norte, de longo do mesmo rio, o qual vai partir com outro reino que chamam do Javara, que fica para o sertão sôbre êste rio; e da outra banda há outros dous reinos: o de Gamboa mais para o mar, e o de Mocumba ao sertão. Todos estes reinos desta descrição são mui conhecidos dos portugueses que vão de Moçambique resgatar marfim àquêles reinos. Com o que concluimos aqui com êles. E porque não era fora de propósito tratarmos também dos bárbaros costumes e leis dêstes cafres, o não trato aqui porque é fora de minha

tenção, e só quero dar notícia do que aconteceu à gente da perdição no caminho, até chegarem ao Rio de Lourenço Marques.

Postos os nossos perdidos ao caminho, como atrás dissemos, foram de longo da praia muito devagar, por causa das mulheres, comendo do pouco biscouto que lavavam, e bebendo da pouca água das borrachas, que a maior parte dela se lhes tinha ido pelas costuras. E assim desta maneira, fazendo pousos, foram até noite que se recolheram a uns médãos de areia, onde se agasalharam, buscando em todo êste caminho sempre um lugar separado para as mulheres, e ali fizeram suas fogueiras e dormiram sôbre a dura areia, que não tinham outros colchões, nem outros cobertores, mais que o céu. Ao outro dia tornaram a seu caminho, sem levarem já que comer nem beber, e pela praia foram tomando alguns caranguejos que comiam assados, indo as mulheres já mui cansados, e sôbre tôdas bem desconsolada D. Joana de Menoça, que as outras duas, uma levava seu marido, e outra seu pai, que as iam ajudando e consolando o melhor que podiam; só esta dona ia desabrigada e magoada, porque não levava entre tôda aquela gente uma pessoa de sua obrigação que em um tal trabalho a pudesse socorrer. Mas como Deus Nosso Senhor tinha os olhos nela, por ela levar todo o seu coração pôsto nele, quis êle que se compadecesse dela Bernardim de Carvalho, fidalgo de muita virtude, o qual vendo-a só e cansada se chegou a ela a lhe dar a mão, com tamanha honestidade como se devia a uma mulher que tanto se tinha morta às cousas do mundo, que o próprio dia que pôs os pés em terra vestiu o hábito de S. Francisco e cortou seus fermosos cabelos, fazendo deles sacrificio ao mesmo Deus, deixando-os por aquelas partes entregues aos ventos, que os levaram; e assim por todo o caminho, enquanto durou, deu tal exemplo de si, que levava admirados a todos. E êste fidalgo a foi ser-

vindo com tanto amor e resguardo, por ver nela aquela mortificação, que esquecido dos seus trabalhos tomou tanto os outros à sua conta, que não sei pai nem irmão que mais o pudera fazer. Assim foram caminhando com grande trabalho das mulheres, que já levavam os pés empolados e feitos chagas, o que foi causa de irem tão devagar que ao terceiro dia da jornada trataram algumas pessoas de se adiantarem, por não se atreverem com caminho tão vagoroso e tão falto de tudo, que não comiam senão caranguejos e alguma fruta do mato, e algumas cousas poucas que foram resgatando com os cafres.

A esta desordem dos que se queriam adiantar acudiram o capitão e D. Paulo de Lima, e com palavras de muita obrigação os persuadiram a se deixarem ir, afirmando-lhes que Deus os socorreria; e assim dali em diante levaram melhor ordem porque se repartiram em duas esquadras; Paulo de Lima, com a ametade da gente, adiante, com as armas; o capitão Estêvão da Veiga com a outra, detrás; e as mulheres no meio, que iam tais que cortavam os corações de todos; e assim se foram compassando com elas. Já neste tempo, que era ao segundo dia, iam seguidos de alguns cafres, que seriam perto de trezentos, que parece levavam os olhos em alguns barretes e naquela pouquidade que viam, e assim se foram chegando pouco e pouco até se desavergonharem a se atravessarem diante e acometerem os nossos, fazendo suas algazarras e meneando armas, a que êles chamam pemberar. O capitão e D. Paulo de Lima, vendo aquela determinação, puseram-se em um corpo, deitando pela banda de fora as espingardas e lanças, levando sempre as mulheres no meio, e foram acometer os cafres que já vinham com grandes gritos e alaridos arremetendo com os nossos, deitando sôbre êles muitos arremços de paus tostados, a que chamam fimbos, que derrubam um boi se lhe acertam, dos quais os nossos não receberam dano;

e disparando nêles as espingardas, em ouvindo o estrondo houveram tamanho mêdo, que todos juntos se deitaram pelo chão, e de gatinhas, como bugios, em saltos, foram fugindo para os matos, com o que os nossos ficaram livres deles e foram continuando seu caminho.

No mesmo dia lhes saíram por entre umas quebradas de umas serras outro magote de cafres, entre os quais vinha um muito vêlho com barba tôda branca, coberto com uma pele de tigre, e junto a êle uma cafra que parecia sua mulher. Chegando muito domésticos aos nossos, lhes disseram por acenos que os seguissem, o que fizeram, cuidando que era senhor de alguma aldeia; e foram pelo mesmo caminho que êles trouxeram, pelo qual foram com trabalho, por ser um pouco áspero, até chegarem a uma povoação que estava ao longo de uma alagoa de mais de uma légua de comprido. O cafre lhes ofereceu gasalhado, que êles aceitaram, onde repousaram o que ficava do dia e tôda a noite sem inquietação alguma; e as cafras da aldeia acudiram a ver aquelas mulheres como cousa de espanto, e tôda a noite lhes fizeram muitas festas e bailes, que lhes elas perdoaram, porque com a matinada as não deixaram dormir, tendo bem grande necessidade de algum repouso. Aqui lhes trouxeram galinhas, cabras, peixe crú e assado, massa de farinha de milho, de que faziam bolos, que tudo lhes resgataram por pedaços de pregos e algumas camisas que para isso tiravam dos corpos. Passaram aqui até o outro dia, naquela rústica recreação, e tomou o pilôto o sol e achou estar aquela alagoa em vinte e seis graus e meio do Sul.

É esta alagoa de água doce, mas entra nela a maré por um riacho, que de baixamar se passa pelo joelho, porque na bôca faz o mar grande quebrança, e por esta causa a água da alagoa é um pouco salobra, mas há naquella parte muitos poços de que bebem. Êste dia foi de Ramos, e pelo muito gasalhado que aqui receberam puse-

ram àquele rio o nome de Abundância. Ao outro dia tornaram a buscar a praia, pela qual acharam algumas aduelas de pipas, e um pau de serra, e pedaços de tábuas e de outros paus. E os cafres que iam acompanhando os nossos lhes disseram que aquilo fôra dos portuguezes que ali aportaram; pelo que pareceu a todos que seria alguma das jangadas da nau Santiago que a corrente da água levaria àquela parte, porque algumas fizeram, mas não se soube mais que de duas. O mor trabalho que os nossos padeceram por êste caminho da praia foi a sêde, que os apertava tanto que se tornaram a meter pelo sertão, ainda que fôsse com mor trabalho.

Ao outro dia que partiram do Rio da Abundância foram dar com outro riacho que ia meter-se em outra alagoa não menor que a passada, a qual passaram de baixamar, e nele tomou o piloto ao outro dia o sol e achou-se em vinte e seis graus e um quarto. Daqui por diante foram entrando pelas terras do Rei de Manhiça, de que na descrição atrás falámos, o qual já tinha aviso daquela gente, e os mandou acompanhar por alguns homens seus que os festejaram muito, e êles se alegraram em extrêmo com um cafre que lhes falou portuguezes muito claro, e lhes disse que havia menos de dez dias que se tinha partido do rio de Lourenço Marques uma naveta para Moçambique, da qual era capitão um Jerónimo Leitão, que levava muito marfim. Assim neste alvorôço chegaram à povoação, e à entrada dela se assentaram à sombra de uma árvore, aonde acudiu tôda a aldeia, assim homens como mulheres, a ver os nossos, ficando como pasmados de ver as mulheres, cousa que nunca viram; e as cafras, vendo-as tão cansadas e maltratadas, faziam mostras de compaixão, e chegando-se a elas lhes faziam mimos e carícias, oferecendo-lhes suas casas, e ainda as queriam levar logo consigo. Não tardou muito El-Rei, que logo chegou acompanhado de muita gente; vinha nú, e encachado com

um pano que lhe cobria as partes inferiores, e coberto com um ferragoulo de pano verdoso que lhe o alferes-mor D. Jorge de Menezes tinha mandado de Moçambique, sendo capitão D. Paulo de Lima. O capitão e todos os mais se levantaram e o receberam com grandes cortesias e êle com o rosto muito alegre os abraçou e se assentou com êles ao pé da árvore, onde os nossos lhe contaram sua desventura e trabalhos do caminho, e que todos vinham mui alvoroçados por chegarem a êle, porque sabiam quão amigo era dos portuguezes e que nêle esperavam achar remédio para suas necessidades. El-Rei os ouviu muito bem e lhes mandou responder humanamente, condoendo-se deles, e lhes ofereceu tudo o que houvesse em sua terra. E porque lhes pareceu razão darem a êste homem alguma cousa de presente (porque êstes homens sempre estão com os olhos nas mãos para verem se levais que lhes dar), buscando entre todos alguma cousa para lhe darem, acharam um pano lavrado de ouro com que D. Mariana se cobria, e uma bacia de cobre, cousa que êles muito estimam, e um pedaço de ferro grosso; e tudo lhe ofereceram, mandando-lhe dizer que lhes perdoasse, que não salvaram mais que suas pessoas, como êle via, e que ainda aquêle pano tomavam àquela mulher; e assim lho lançaram por cima das costas, com o que ficou tão ufano que olhava para si de uma e outra parte, e de alegre se ria para os cafres, havendo que aquêle era o dia de seu maior triunfo. E logo deu recado aos seus para que lhes trouxessem alguma cousa de comer, os quais tornaram logo com dois balaios de um legume a que chamam ameixoeira, e uma cabra, e lhes pediu ficassem naquela aldeia, que nela os proveria como pudesse até para o ano vir o navio do resgate; e que era de parecer se não arriscassem por terra, porque de longo daquela baía por onde haviam de passar viviam uns cafres grandes ladrões, que os haviam de roubar e matar, e que já seu pai avisara

disso a Manoel de Sousa Sepúlveda quando por ali passara, e que por não seguir seu conselho se perdera; dizendo mais aos nossos que, se não se haviam por seguros naquela aldeia, que elle os mandaria pôr em uma ilha onde achariam ainda as casas em que os portuguezes viviam, quando ali vinham ao resgate do marfim, e uma embarcação pequena para seu serviço, e que lá os mandaria prover do que houvessem mister. Êles lho tiveram em mercê e lhe aceitaram o conselho, pedindo-lhe que os encaminhasse à ilha, e licença sua para logo ao outro dia se passarem para ella. El-Rei logo assim que se tomou tão apressada resolução, deixando-lhes pessoas para os acompanhar até os porem na ilha, se recolheu, e os nossos se saíram da aldeia e foram passar a noite fora do campo, com grandes atalaias e fogos, e ali fizeram seus bolos, e guisaram seu comer, e os cafres lhes levaram a vender galinhas, grãos, feijões e outras coisas.

Era isto em quinta-feira de Endoenças, pela qual razão não se quiseram mudar dali até dia de Páscoa da Ressurreição, que caíu a dois de Abril. Êste dia começaram a caminhar com mais fôlego, mas não sem trabalho; porque lhes choveu tanta água que os tratou mal, e à segunda oitava foram à vista da Baía do Espírito Santo, e por ser tarde se alojaram aquella noite o melhor que puderam, e ao outro dia se chegaram ao mar, e os cafres que os guiavam fizeram sinal aos da ilha, que estava perto, os quais logo acudiram com duas almadias pequenas, em que passaram à ilha naquele dia e no outro, e por ella caminharam uma légua, achando-a tôda coberta de formoso arvoredado e de pastos mui vistosos nos quais se apascentava muito formoso gado d'El-Rei, e lá no cabo da ilha sôbre a baía acharam algumas casas palhaças em que se agasalharam; e ao outro dia passaram daquella ilha a outra, de baixamar, com a água pela cinta, a qual se chama Setimino, de que falámos em outra parte, onde

acharam mais de cinqüenta choupanas que os portuguezes do resgate deixaram feitas, e nelas se agasalharam como melhor puderam. Aqui acharam duas embarcações pequenas, e vistas pelos officiais da nau acharam que estavam mui boas para se poderem passar à outra banda da baía, que era tão larga, que se não enxergava a terra de uma parte para a outra, e alvidraram que uma, que era mais capaz, poderia recolher sessenta pessoas, e a pequena quinze, com o que todos ficaram alegres, porque haviam que como se vissem da outra parte teriam mais remédio para passar a Sofala; e assim começou o carpinteiro a consertar as embarcações, e mandaram pedir para isso licença ao Manhiça e algumas peças de prata, das poucas que se salvaram, o qual lhas mandou; e foram preparando tudo para a passagem.

Tendo tudo prestes para a passagem, aos dezoito de Abril se começaram a embarcar em ambas as embarcações, cuidando que fôsem capazes de levar todos; e tanto que a gente se começou a embarcar começaram elas a encher-se de água, de feição que os que estavam dentro bradavam que os pusessem em terra, porque se iam ao fundo. Assim se tornaram a desembarcar todos molhados e desconsolados, e a recolher nas choupanas, desengoados do remédio que cuidavam ter. Os marinheiros, todos em um corpo, pediram que lhes dessem as embarcações, que se queriam aventurar nelas e que levariam recado ao Inhabane, onde pode ser se negociasse algum pangaio para os ir buscar. Sôbre isto se começaram a alterar razões de parte a parte, com gritos e demasias da parte desta gente, que nesta carreira é muito alterada; não querendo os nobres e soldados que lhes dessem as embarcações, assim por não ficarem desabrigados sem elas, como por se não dividirem aquêles homens, porque a salvação de todos estava em irem juntos e unidos, sôbre que houve tantas porfias e sobejidões, que parecia um labi-

rinto e confusão, sem se acabarem de entender nem determinar.

Já êste tempo estava D. Paulo de Lima recolhido com sua mulher em uma choupana, porque como desconfiou de passar à outra parte, não quis tratar de nenhuma outra coisa mais que de se encomendar a Deus, sem querer ver o que ia fora, nem acudir a nada. O capitão e Bernardim de Carvalho, com os mais nobres, mestre e piloto, sabendo o modo de como estava, foram ter com êle, e lhe pediram os não quisesse desamparar de seu conselho, porque todos estavam apostados a não seguirem senão sua ordem e o acompanharem, ou ali ou por onde quer que fôsse. D. Paulo de Lima, como estava resoluto em se deixar ali ficar e se entregar nas mãos de Deus para o que dele ordenasse, lhes pediu que o deixassem, que era velho e cansado, e que se via com sua mulher naqueles trabalhos, que estava determinado de fazer ali a vida eremítica, e passar o que dela lhe restasse em penitência de seus pecados; que lá se aviessem, que só lhes afirmava que qualquer gente que se passasse da outra banda, e ainda que êle fôsse de envolta, que tanto que se vissem da outra parte o haviam de desamparar e adiantarem-se; e que para depois se ver com sua mulher só por praias desertas e inhabitáveis, que antes se queria deixar estar ali até ver o que Deus tinha dêle determinado; que quem se quisesse passar o fizesse em boa hora, porque êle já não queria tratar mais que da salvação da alma, que para o corpo qualquer parte da terra lhe bastava. Estas palavras, que êle não disse sem lágrimas, que lhe corriam por suas venerandas barbas, magoaram a todos tanto, que se não puderam ter não chorassem com êle, e assim entre elas e soluços lhe pediram aquelas pessoas a quem êle podia ter mais respeito que se quisesse consolar, e que se lembrasse daquele seu tão grande ânimo com que, em tôdas as cousas em que lhe

Deus Nosso Senhor tinha feito tantas mercês e dado tantas vitórias, se assinalara tanto; e que pois êle com tanto esforço o dotara também de um muito vivo e esperto saber e conselho, que naquele transe em que lhe era mais necessário não se havia assim de entregar nas mãos da ventura, que seria tentar ao mesmo Deus, que de tantas partes o dotara; que êle, que o tinha guardado até ali, o faria até o levar à terra de cristãos, onde melhor poderia satisfazer o seu pensamento; que quisesse para isso tratar do que convinha à sua vida e de sua mulher, pela qual a havia de poupar muito, porque se êle morresse de puro pesar, como não estava muito longe, que na outra vida lhe pediriam conta de ser única ocasião de a deixar no meio daqueles brutos desamparada e arriscada a uma desesperação; que todos os que ali estavam se lhe ofereciam e davam sua fé de nunca jamais em nenhuma ocasião e tempo o desampararem, e seguirem sua mesma fortuna, a qual por onde quer que o levasse a êle os levaria a êles; e que fizesse conta com sua consciência, e que visse que se punha a risco sua alma em se entregar assim à morte por sua própria vontade, o que seria tentar a Deus, do qual parecia que desconfiava naquela parte, sabendo êle certo que sua misericórdia não era limitada; e que se não deixasse assim vencer da fortuna, que sempre tôda a vida trouxera de baixo dos pés.

Depois daqueles fidalgos lhe dizerem estas cousas lhe ofereceu o mestre da nau, como cabeça de tôda a gente do mar, em nome de todos, de nunca em nenhum trabalho o deixarem, e de sempre o acompanharem até perderem por êle a vida, e que os marinheiros mais são se lhe ofereciam a lhe levar sua mulher em um andor e servirem-na por todo o caminho por onde fôssem, como era razão. A estas coisas não pôde D. Paulo de Lima deixar de se mover, e de se entregar nas mãos de todos;

e logo ali com seu parecer assentaram que passasse a metade da gente na primeira barcada, com a qual fôsse o capitão Estêvão da Veiga, e que, como ficassem da outra parte, tornassem as embarcações pelos que ficassem, o que logo se fêz; e o capitão com o piloto se embarcou na embarcação maior com quarenta e cinco pessoas, em que entravam o guardião, o sota-piloto Diogo Lopes Leitão, Francisco Dorta, feitor da nau, e António Caldeira; tôda a mais gente era do mar. Na outra barca mais pequena se embarcou o mestre com quinze pessoas, em que entravam um filho seu, o padre Frei Nicolau do Rosário da Ordem dos Prêgadores, e tôda a mais gente da ordinária. Ficaram na ilha trinta e seis pessoas, que eram os fidalgos e cavaleiros que não quiseram largar a D. Paulo, com o qual ficaram também as outras donas.

Afastadas as embarcações da terra, deram à vela e foram atravessando à outra banda, e ao pôr do sol ferraram terra, uma légua do rio do Manhiça para Leste, o que souberam de uns cafres que ali encontraram. E porque o vento lhes acalmou, surgiram ali aquella noite, que êste foi o êrro desta viagem e causa dos trabalhos que ao diante se verão, que tudo nasceu de pouparem um pequeno de trabalho, porque, se tomaram o remo na mão, fâcilmente puderam entrar para dentro e ir buscar o rio do Inhaca, que lhe não ficava atrás mais de uma légua. Enfim surtos, ali passaram tôda a noite; e tanto que amanheceu começou a ventar Ponente da banda do Sudoeste, que lhes ficava contrário para tornarem ao rio, com o que houveram por melhor parecer irem correndo a costa até o Rio do Ouro, que era dali treze ou catorze léguas, e que, como o vento se mudasse, poderiam tornar pelos que ficavam na ilha; e assim foram correndo a costa, que era muito limpa; mas sôbre a tarde lhes foi o vento escasseando até se pôr em Sul-sueste, que fica na-

quela costa sendo travessão, com o qual foram rolando para a terra até os pôr na quebraça do mar; pelo que lhes foi forçado aos da embarcação grande virarem a outro bordo, mas a mais pequena surgiu, e por lhe quebrarem as cordas, que eram de hervas, tornaram a dar à vela, com que foram um pouco sem surdirem àvante, antes se acharam no rôlo do mar; pelo que se afastaram e se tornaram a marear melhor, e por boa indústria do mestre, e Deus assim o ordenar, foram metendo tanto de ló, que vingaram as pontas e foram tomar a bôca do rio do Inhaca já pela manhã, e em terra acharam por novas que na povoação em que El-Rei vivia, doze léguas pelo rio acima, estavam alguns portugueses; e com êste alvôção tomaram o remo, e com assaz trabalho, por irem todos mui fracos, foram entrando pelo rio, e em dois dias chegaram à povoação, aonde acudiu logo Jerónimo Leitão com alguns companheiros, que haveria um mês tinham partido do rio de Lourenço Marques, como atrás dissemos, com um pangaio carregado de marfim, com que tinham dado à costa no Rio do Ouro, onde foram roubados, e se tinham passado para a povoação daquele Inhaca, por ter conhecimento dêle. E em se vendo, se abraçaram com muitas lágrimas e amor, dando-se uns aos outros conta de seus trabalhos; e dali foram levados a El-Rei, que os recebeu bem, consolou, e mandou agasalhar.

E porque não sabiam que seria feito da embarcação em que ia o capitão, assentou o mestre, com parecer de Jerónimo Leitão, que se mandasse aquela almadia por que soubesse o que lhe tinha acontecido, por que não desconfiasse de todo; e elegeram três pessoas para irem na almadia, duas da companhia de Jerónimo Leitão e outra da do mestre, e mandaram dizer a D. Paulo que logo se passasse à outra banda, porque a terra era boa, e que estariam mais à sua vontade até vir embarcação de So-

fala, que logo mandaram pedir porque juntamente com a almadia despediu Jerónimo Leitão um seu moço, com um marinheiro mouro da naveta que se perdeu, com cartas ao capitão daquela fortaleza, em que lhe dava conta da perdição da nau e da gente que dela escapara, e de tudo o mais que lhe era acontecido, e assim da sua, pedindo-lhe mandasse logo um pangaio em que se fôsem. E assim deixaremos uns e outros, por continuarmos com os que estavam na ilha, os quais, vendo que as almadias não tornavam em sete, oito e dez dias, não sabendo a que o atribuissem, mais que ao descuido do capitão, o sentiu D. Paulo muito, e de apaixonado se destemperou contra êle, e não se sabendo determinar passou muitos dias em grandes melencolias, e o mesmo aconteceu a todos, que foram desconfiando de terem o remédio que esperavam nas embarcações para se tirarem daquela ilha, assim por faltar já o mantimento, como por irem adoecendo algumas pessoas. E sendo já passado quasi um mês, e que não havia novas da outra gente, tomando parecer todos entre si do que fariam, assentaram que, pois não podiam ter navio de Moçambique senão dali a um ano, que caminhassem por terra e rodeassem aquela baía, porque, se ali haviam de ficar morrendo à fome e de doença, que menos mal era arriscarem-se aos trabalhos do caminho, encomendando-se a Deus, que êle os guiaria.

Com esta resolução mandaram recado ao Manhiça daquela determinação, e a pedir-lhe os aconselhasse e lhes desse licença para se partirem dali. A êste recado lhes mandou responder que lhes não havia de aconselhar tal jornada, pelo grande risco que por aquêle caminho correriam, porque já agora estavam divididos, e que se estiveram juntos (inda que não sem risco) então lho poderia aconselhar; e que, se aquilo era porque lhes faltassem mantimentos, que êle os mandaria prover o melhor que pudesse, como sempre fizera; e que, se todavia a êles

parecesse bem aquela jornada, a fizessem muito embora, que elle lha não havia de estorvar, por que se não dissesse que os queria represar em sua terra. Com esta resposta ficaram os nossos suspensos e atalhados, sem se saberem determinar no que fariam. Neste mesmo tempo chegou a almadia, que mandava o mestre e Jerónimo Leitão, à qual, quando a viram vir pelo mar, acudiram à praia, como se nela lhes viera todo o seu remédio; e desembarcados estes homens foram levados nos braços de todos com grandes lágrimas de alvoroço. Dali foram a D. Paulo de Lima, que estava em sua choupana. Dêles souberam o que sucedera às embarcações, e que da de Estêvão da Veiga não sabiam dar novas, e lhas deram de tudo o mais que lhes tinha sucedido, e que o mestre e Jerónimo Leitão lhes pediam se passassem logo da outra banda, porque além da terra ser de um Rei amigo dos portuguezes, era muito abastada de tudo.

Com estas novas ficou D. Paulo de Lima muito alvoroçado, e logo tratou de sua partida; mas, porque não cabiam na almadia mais de catorze pessoas, fêz eleição dos que haviam de ir e ficar, e na primeira barcada coube a sorte a elle com sua mulher e seu irmão, Manoel Cabral da Veiga, Cristóvão Rebêlo, e outras pessoas, que prefaziam o número, ficando em terra para a outra barcada Bernardim de Carvalho, que estava muito doente, Gregório Botelho, sua filha D. Mariana, e com ella D. Joana de Mendoça por se agasalharem sempre ambas por não terem maridos, e outras pessoas. Apartada a almadia da terra, no mesmo dia foi tomar a bôca do rio do Inhaca, e por elle foram caminhando três dias. E chegando ao lugar foram mui festejados del-Rei e dos portuguezes, e ali se agasalharam todos em pobres casinhas, sem mais alfaias que algumas esteiras, e outros palha sêca. E tratando de tornarem a mandar a almadia, não houve entre todos quem qui-

sesse ir nela, por estarem fracos e começarem logo a adoecer de febres.

Os que ficaram na ilha aguardaram até o quinto e sexto dia pela embarcação; e como lhes faltou nêles, andavam como pasmados sem se saberem determinar em nada nem haver quem os aconselhasse e animasse, porque Bernardim de Carvalho, que o podia fazer, estava muito mal de febres, e como lhe faltaram os remédios e êle não tinha outro mimo que umas papas de ameixoira e o duro chão em que repousava, cansou a natureza e entregou-se nas mãos da morte, na qual hora êle deu mostras de muito bom cristão, na grande paciência com que por amor de Deus a sofria e no arrependimento que mostrou de seus pecados.

Foi sua morte muito sentida e chorada de todos, por ser um fidalgo muito brando e de partes e qualidades mui esmeradas e que em todos os trabalhos teve sempre o maior quinhão, acudindo a tôda a hora a todos em suas maiores necessidades, principalmente a D. Joana de Mendoça, que, como dissemos, pela ver só, se chegou a ela, e a acompanhou e serviu por todo aquêle caminho, com tanto resguardo, honra e virtude, que fêz pasmar a todos, principalmente naquela ilha, porque êle ia ao mato cortar lenha para ela, e a trazia sôbre suas costas, ia à fonte acarretar água; a galinha, quando se resgatava, êle a matava, depenava e guisava, comendo dela Gregório Botelho, sua filha D. Mariana e D. Joana de Mendoça, ficando a êle sempre o menor quinhão, e ainda dêste guardava uma peça para D. Joana, para a noite ou para o outro dia. E seguindo os mais da companhia, de puro trabalho morreu. E, o que é mais para lastimar, que sua morte foi certamente do mais miserável mal que podia ser, porque estava coberto de piolhos, que o seu corpo criou da humidade do chão e do suor dos trabalhos. Foi enterrado ao pé de uma Cruz, que ali tinham os nossos,

nu, na terra nua, com um piedoso pranto de todos, principalmente de D. Joana de Mendonça, que o sentiu como se fôra seu próprio pai, pelo muito que lhe devia e pela falta que em seus trabalhos lhe havia de fazer, ficando muito desconsolada, sem lhe ficar quem dela se condoesse senão Gregório Botelho e sua filha D. Mariana com quem ela se agasalhava por honestidade.

Faleceram mais algumas pessoas, em que entrou o contra-mestre e calafate. E porque totalmente lhes faltava com que resgatarem o de que tinham necessidade, passaram-se a outra ilha que era povoada, donde mandaram recado ao Manhiça do que lhes acontecera e das grandes necessidades em que ficavam, pedindo-lhe os mandasse prover do necessário até vir o pangaio do resgate, donde se lhe pagaria tudo muito bem. E lhes mandou dizer que se fôssem para a sua povoação, porque estando perto dêle saberia do que tinham necessidade para se lhes dar, porque estando tão afastados não podia saber se lhes dariam o que êle mandasse. Com êste recado estiveram abalados a se passarem para lá, ainda que alguns o contradiziam; e todavia deixaram-se por então ficar. E nós também o faremos aqui, por continuarmos com a outra embarcação em que ia o capitão Estêvão da Veiga.

Agora continuaremos com esta embarcação que deixámos com o vento travessão que lhe deu, com o qual se fizeram em outra volta, mas não puderam vingar nada, antes se acharam sôbre o rôlo do mar, que os tratava muito mal. Pelo que se enganaram e assentaram ser forçado dar à costa, antes que a lua se pusesse, porque era isto de noite, que depois o poderiam fazer em parte em que todos perigassem; e assim foram encalhar em uma praia de areia, onde se deixaram ficar o que restava da noite com fogueiras que fizeram, e com duas espingardas cevadas para se fôssem necessárias.

Ao outro dia, tanto que amanheceu, foram seguindo seu caminho para o Rio do Ouro, seguidos já de muitos cafres, que logo acudiram e os foram inquietando e acometendo muitas vezes, até se desavergonharem tanto, que lhes tiraram os barretes das cabeças e os alforges das costas, tudo de pulo, com uma ligeireza como de bugios, sem os nossos os poderem afastar de si por muitas vezes que os acometeram. E assim neste trabalho, e com grande cansaço do corpo chegaram ao Rio do Ouro tão cansados que não podiam dar um passo, indo a este tempo já com eles um cafre chamado Inhatembe, de casa de El-Rei, homem conhecido dos portuguezes e que já tinha ido a Moçambique, que os guiou até à povoação, onde entraram com uma hora de noite, na qual pousava o Rei Inhapula, de que na descrição desta terra falámos, o qual os saúu a receber humanamente e os mandou agasalhar a todos em uma casa grande. E lhes deram algumas coisas da terra para comerem, mas resgatando-as com pedaços de pregos.

Ao outro dia foram visitar o Rei e lhe deram conta de seus trabalhos, e pediram os mandasse acompanhar até Inhabane por alguma pessoa fiel, que ali achariam com que lhe pagar. El-Rei os consolou e lhes deu o mesmo Inhatembe, que com eles chegara ali, o qual era Xeque; em satisfação do que lhe deram um chapéu pardo, que êle estimou muito, e ali se deixaram ficar três dias, nos quais adoeceram alguns companheiros de febres; e por se charem logo mal cinco ou seis, foi necessário deixarem-nos ali para que tendo melhoria se fôsem a Inhabane, para o que mandaram pedir licença a el-Rei, que êle lhes deu. E assim se puseram ao caminho, indo os mais dêles em estado que se não podiam bulir, principalmente o pilôto da nau, Gaspar Gonçalves, que ia no cabo. Êste dia foram ter a uma aldeia do Xeque que com êle ia, que os agasalhou muito bem, e ali ficaram

aquela noite. No dia seguinte lhes chegou pela posta um cafre com recado de el-Rei Inhapula, que logo tornassem à sua aldeia e tirassem dela um português que morrera e levassem os doentes, porque não queriam ali ver nenhum morto, porque o sol se enojou contra êles, e se esconderia e não deixaria chover sôbre a terra, que não daria frutos nem mantimentos todo aquêlo ano. Isto diziam porque tinham para si que os portugueses, porque os viam alvos e louros, eram filhos do sol. Estêvão da Veiga ficou muito enfadado com aquêlo recado, e foi necessário mandar alguns dos que estavam mais sãos que fôsem àquêlo negócio, os quais, chegando lá, querendo enterrar o morto não o consentiram, antes logo com muita pressa lho fizeram tirar da aldeia quási a rastos, e os doentes às costas; e fora, no mato, deixaram o morto coberto com uma pouca de terra; e dos doentes souberam que tanto que os cafres os viram com a febre (que deu a todos como modorra sem bulirem com pés nem mãos), que cuidando serem mortos lhes puseram fogo nos pés para ver se buliam. E deixando o morto, levaram os doentes consigo até a povoação em que os nossos estavam.

Ao outro dia passaram o Rio do Ouro à outra parte, o qual seria de um tiro de espingarda de largura, em cuja barra quebra o mar todo em flor, e dentro não é capaz senão de vasilhas pequenas, e está em altura de vinte e cinco graus, e à borda dêle deixaram companheiros já no cabo com os derradeiros arrancos, dos quais se apartaram com grande dor e compaixão, acompanhando-os enquanto tiveram sentimento para lhes fazerem lembrança das coisas da alma e lhes repetirem o Santíssimo Nome de Jesus. Oh! por quão bem afortunados se podem ter aquêles que ficaram na nau, que todos os seus trabalhos se concluíram em um momento, e por quão infelices se podem julgar estes, que cuidaram ter melhor sorte em escaparem dela, porque seus trabalhos, ris-

cos, perigos, e enfim morte, lhes veio tudo a ser mais penoso e de mais duro! E certo que cuido que por isso só respondeu aquêlê filósofo a um, que lhe perguntou que coisa era morte, dizendo-lhe assim: «Morte é um sonho eterno, um espanto de ricos, um apartamento de amigos, uma incerta peregrinação, um ladrão do homem, um fim dos que vivem, e um princípio dos que morrem» — porque tudo isto se achará nos desta perdição; porque ¿que maior sonho e que maior espanto de ricos há, que o que estes viram em si? Um dia tão ricos e contentes, indo fazendo sua viagem com uma nau tão potente, tão rica e cheia de louçainhas, e ao outro sumir-se-lhes debaixo dos pés, e ir-se entesourar tudo nas entranhas do mar. ¿Que mais lastimoso apartamento de amigos, que o que aqui viram estes, deixando-os por aquelas praias acabando seu termo, sem outra consolação e companhia que a solidão daquelas bárbaras areias? ¿Que mais incerta peregrinação, que esta que por aqui vão fazendo, vendo-se cada hora em tantos riscos e perigos, e tudo, enfim, por esta maneira tão lastimoso, que se por aquelas areias houvera tigres e leões, certo que se puderam compadecer mais dêles do que o fizeram daquele escravo Androdo, a quem um leão em África sustentou tantos tempos em uma cova por estar manco com um estrepe metido por um pé, o qual lhe o leão tirou, e lambendo a chaga com sua língua o sarou. Estas desaventuras e outras, que cada dia se vêem por esta carreira da Índia, puderam servir de balizas aos homens, principalmente aos fidalgos capitães de fortalezas, para nelas se moderarem, e contentarem com o que Deus boamente lhes der, e deixarem viver os pobres, porque o sol no céu e a água na fonte não os dá Deus só para os grandes. Repetimos tantas vezes esta matéria pelo discurso das nossas Décadas, porque as grandes deshumanidades e injustiças, que cada dia vemos usar por essas fortalezas

com os pequenos delas, nos têm bem scandalizado; mas Deus é tão justo, que já que os Reis se descuidam com o castigo, o faz êle com mão tanto mais pesada, quanto sua justiça é mor que a dos homens.

E tornando aos perdidos: depois de passarem o Rio do Ouro foram ter ao reino do Mamuça, que os agasalhou muito bem, e ficaram ali três dias, nos quais lhes morreram cinco ou seis companheiros, da péssima água que acharam, que tôda era limos e sujidade, cujos corpos os negros da aldeia fizeram logo tirar fora com tanta pressa, que a rastos os levaram até os deitarem entre uns brejos, e entre estes foi também o piloto Gaspar Gonçalves, que escapou da perdição da nau Santiago nos Baixos da Judia para vir a morrer nestas partes com a maior descon-solação que se podia imaginar.

Daqui se partiram os que ficaram, acompanhados de dois filhos daquele Rei, que por aquêle caminho os livra-ram de muitos perigos e traições que os cafres lhes orde-naram. Neste dia deixaram outros dois companheiros estirados nos matos, por já não poderem caminhar, de fracos e mortais, dos quais amigos se despediram com assaz de lágrimas e descon-solações. Aquela noite chega-ram a uma aldeia de um cafre chamado Inhabuze, onde se agasalharam, e dali foram ter ao reino do Panda, mais chegado ao Cabo das Correntes, a que os de Moçambique comumente chamam Imbane; e aquêle Rei os agasa-lhou muito bem, e os não deixou partir dali senão ao quinto dia, por ser muito antigo costume seu fazerem ali deter os amigos para lhes mostrarem o amor que lhes têm, nos quais os banqueteam e fazem muitas festas, como fizeram a estes perdidos, porque aquêle Rei é muito amigo dos portugueses, pelo comércio e comunicação que tem com os de Moçambique.

Dali se partiram acompanhados de um filho de el-Rei, e aos onze dias de Maio, dia em que cafu a As-

censão do Senhor, chegaram a outro rio tamanho como o do Ouro, que está em altura de vinte e quatro graus e meio, o qual divide os reinos do Panda e Gamba; e passando-se à outra banda foram ter à cidade d'este Rei Gamba, que seria do rio légua e meia, o qual por saber já de sua vinda os mandou receber e agasalhar muito bem. Êste Rei e seus filhos eram cristãos baptizados pelo padre Gonçalo da Silveira, da Companhia de Jesus, que no ano de 1560 e 561 andou por aquelas partes entre aquêles bárbaros prêgando a Lei do Sagrado Evangelho, e ao Rei pôs nome Bastião de Sá, assim em memória de el-Rei D. Sebastião, que reinava, como de Bastião de Sá, que era naquele tempo capitão de Moçambique; e aos filhos, a um pôs nome Pero de Sá, e a outro João de Sá; e assim baptizou outros alguns cafres, que todos tomaram as alcunhas de Sás. E porque lhe era necessário passar-se ao reino de Monomotapa, onde o martírio lhe estava aguardando, deixou ali com êles o padre André Fernandes, seu companheiro, varão verdadeiramente apostólico, de grande doutrina e santidade, pelo qual dizia o seu padre mestre Francisco que era um verdadeiro israelita, o qual padre André Fernandes esteve neste reino com grande exemplo de vida, e ameaçado cada hora do martírio que sua alma desejava padecer por Cristo Nosso Senhor, que êle nunca recusou, antes cada vez que lhe davam rebate que o mandavam matar esperava por aquella hora com tanta consolação e alegria, que já lhe parecia caía sôbre sua cabeça aquella formosa e resplandecente coroa que no céu se dá aos verdadeiros Mártires. Êste varão, a que com razão posso chamar santo, pela inocência de sua vida, viveu depois nesta cidade de Goa muitos anos com raro exemplo de virtude, e nela morreu homem de noventa anos, e foi daqueles que se recolheram na Companhia de Jesus em tempo do Beato Padre Inácio seu fundador.

Muitas coisas pudéramos dizer da virtude, vida e morte dêste varão, porque o comunicámos muitos anos e fomos muito seu devoto; mas porque o padre Sebastião Gonçalves da Companhia de Jesus, no compêndio que faz dos varões da sua Companhia que passaram a estas partes, trata dêle e do padre Gonçalo da Silveira mais particularmente, o deixamos nós agora, por continuarmos com estes perdidos até os pôr em pôrto seguro.

Dêste reino de Gamba se partiram aos vinte e um de Maio, que foi véspera do Espírito Santo, e chegaram ao Rio do Inhabane, aonde acharam um mestiço chamado Simão Lopes, filho de Sofala, que ali estava fugido por coisas que tocavam à Fé, o qual os agasalhou o melhor que pôde, por ser pobre; e já a êste tempo não eram mais de trinta pessoas, de quarenta e cinco que partiram. Ali souberam de Simão Lopes que não podia vir pangaio de Moçambique senão em Novembro; com o que tomaram seu conselho e assentaram de caminhar por terra, por aquela ser muito doentia, por jazer debaixo do Trópico de Cancro; e depois de descansarem alguns dias se puseram ao caminho, e em quatro chegaram ao Rio de Boene muito mal tratados dos cafres que por aquêle caminho os salteavam; e passado o rio à outra parte, foram caminhando até outro chamado Morambe, que por ser muito alto lhe foram buscar vau muito acima, e nestes caminhos foram acabados de esbulhar dêsse pouco que levavam.

Passado o rio foram ter a uma povoação chamada Sane, que está na ponta daquela terra que nas cartas de marear se chama de S. Sebastião, onde começaram a atravessar a enseada de Sane, que de baixa-mar espraia tanto, que a cinco e seis léguas se não vê o mar; e por ela caminharam a maior parte do dia mui apressados, porque a maré os não atropelasse, e se puseram da outra parte, tendo caminhado por ela mais de cinco léguas, e

da outra banda repousaram; e tornaram pela manhã a seu caminho, até um lugar chamado Fubaxe, onde acharam um português com um lúzio, que é embarcação daquelas partes, com que ali viera a fazer resgate, com o qual já estava o guardião da nau, que Estêvão da Veiga tinha mandado diante com recado a Sofala para ver se havia remédio para ir alguma embarcação buscar a D. Paulo de Lima e aos que ficavam na ilha; e ali estiveram todo aquêlê dia com grande alvoroço, por verem que se iam chegando para terra de salvação. E logo se passaram à ilha Bazaruta, onde estava um filho de Sofala chamado António Rodrigues, para êle os encaminhar até Sofala, a qual é povoada de mouros que agasalharam a todos muito bem.

Dali por ordem de António Rodrigues se embarcaram para Sofala em embarcação que negociou, e as trinta léguas que há até aquela fortaleza as andaram muito depressa e sem trabalho; e aos quatro dias de viagem entraram pelo rio de Sofala dentro, e, sem ninguém saber, desembarcaram em procissão e foram à igreja de Nossa Senhora do Rosário, dos Padres Prêgadores, à qual se ofereceram com muitas lágrimas, dando-lhe os agradecimentos das mercês que dela receberam por tôda aquela jornada.

Ali acudiu o capitão daquela fortaleza com todos os casados, e os abraçaram a todos com muito amor, e cada um tomou o seu hóspede, e assim se repartiram todos por aquêles moradores, que os agasalharam com muita humanidade, mandando-os lavar e fazer os cabelos, por irem quási feitos selvagens, e recreando-se de tudo tão bastantemente, que em breves dias tornaram a seu ser e já lhes parecia que estavam em outro mundo.

O capitão tinha já comprado um pangaio para mandar por D. Paulo de Lima, porque por uma carta de Jerônimo Leitão soube da sua perdição, e com a chegada

desta gente se apressou mais, e mandou embarcar tôdas as coisas necessárias para os perdidos, e vestidos e roupas para seu resgate. Êste pangaio fêz-se logo à vela, e em poucos dias chegou a Inhabane, aonde dos que ficaram doentes da Companhia de Estêvão da Veiga eram já mortos três, e os mais convalesceram logo com os remédios que lhes foram no pangaio. E porque lhes não era possível passar ao Rio do Espírito Santo, por ser o pangaio pequeno, partiu Simão Lopes por terra com a roupa, contas, e mais coisas, que tudo levou às costas de cafres, e o pangaio se tornou para Sofala com os doentes que ali achou.

Havia quasi um mês que D. Paulo de Lima se tinha passado à outra banda do Rio de Lourenço Marques, sem haver quem quisesse levar a almadia aos que ficavam na ilha, por estarem todos fracos e enfermos, trabalhando D. Paulo nisso tudo o que pôde, até acabar com o mestre da nau e Jerónimo Leitão que mandassem àquêle negócio os homens que estivessem mais para isso, e de todos elegeram três, que a poder de braço se passaram à ilha, onde acharam todos bem desconsolados e desesperados de poderem vir buscá-los, e todavia alvoroçaram-se muito com a almadia e se fizeram prestes para passarem nela; e porque não era capaz de tôda a gente, começou a haver entre todos grandes alvoroços, porque os que acertassem de ficar estavam arriscados a não tornarem por êles; mas os mesmos que trouxeram a almadia os seguraram com lhes prometerem e jurarem que não fariam mais que lançar aquela gente na bôca do rio e tornar a voltar; e para maior segurança sua se deixou um dêles ficar em refens, com o que se quietaram. E logo se embarcou Gregório Botelho com sua filha, e D. Joana de Mendoça e outras oito ou dez pessoas; e atravessando a baía, no mesmo dia foram à outra parte, e lançando a gente na ponta da bôca do Rio do Inhaca tornaram a voltar pelos outros, e

chegaram à ilha ao outro dia; e recolheram todos, sem ficar nenhum mais que os mortos, que ficaram para sempre, e todos os puseram da outra parte; e achando ainda os da primeira barcada na bôca do rio se meteram todos na almada, que, ainda que pequena, não arriscavam nada, porque iam pelo rio acima, que era estreito, e de longo da terra; assim mal compostos e apinhados chegaram à povoação, aonde os foram receber os nossos da companhia de D. Paulo, e se festejaram em extrêmo, e el-Rei os mandou agasalhar pela povoação, ficando sempre D. Joana de Mendança em companhia de D. Mariana.

Depois de descansarem se ajuntaram todos e trataram se seria bem passarem-se a Inhabane; e Jerónimo Leitão, que era mais prático naquela terra, lhes disse que não se bulissem dali até vir o pangaio, que seria em Outubro, porque elle já tinha escrito a Sofala sôbre isso, e que não era de parecer que se arriscassem por terra, porque os cafres que dali por diante havia eram grandes ladrões e muito cruéis; que, pois estavam ali em terra segura, lhes não haviam de faltar mantimentos, porque o Rei e seus vassallos os haviam de prover muito bem com o ôlho no pangaio que esperavam, por saberem que tudo se lhes havia de enxergar muito bem, porque aquêles cafres não faziam nenhuma cousa por virtude.

Com o parecer dêste homem se determinaram todos em ficar; mas como a terra era doentia, por estar debaixo do Trópico, como já dissemos, começaram alguns a adoecer de febres malignas, de que morreram depressa os mais dêles, em que entrou o mestre, cujos corpos se enterraram na corrente do rio, pelos cafres não consentirem fazerem-no na sua terra. D. Paulo de Lima parece que lhe adivinhava o coração algum grande mal naquela parte, e muitas vezes pediu a Jerónimo Leitão o quisesse levar daquela aldeia e acompanhá-lo e guiá-lo, fazendo-lhe seus oferecimentos e promessas com grande eficácia;

mas como este homem era variável, umas vezes dizia que sim, outras que não, pondo sempre por inconvenientes as dificuldades do caminho e risco dos cafres. Neste *sim* e neste *não* trouxe a D. Paulo muitos dias, sem se determinar nem em uma cousa nem em outra, de que elle veio a receber tamanho desgosto e dar em tanta melancolia, que caíu em cama, ou para melhor dizer no chão, que essa era a verdadeira; e como era de cincoenta anos, os remédios nenhuns, os colchões e lençóis mimosos a dura terra, sem consolação alguma mais que as da alma por ter à sua cabeceira o padre Frei Nicolau do Rosário, que muito devagar o confessou e consolou, ao sétimo dia de sua caída deu a alma a Deus Nosso Senhor, aos dois de Agosto, em que os frades de S. Francisco celebram a festa de Nossa Senhora de Porciúncula, em que têm jubiléu pleníssimo, da qual festa este fidalgo era muito devoto; e segundo elle deu mostras de grande cristão e de arrependimento penitente, com um grande exemplo de paciência, de presumir é que sua alma subiria a gozar na glória daquelle jubiléu que lá durará enquanto Deus durar, que será sem fim.

Sua morte foi para todos a maior desconsoação que se podia imaginar, assim por verem um fidalgo de tantas partes e qualidades boas, de que a natureza o dotou, falcer no maior desamparo que se nunca viu, como por se verem ficar sem um tamanho conselho como nêle tiveram todos em seus maiores trabalhos, porque, em pondo os olhos naquella sua autoridade, gravidade e notável paciência, todos se lhes moderavam e ficavam de menos pêso; e assim foi pranteado como se fôra pai de todos. Deixemos os extremos que fêz sua mulher, que é melhor passar por elles por não movermos a tantas lágrimas aos que lerem esta nossa Relação; mas pode-se julgar quais podiam ser os de uma mulher que perdia um tal marido, e mais naquele tempo em que ella tinha tanta necessidade

dêle para seu remédio e consolação, vendo-se ficar tão só e desamparada, em parte onde só Deus Nosso Senhor a podia socorrer.

E V. M., Senhora D. Ana de Lima, bem sei que ao lerdos isto não vos hão-de faltar piedosas lágrimas, derramadas com muita razão pela perda de um irmão tanto para amar, como sempre, Senhora, fizestes, e pelo desamparo em que acabou, no qual, Senhora, vos haveis por muito ditosa de vos poderdes achar à sua ilharga e dar-des-lhe algum pequeno de alívio, com lhe reclinardes a cabeça em vosso regaço, para ao menos êle morrer com alguma consolação e vós não ficardes com tamanha má-gua; mas podeis-vos, Senhora, consolar muito com ouvirdes aqui que as mostras que deu à hora de sua morte (como disse) vos podem certificar de sua salvação; e pelas que na vida deu de sua prudência, valor e esforço, gloriar-vos de tal irmão, e depois de vossos longos anos, vossos filhos, netos, e posteriores, jactarem-se de suas proezas e cavalarias, porque em minhas Histórias viverá eternamente, e ainda que não tão alevantado como êle merece, ao menos será o como pude, que bem desejei de ser muito melhor.

O Inhaca, senhor daquela terra, teve logo aviso de sua morte, e com muita pressa mandou que o levassem fora da povoação, com o que foi tirado dos braços da cara consorte, e quasi aos ombros foi levado fora do povoado, e ao pé de duas árvores que ali ao longo do rio estavam lhe fizeram uma cova em que o deitaram, sem outra mortalha que a pobre e suja camisa e calções com que se salvou, e sem outras pompas funerais que as lágrimas dos companheiros, que foram muitas, e sem outras insígnias senão os ramos secos daquelas árvores, nem outras campas e pedras mármores que aquelas areias que o cobriam, qual outro Pompeu nas praias do Egito.

Sua mulher D. Brites ficou alguns tempos na Cafraria com as outras que se salvaram, padecendo infinitas misérias e necessidades, e depois se foram para Moçambique, mandando D. Brites primeiro desenterrar os ossos de seu marido D. Paulo de Lima, os quais levou consigo metidos em um saco até Goa, e lhe ordenou sepultura em S. Francisco daquela cidade, na capela pequena do Seráfico Padre, que está entrando pela porta principal à mão direita, onde estão metidos na parede com uma lâmina de cobre, em que tem seu letreiro, o qual diz assim: *Canatale, Dabul, e For* dirão que está aqui D. Paulo de Lima, a quem os trabalhos acabaram na Cafraria na era de 1589.

Das coisas principais que fêz esta senhora, não deixarei de louvar esta obra de trazer a ossada de seu marido pelo meio daquela Cafraria até embarcar, que foi heróica e digna de se lhe engrandecer. Por outra coisa notável não quero passar, que é que, de tôda esta gente desta nau, não cuido que já hoje viva alguma mais que estas três mulheres — ela, D. Mariana, mulher de Guterres de Monroy, e D. Joana de Mendocha, que está recolhida em uma casa em Nossa Senhora do Cabo, vestida no hábito de S. Francisco, senhora de muita virtude, e em que tôda esta cidade de Goa tem postos os olhos por seu muito exemplo, recolhimento e virtuoso procedimento.

E com isto dou fim a esta breve Relação, que permita Deus Nosso Senhor seja para muito louvor e glória sua.

RELACÃO
DO
NAUFRÁGIO DA NAU SANTO ALBERTO
XI

Naufração da nau SANTO ALBERTO

RELAÇÃO
DO
NAUFRÁGIO DA NAU SANTO ALBERTO

No Penedo das Fontes, no ano de 1593,

E itinerário da gente que dêle se salvou
até chegarem a Moçambique

ESCRITA
POR

JOÃO BAPTISTA LAVANHA
Cosmógrafo-mor de Sua Magestade
no ano de 1597

Naufrágio da nau Santo Alberto no Penedo das Fontes no ano de 1593.

A NOTÍCIA da perdição da nau Santo Alberto no Penedo das Fontes, princípio da Terra do Natal, e a relação do caminho que fizeram em cem dias os portugueses que dela se salvaram, até o rio de Lourenço Marques, onde se embarcaram para Moçambique, são de grande importância para nossas navegações, e para aviso delas mui necessárias, porque o naufrágio ensina como se devem haver os navegantes em outro que lhes pode acontecer, de que remédios proveitosos usarão nêle, e quais são os aparentes e danosos de que devem fugir, que prevenções farão para ser menor a perda no mar e mais segura a peregrinação por terra, como com menos perigo desembarcarão nela, e a causa da perdição desta nau (que o é quási de tôdas as que se perdem). A relação do caminho mostra qual devem seguir e deixar, que apercebimentos farão para a sua grandeza e dificuldade, como

tratarão e comunicação com os cafres, com que meios farão com êles o necessário comércio, e sua bárbara natureza e costumes. E para que de cousas tão importantes e novas se tenha o necessário conhecimento, escrevo êste breve tratado, resumindo nêle um largo cartapácio que desta viagem fêz o piloto da dita nau, o qual emendei e verifiquei com a informação que depois me deu Nuno Vêlho Pereira, capitão-mor que foi dos portuguezes nesta jornada.

Partiu, pois, a nau *Santo Alberto* de Cochim a vinte e um de Janeiro de mil e quinhentos e noventa e três, da qual era capitão Julião de Faria Cerveira; piloto, Rodrigo Migueis; e mestre, João Martins. Nela vinha para o reino D. Isabel Pereira, filha de Francisco Pereira, capitão e tanadar-mor da Ilha de Goa, dona viúva, mulher que foi de Diogo de Melo Coutinho, capitão de Ceilão; e trazia D. Luísa, sua filha, donzela formosa de dezasseis anos; e assim vinham Nuno Vêlho Pereira, capitão que fôra de Sofala, Francisco Vêlho, seu sobrinho, Francisco da Silva, João de Valadares de Sotomaior, D. Francisco de Azevedo, Francisco Nunes Marinho, Gonçalo Mendes de Vasconcelos, António Moniz da Silva, Diogo Nunes Gramaxo, capitão da nau S. Luís de Malaca, que arribara à Índia António Godinho, Henrique Leite, Frei Pedro da Cruz, frade Agostinho, e Frei Pantaleão, domínico, e outros muitos passageiros. E fazendo a nau sua viagem com tempo próspero, chegou à altura de dez graus da parte do Sul, na qual paragem teve princípio a sua perdição, porque nela se lhe abriu uma água; e, pôsto que pouca e que não estorvasse a derrota que se levava em demanda da ponta austral da Ilha de S. Lourenço, chegada a nau a vinte e sete graus sobreveio vento Sul, com que esta água cresceu, e arrojando-a o vento, indo a nau pela boia, e metendo muito de ló por se afastar da dita ponta, deu uma grande cabeçada, com que rendeu o gurupés, que logo se consertou.

Navegando dêste modo com tempo bonança, e sem a bomba dar muito trabalho, houveram vista da Terra do Natal aos vinte e um de Março, em altura de trinta e um graus e meio, a qual costa correndo, e tomada a altura o dia seguinte, se acharam em trinta e dous graus, em cuja tarde houve vento Oeste por riba da terra, com que se fizeram na volta do mar só com as velas grandes; e no quarto da madorra, sem vento nem mar que o causassem, começou a nau a fazer muita água, crescendo em grande quantidade na bomba. Foram logo abaixo a reconhecerê-la, e entendeu-se que entrava pelas picas de pôpa, por baixo de uma caverna, lugar mui perigoso e de difícil remédio. Pareceu ao capitão e aos oficiais que o poderia ter, cortando-se um pedaço da dita caverna; e assim se fêz. E pôsto que, cortada, se tomou a água e começou a estancar (da qual boa nova o piloto e mestre pediram alviças a Nuno Vêlho Pereira, e êle lhas prometeu), durou pouco esta melhora, porque como a água achou aquêl lugar fraco arrombou-o com maior fúria, e entrando na nau cresceu em grande demasia. E assim tem mostrado a experiência por êste sucesso, e pelo da nau S. Tomé, que foi quási a êle semelhante, que se devem procurar e fazer todos os outros remédios para tomar a água, mas não êste de cortar madeira, sendo mais necessário acrescentá-la que tirá-la, porque, pôsto que de boa aparência, é depois mui danado, como se viu nestas duas naus, que se se não cortara em Santo Alberto uma caverna, e em S. Tomé um pedaço da escota e ponta de pica, não se senhoreara delas tanto a água, e sendo menos, e aproveitando mais os outros remédios, pode ser que esta pudera arribar a Moçambique, e a outra dera à costa, e não se perderam tão longe dela.

Vendo os oficiais o perigoso estado da nau, e que nela havia dezoito palmos de água, determinaram que se alijasse, e arribasse em pôpa. Uma cousa e outra se co-

meçou logo a executar; e o mestre fêz lestes a escotilha grande, da qual com barris deitavam a água fora, que foi grande alívio à nau. O que entendido de alguns, afeiçoados aos brincos dos seus caixões que levavam no convés, pararam em os alijar, esperando já salvar-se com êles, mas prometendo-lhes a trôco Nuno Vélho Pereira (se Deus o levava a salvamento à terra) quarenta e cinco quintais de cravo que trazia na nau, pôde tanto esta sombra de interêsse que ficou logo desembaraçado o convés, e crescendo depois o perigo se deitou ao mar tudo o que havia na tolda dos bombardeiros e nos paióis das drogas, com que ficou coberto de infinitas riquezas, lançadas as mais delas por seus próprios donos, dos quais eram naquele tempo tão aborrecidas e desprezadas, como em outro foram amadas e estimadas.

Era já quási manhã e princípio do dia seguinte, e a água entrava em tanta demasia, que da segunda coberta se não podiam tirar os caixões, e quebrados com machados, se alijava o fato que nêles vinha. E pôsto que havia um gamote grande aberto na escotilha, outro pela estrinca, e outro pelo paiol das drogas, por onde com barris se deitava a água, e assim com as bombas, com nenhuma cousa destas diminuía. Continuou-se todo o dia êste trabalho, acudindo Nuno Vélho Pereira, o capitão, os fidalgos, e soldados, com grande presteza e diligência a umas partes, e o mestre com gente do mar a outras. E sendo noite se empacharam as bombas com a pimenta e ficaram de nenhum serviço. Havia já na nau doze palmos de água, com que muitos perderam o ânimo, e os que o tinham estavam tão cansados que não havia quem fôsse à segunda coberta encher barris, na continuação do qual exercício consistia a salvação da nau. Pelo que, Nuno Vélho Pereira desceu abaixo ao porão da nau com grande perigo, pendurando-se pelas cordas das bombas, e começou a encher os barris; os outros fidalgos e soldados, mo-

vidos dêste exemplo, fizeram o mesmo e não largaram mão do trabalho tôda aquela noite. No fim da qual, e princípio do dia seguinte, se houve vista da terra, como o piloto prometera na tarde passada, cuja súbita vista assim alegrou a todos e os encheu de alvoroço, como se nela não estivera tão duvidosa a salvação das suas vidas como na nau que o mar ia sorvendo a grande fúria.

Vista a terra, atendeu-se em alijar tudo o que havia no castelo, debaixo da ponte e na pôpa, com o que, aliada algum tanto a nau, se deram às velas da gávea grande e cevadeira, para chegar mais depressa à costa, governando porém sempre, e parece que milagrosamente, porque levava já duas cobertas cheias de água e as mesas arrastando. E prevenindo Nuno Vélho as futuras necessidades de armas e munições, sem as quais estava tão certa a perdição na terra que viam, como no mar em que andavam, advertiu ao capitão que mandasse recolher as armas, pólvora, chumbo e mórões que se achassem, e deu ordem a António Moniz da Silva que ajuntasse as suas espingardas e as que mais encontrasse, e atadas as metesse em alguma pipa, para nela se salvarem. O que se fêz já com grande trabalho, recolhendo-se na tolda o que se achou, donde depois de vararem em terra os pedaços da nau se tirou com dificuldade. Foi esta prevenção e lembrança de Nuno Vélho de tanta importância, que, faltando, faltara o remédio de todos êstes portugueses, porque obrigados os cafres do temor e espanto das suas armas fizeram-se domésticos, comutaram com os nossos seus mantimentos, e deixaram de executar suas vontades, inclinadas naturalmente a roubos e traições, como se verá pelo discurso desta relação; e assim, em semelhantes desgraças e desastrosos sucessos, tenha-se muita conta com o recolhimento e guarda das armas, roupa e cobre, para o resgate e defesa, pois nisso vai tanto; e advirta-se

que tudo se ponha no chapitéu, para que com facilidade se salve.

Sendo já perto da terra, por ordem do mestre começaram os carpinteiros a cortar os mastros, e em oito braças e meia tocando o leme saltou fora, e nas oito deu a nau a primeira pancada, pelo que se acudiu logo a cortar a enxárcia, com que caíram os mastros com grande e lastimosa grita de tôda a gente.

Caídos os mastros, deitaram muitos a êles inconscientemente, parecendo-lhes seguro remédio para escapar do naufrágio. Mas como estivessem ainda pegados com alguma enxárcia, as impetuosas ondas que com grande fúria rebentavam na nau deram nêles, e todos se afogaram com pernas e braços quebrados. Recompensou-se êste dano com um bem, não esperado dos vivos (que da nau viam êste triste espectáculo), o qual causaram os mesmos mastros, porque as suas furiosas pancadas, que os espantavam, e das quais com grande temor esperavam serem sossobrados, essas foram seu remédio, desfazendo a nau e moendo-a de maneira, que (depois de encalhar entre as nove e dez horas do dia, vinte e quatro de Março, distante de terra alguns quatrocentos passos) se partiu em duas partes, despegando-se as cobertas de cima das duas de baixo, as quais ficaram no lugar em que estavam encalhadas; e a parte superior se chegou à terra, e dela ficou mui perto.

Estavam na proa o capitão, o piloto e o mestre, com muita gente; e a outra tôda na pôpa com Nuno Vêlho Pereira, que acompanhava e amava D. Isabel e D. Luísa, e era seu reparo das ondas que, apertadas entre os mastros e a pôpa, encapelavam por cima dela, e em Nuno Vêlho (que tinha estas fidalgas recolhidas debaixo de um balandrau de chamalote) quebravam o ímpeto; e não era tão pouco furioso (principalmente na pôpa por estar a enxárcia, que detinha os mastros, nela pegada), que não

fôsse necessário atarem-se muitos homens com cordas a alguns paus fixos dela, por que não fôsem levados dos mares. Outros que sabiam nadar, temendo que sobreviesse a noite antes de darem à costa os pedaços da nau em que estavam, e que os mastros os desfizessem ou que os virassem, e assim ficassem debaixo dêles afogados, botaram-se a nado, e com os golpes da muita madeira que andava vagando pelo mar, e com a ressaca das grossas ondas que rebentavam em grandes e ásperos penedos da praia, muitos dêles se afogaram.

Começando-se a noite, se desapegou a pôpa da proa, que por baixo até àquela hora estiveram pegadas, com que também se soltaram os mastros, e encalhou a pôpa muito direita na praia. Mas receando Nuno Vélho que as grandes correntes daquela costa, que correm ao Sudoeste, a levassem consigo, sendo já muita parte da maré vazia, mandou a um criado seu, bom soldado, chamado Diogo Fernandes, que nadando fôsse à terra, e nela pusesse um cabo, no qual amarrando aquêle pedaço da nau, ficasse seguro das ditas correntes. O soldado o fêz com muito esforço e melhor vontade, e a maior parte da gente que estava nesta pôpa saltou em terra. Sendo meia noite se atravessou o castelo na dita pôpa, e por ela como por ponte, se puseram na praia os que nêle estavam. E na entrada do quarto de alva desembarcou Nuno Vélho Pereira, e os fidalgos e soldados que acompanhavam a D. Isabel e a D. Luísa, os quais se foram alando pelo cabo que estava em terra, enquanto a maré foi enchendo, e estando vazia ficaram em sêco, e a pé enxuto saíram. Depois que todos se receberam chorosos abraços, deram muitas graças a Deus Nosso Senhor pelas grandes misericórdias que com êles usou no dia da sua milagrosa Encarnação, livrando-os de tão perigoso naufrágio e salvando-os naquela praia (cuja altura austral é de trinta dois graus e meio), a que os nossos chamam o Penedo

das Fontes, e os negros Tizombe; e contados os portugueses vivos, acharam-se cento e vinte e cinco, e mortos vinte e oito, e escravos vivos cento e sessenta, e mortos trinta e quatro; e o que restou do dia se passou enxugando o fato com que cada um escapara, ao longo de muitos fogos que logo se fizeram da madeira que da nau deu à costa, aquecendo-se do muito frio que sentiam e repousando dos trabalhos e angústias passadas.

Tal foi a perdição desta nau Santo Alberto, tais os sucessos do seu naufrágio, causado não das tormentas do Cabo de Boa Esperança (pois sem chegar a êle, com próspero tempo se perdeu), mas da querena e sobrecarga, que, como esta nau, assim as outras muitas no fundo do mar hão sepultado. Ambas pôs em prática a cubiça dos contratadores e navegantes. Os contratadores, porque, como seja de muito menos gasto dar querena a uma nau que tirá-la a monte, folgam muito com a invenção italiana, a qual, pôsto que serve para aquêle mar de Levante, a cujas tormentas e tempestades podem parar galés, e onde cada oito dias se toma pôrto, neste nosso Oceano é o seu uso uma das causas da perdição das naus porque além de se apodrecerem as madeiras (pôsto que sejam colhidas em sua sazão) com a contínua estância no mar, e desencadernarem-se com as voltas da querena e grande pêso de tamanhas carracas, calafetando-as por êste modo, recebem mal a estôpa por estarem húmidas e pouco enxutas; e quando depois, navegando, são abaladas de grandes mares e combatidas de rijos ventos, despedem-na; e abertas, dão entrada à água que as sossobra. E assim tem mostrado a experiência que quando esta danosa invenção se não usava fazia uma nau dez ou doze viagens à Índia, e agora com ela não faz duas.

Acrescentam êste dano os officiais que as fazem ou concertam de empreitada (que em tôda a fábrica é prejudicial), os quais por apouparem o tempo, já que não po-

dem as matérias, não acabam cousa alguma como convém e se requiere em obra de tanta importância, e assim deixam tudo imperfeito; e descobrindo na nau velha eivas e faltas que se não remendaram bem sem perda sua, dissimulam com elas e enfeitam o dano de maneira que pareça bem consertado, e debaixo dele fica a perdição escondida e certa. Cortam-se também as madeiras fora de seu tempo e sazão, a qual é na lua minguante de Janeiro, pelo que são pesadas, verdes e desassazonadas; e como tais torcem, encolhem, ofendem e desencaixam-se do seu lugar; com o que, despedindo a pregadura e estôpa, abrem; e com a humidade da água de fora, e grande quentura de pimenta e drogas de dentro, logo se apodrecem e corrompem na primeira viagem; e assim basta uma só tábua colhida sem vez, para causar a perdição de uma nau. Tal devia ser a madeira desta, pois a sua quilha (base e fundamento de tôdas as naus) era tão podre, que, depois que a fúria dos mares arrancou o seu fundo donde estava e deu com êle à costa (com algumas peças de artelharia que nêle ficaram), com uma cana de bengala a desfez Nuno Vêlho Pereira em pequenos pedaços.

Os navegantes não são menos culpados neste dano, importando-lhes mais, pois aventuram as vidas na nau, a qual carregam sem a necessária distribuição das mercadorias, arrumando as leves na parte inferior e as pesadas na superior, devendo ser ao contrário. E por enriquecerem brevemente, de tal maneira a sobrecarregam, que passam a devida proporção da carga à nau, a qual excedida, é forçado que fique incapaz de govêrno, e que, precedendo qualquer das causas apontadas, abra e se vá a pique ao fundo. E é esta tão forçosa, que sem ela quasi não bastam as outras a perderem uma nau, e esta sem elas sim, mostrando a experiência que algumas naus velhas, remendadas e consertadas com querena, vêm da Ín-

dia porque não trazem nem a carga com que podem, e as novas com a sobrecarga se perdem.

Salvos da nau Santo Alberto pelo dito modo os nossos, ao seguinte dia, vinte e seis de Março, pediu-lhes o capitão que fôsem recolher as armas e mantimentos que achassem; o que logo se fêz, indo aos pedaços da nau o mestre e o contra-mestre com tôda a gente do mar, e à praia os soldados; êstes trouxeram três barris de pólvora, e os outros doze espingardas, algumas rodela e espadas, três caldeirões e um pouco de arroz. A pólvora se entregou aos bombardeiros (dando o cargo de condestabre ao mais experimentado), para que a enxugassem e refinassem com um barril de vinagre que veio à praia; e os mantimentos e as armas se puseram ao longo da estança de Nuno Vélho, vigiando-se tudo dos nossos com muito cuidado, por se assegurarem dos roubos e assaltos dos cafres. E ao mesmo fim se atrincheiraram o melhor que o sítio e o tempo permitia; e para se agasalharem fizeram tendas de boas alcatifas de Cambaia e Odiaz, de ricas colchas, de gunjões, caixas e esteiras de Maldiva, que se embarcaram para bem diferentes usos, nas quais se recolhiam do frio da noite e do sol de dia.

Determinou-se logo ao outro dia, que foram vinte e sete, eleger capitão-mor, para o que nomearam os soldados dez eleitores, que foram o capitão Julião de Faria, Francisco da Silva, João de Valadares, Francisco Pereira Vélho, Gonçalo Mendes de Vasconcelos, Diogo Nunes Gramaxo, António Godinho, Francisco Nunes Marinho, Frei Pedro e Frei Pantaleão; e a gente do mar ao piloto e ao mestre; aos quais deram todos largo poder, e com juramento se obrigaram haver por boa eleição a que por êles fôsse feita, prometendo de obedecer a quem nomeassem. E de comum consentimento foi eleito por êles Nuno Vélho Pereira, por sua nobreza, prudência, esforço e experiência. Recusou êle a eleição, pedindo a todos que se

desse o cargo ao capitão Julião de Faria, que por suas partes e bom procedimento na perdição daquela nau o merecia, e no qual êle prometia ajudá-lo com o conselho que da sua idade se devia querer e podia esperar.

Não aceitaram a Nuno Vélho esta escusa, e, porque não desse outra nenhuma, lhe disseram que não aceitando êle o cargo determinavam apartar-se e fazerem seu caminho desunidos e em magotes, por onde e como melhor pudessem; e como esta resolução era a total perda desta gente, por que se não efetuasse, antepondo êle o bem público ao descanso próprio, o aceitou; e com o devido juramento prometeu cumprir suas obrigações, e todos com outro semelhante de lhe obedecer.

Sendo já tarde e maré vazia, foram à nau alguns homens do mar com o mestre, e trouxeram seis espingardas, doze piques e três fardos de arroz, o que tudo se entregou a Nuno Vélho, e êle o mandou enxugar, para com o mais se repartir com igualdade entre todos. E para se descobrir alguma outra cousa se deu fogo aquella noite às relíquias da nau. O que se deve fazer em semelhantes successos, para se aproveitarem os nossos da pregadura para o resgate, e que a não possam haver os negros senão da sua mão, e assim tenha a valia necessária; e a que não fôr de serviço deite-se no mar, a tempo que o não vejam os negros e onde dela se não possam aproveitar, porque deixando-se na praia, como esta ficou, quando depois vieram os cafres resgatar gado, vendo-a nela o não quiseram vender e com êle se tornaram, entendendo que brevemente seriam senhores do ferro pelo qual trocavam as suas vacas e carneiros.

Amanhecendo ao outro dia, mandou Nuno Vélho o capitão à praia, e o mestre com alguns homens à nau, onde acharam três mosquetes, quatro espingardas, dois fardos de arroz, um quarto de carne, dois de vinho, e quatro jarras de pão, algum azeite e muitas conservas. E depois

de jantar acharam um caixão do capitão-mor de muitas peças de ouro e prata, e alguns escritórios pequenos cheios de rosários de cristal. Entregou-se tudo ao capitão, e êle a Nuno Vélho, e por seu mandado se guardava, e do mantimento se provia a gente. Sendo já tarde, e sabendo o senhor daquela terra por alguns dos seus cafres que estavam nela os nossos, veio visitar ao capitão-mor com alguns sessenta negros. Chegando já perto dele, se levantou, e andando poucos passos o recebeu, e o negro depois de o saudar dizendo «*nanhatá, nanhatá*», em sinal de paz e amizade lhe deitou a mão à barba, e correndo-a por ela beijou a mesma mão; e a própria cortesia foram fazendo todos os outros bárbaros aos nossos, e os nossos a êles. Chamava-se êste negro Luspance, era de boa estatura, bem feito, de rosto alegre, não muito negro, a barba curta, os bigodes longos, e de quarenta e cinco anos ao parecer.

Depois que se fizeram entre Nuno Vélho e o negro as cerimónias ditas, assentaram-se ambos em uma alcatafa, e junto deles dois escravos dos nossos, um de Manoel Fernandes Girão, que entendia a língua dêstes cafres e falava a de Moçambique, e outro de António Godinho que sabia esta e falava a nossa; e assim com dois intérpretes se comunicavam. Perguntou Nuno Vélho a êste cafre que lhe pareciam aquêles seus soldados, ao que respondeu que muito bem, porque tinham tôdas as feições do corpo às suas semelhantes, e que eram filhos do sol, por serem brancos; mas que folgaria saber como vieram ter ali. Satisfez a esta pergunta Novo Vélho dizendo que eram vassallos do mais poderoso Rei da terra, a quem obedecia e pagava tributo tôda a Índia onde estava um seu Viso-Rei, que a governava, e da qual vindo êle para Portugal, sua pátria, em uma grande nau, que recolhia tôda aquela gente e outra tanta que era já morta, o mar com sua fúria os havia deitado naquella praia, abrindo-se a nau, do que

todos os cafres se admiravam. Seguiu a isto um presente, que lhes fez este Rei, de dois carneiros grandes de casta de Ormuz, os quais logo se mataram e repartiram pela gente. E vendo-os o negro mortos, se foi com outro seu cafre aonde os esfolaram, e mandou-lhe tomar da imundícia que se tirara dos buchos, e com sua mão a deitou no mar com cerimónias e palavras de agradecimento, por lhe trazer à sua terra os portugueses, de cuja perda esperava êle grande ganho, pelo que como a amigo seu lhe dava e oferecia aquêle presente. O que feito, se tornou a Nuno Vêlho, de quem foi convidado com doce e vinho, que gabou muito, parecendo-lhe cousa boa para a barrega, sentindo-a quente com êle. E querendo-se ir, lhe apresentou o capitão-mor uma bacia de latão cheia de pregos e um escritório dourado da China, com que o negro ficou mui contente, e, despedindo-se dele e dos mais portugueses com a mesma cerimónia com que se receberam, se foi, prometendo mandar ao outro dia um seu homem que ensinasse onde havia água, de que os nossos tinham já necessidade, bebendo-a até aquêle tempo das pipas que deixou o mar na praia, pôsto que algum tanto salgada com a mistura das ondas.

Era o vestido dêstes cafres um mantão de peles de bezerro, com o cabelo para fora, as quais untam de graxa para serem brandas; o calçado de duas e três solas de couro cru, pegadas umas nas outras, de forma redonda, nas quais anda o pé atado com correias, e com êle correm com grande ligeireza; trazem na mão em um delgado pau embrulhado um rabo de bugio ou de raposa, com que se alimpam e fazem sombra aos olhos para ver. Usam dêste traje quási todos os negros desta cafraria; e os seus Reis e principais trazem pendurada na orelha esquerda uma campânha de cobre sem badalo que êles trazem a seu modo. São êstes e todos os mais cafres pastores e lavradores, e disto vivem; a lavoura é de milho, o qual é

branco, do tamanho de pimenta, e dá-se em uma macaroca de uma planta da feição e tamanho de caniço. Dêste milho, moído entre duas pedras ou em pilões de pau, fazem farinha, e dela bolos que cozem no borralho, e da mesma fazem vinho, misturando-a com muita água, a qual, depois que ferve em um vaso de barro e se esfria e azeda, bebem com grande sabor.

O gado é muito gordo, tenro, saboroso e grande (sendo os pastos grossíssimos), o mais dele mocho; e a maior parte são vacas, em cujo número e abundância consistem as suas riquezas, e sustentam-se do leite delas e da manteiga que dele fazem.

Vivem juntos em pequenas povoações de casas feitas de esteiras de junco que não defendem a chuva, as quais são redondas e baixas; e se nelas morre algum deles, logo os outros as desfazem, e tôda a povoação; e da mesma matéria fabricam outras em outro sítio, havendo que na aldeia em que o seu vizinho ou parente faleceu sucederá tudo desgraçadamente. E assim, por afozarem o trabalho, quando algum adoecer, levam-no ao mato, por que, se houver de morrer, seja fora das casas, as quais cercam de uma sebe, e dentro dela recolhem o seu gado. Dormem entre peles de animais, no chão, em uma cova estreita, de seis e sete palmos de comprido e de um e dois de alto. Usam vasos de barro, secos ao sol, e de madeira, lavrados com umas machadinhas de ferro, as quais são como uma cunha metida em um pau, e com as mesmas cortam o mato. E na guerra servem-se de azagaias, trazem cachorros capados, da feição e tamanho dos nossos gôzos grandes. São mui brutos, e não adoram cousa alguma, e assim receberam com muita facilidade a nossa Santa Lei Cristã. Crêem que o céu é outro mundo como êste em que vivemos, povoado de outra gente, a qual correndo faz os trovões, e urinando causa a chuva. Circuncida-se a maior parte dos que povoam a terra de vinte e nove

graus de altura para baixo, são mui sensuais e tem quantas mulheres podem sustentar, das quais são ciosos; obedecem a senhores que chamam Ancosses; a língua é quasi uma mesma em tôda a Cafraria, e é a diferença entre elas semelhante à que há nas línguas de Itália, ou nas ordinárias de Espanha. Alongam-se pouco das suas povoações e assim não sabem nem têm notícia mais que dos vizinhos; são mui interesseiros, e enquanto lhes não pagam servem; mas se a satisfação precede ao serviço, não se espere deles, porque com ela se acolhem. Prezam dos metais os mais necessários, como é o ferro e cobre, e assim por mui pequenos pedaços de qualquer destes trocam gado, que é o que mais estimam, e com êles fazem o seu comércio e comutação e seus tesouros. O ouro e prata não têm entre êles preços, nem parece que há êstes metais na terra, não vendo sinais deles os nossos por onde passaram. Os quais só isto notaram dos trajés, costumes, cerimónias e leis destes cafres; nem deve haver mais que notar entre tão bárbara gente.

A terra é abundantíssima e fertilíssima; viram por ela os portuguezes, das plantas deles conhecidas: ourêgãos, losna, fetos, agriões, poejos, malvas, alecrim, arruda, murta com grandes e saborosos murtinhos, silvas com fruto, rosmaninho, bredos, mentrastos e erva babosa, grande que parecia árvore, cujas pencas eram de quatro e cinco palmos de comprido e de um de largo, e do meio deitava um talo com flores amarelas; e assim outras muitas ervas, que nunca viram senão por êstes campos. As árvores diversíssimas das nossas, e como elas só acharam oliveiras, com mui pequenas azeitonas, azambujeiros, maceiras de anáfega e figueiras. Tem grandes e espessos bosques, nos quais nunca se encontraram leões, tigres, nem animais desta qualidade. Dos peçonhentos viu-se uma só víbora grande, que se matou, e algumas cobras, como as nossas de água, e lagartixas; e dos outros se dirá

onde se acharam. Nas ribeiras, que são muitas, enxergaram-se peixes, e do que mais for de consideração se dará notícia em seu devido lugar, dando-se neste a universal de tôda a Cafraria, para melhor se entender o que dela se for tratando na relação dêste caminho.

Ao qual tornando: como foi manhã do dia seguinte, vinte e nove de Março, pareceu ao capitão-mor necessário para o bom govêrno daquele pequeno arraial (pois sem êle se não pode conservar cousa alguma muito tempo) elegerem-se os necessários officiais dele, e assim deu o cargo de o ordenar e distribuir ao capitão Julião de Faria Cerveira, a Diogo Nunes Gramaxo nomeou para provedor, e a João Martins para tesoureiro, e mandou que ambos tivessem à sua conta a guarda das peças de ouro e prata, e das mais cousas do resgate, em companhia de Frei Pedro, e se fizesse presente António Godinho, por ser homem que tinha muita experiência do comércio dos cafres, com os quais tratara muito tempo nos rios de Cuama.

Repartiu logo o capitão Julião de Faria todo o arraial em suas principais partes — a vanguarda, corpo de batalha e retroguarda — e distribuiu os soldados em três partes para as vigias, das quais se nomearam capitães Francisco da Silva, João de Valadares e Francisco Pereira; e dos homens do mar se fizeram outras três, e capitão delas o piloto, o mestre e Custódio Gonçalves, contra-mestre. Deram-se aos soldados com a ordem necessária as armas que se haviam recolhido, e outras que aquêle dia se acharam, tôdas as quais foram doze piques, vinte e sete espingardas, cinco mosquetes, espadas e rodelas. E antevendo Nuno Vêlho o que para tão larga jornada era necessário, mandou aos bombardeiros que, refinada a pólvora, a recolhessem em bambus (que se acharam na praia alguns, que serviram na nau de baldes) os quais se encourassem por fora, para que se não humedecesse. Ordenou que se fizessem saquetes como alforjes, em que se levasse o co-

bre de uma caldeira e de seis caldeirões, em pequenos pedaços cortados para o resgate, e outros sacos maiores da mesma feição para os poucos mantimentos que se recolheram da nau. Da qual como se não salvasse outra fazenda mais que os escritórios atrás ditos e o caixão de Nuno Vélho com dezassete peças de ouro e vinte e sete de prata, de tôdas fêz êle aos seus soldados um liberal presente, desejando que se igualara com a vontade com que lho oferecia, e assim mandou entregar as peças ao provedor e tesoureiro, para que como chegassem a algum pôrto nosso se distribuísse entre todos o valor das que sobejassem da jornada, como se fêz depois em Moçambique, onde por todos se repartiram mil e seiscentos cruzados, por que se venderam as que lá chegaram.

Depois que tôdas estas cousas se ordenaram provaram-se os nossos de água, que os negros mostraram em dois lugares, um ao longo da praia, em um charco, no qual havia pouca, e o outro detrás de um monte, em umas poças ao longo de uma ribeira. E é geral esta falta de água em tôda a Costa da Cafraria, e não é menor a das fontes pelo sertão, mas tem abundantes ribeiras de boas águas, com que se escusam as das fontes.

Tratou-se ao derradeiro de Março do caminho que se havia de fazer, e pôsto que a maior parte dos votos foi que se caminhasse ao longo da costa, lembrado Nuno Vélho da perdição da nau S. Tomé na Terra dos Fumos, ano de oitenta e nove, cujos sucessos lera em Goa escritos por Gaspar Ferreira, sota-pilôto dela, mostrou com o seu exemplo, e com o do galeão S. João que naquelas partes se perdeu no ano de cincoenta e dois, os grandes trabalhos e difíceis perigos em que todos incorreriam e as fomes, sêdes e enfermidades que passariam costeando a Cafraria, e que seriam os seus males muito maiores, por ser maior a distância do lugar em que estavam ao Rio de Lourenço Marques, primeiro pôrto daquela Costa em que

os portugueses tratam e resgatam. Mudaram todos de parecer com êste, acertado, como o mostrou depois a experiência. Pelo que, de comum consentimento se resolveu que se fizesse o caminho pela terra dentro e se fugisse dos trabalhos certos da praia. O que assentado, e repartida a gente pelo capitão, como havia de caminhar, e aos soldados assinaladas as estanças que deviam guardar, veio o mesmo Ancosse que os havia visitado, e pedindo-lhe Nuno Vélho guias para que os encaminhassem e levassem a outro Ancosse seu vizinho, êle lhas prometeu, e enviou ao tempo da partida. Para a qual mandou o capitão-mor que ao outro dia, primeiro de Abril, se apresentassem todos, e naquela noite se deu um rebate falso, a que com muita diligência e acôrdo acudiram os nossos soldados com as suas armas, e se puseram em seus ordenados lugares. E depois que se aquietaram, e sendo de dia, se puseram no princípio do caminho, mudando a um vale que ficava entre dois montes, marchando com muito concôrto, vieram as guias com o seu Ancosse Luspance, e trouxeram duas vacas e dois carneiros, que por três pedaços de cobre do tamanho de uma mão se resgataram. As vacas por mandado de Nuno Vélho se mataram à espingarda, como se fazia ordinariamente diante dos negros para os espantar e atemorizar; e para o mesmo efeito mandou atirar com os mosquetes a alguns quartos vazios, nos quais fizeram grande destrôço e ruído, de que cheio de mêdo o Ancosse se quisera acolher, mas Nuno Vélho o tomou pelo braço e o segurou, e assim o fizeram os nossos aos outros cafres; e depois de comerem todos de companhia, se foram, para tornarem ao outro dia, em que havia de ser a partida, que não foi, por chover aquela noite muita agua, e ser necessário enxugarem as tendas e vestidos ao sol, que foi muito claro.

Ao seguinte, porém, que foram três de Abril, sendo nove horas, partiram daquela praia os portugueses, al-

guns deles feridos do destrôço passado, entre os quais o ia muito em uma perna Francisco Nunes Marinho, e com outra quebrada ficou um negro pequeno, encomendado aos cafres, os quais com o cobre que lhes deram para o curarem e sustentarem o recolheram e agasalharam com mostras de boa vontade. E assim ficaram os pedaços da nau em que os nossos se salvaram, e debaixo das ondas as riquezas que com tanta ânsia em muito tempo adquiriram e num só dia perderam.

Ia diante o capitão e o pilôto, com uma das guias, e as outras com o seu Rei levava Nuno Vélho, e observando o pilôto com um relógio solar a derrota da sua estrada, viu que ia ao Nornordeste. Era o caminho chão, e por uma fresca várzea cheia de feno, pela qual, andando de vagar, por ser a primeira jornada, chegaram às três horas a um vale por que corria uma fermosa ribeira, que nêle se metia em um rio, o qual no mesmo vale misturava as suas doces águas com as salgadas do mar. Nêste sítio quis a guia que se fizesse estança, e foi a primeira desta peregrinação. Ao longo da ribeira e de espessas matas de diversas côres, que no vale havia, se alojou a nossa gente.

Buscando ao outro dia ao longo do rio (que é o do Infante) vau para se passar da outra banda, encontraram-se dois negros, aos quais Luspance, que vinha com os nossos, pediu que os levassem e guiassem ao seu Ancosse, de que ficariam bem pagos. Outorgaram-no os dois negros, e apresentados para êste efeito ao capitão-mor, êle lhes deitou aos pescoços dois rosários de cristal, com que se houveram por satisfeitos, e voltaram mostrando aos nossos o vau, que se passou dando a água pelo joelho, por ser a maré vazia.

Neste rio havia muitos cavalos-marinhos e muitas adens; e passados todos à outra banda se despediram os os negros e o Ancosse Luspance, que da praia até àquele

lugar vieram, do qual por diante seguiram os nossos as duas guias que de novo tomaram. Estas os levaram por uma costa acima, coberta de espêsso bosque, do alto da qual se deu em uma aprazível campina acompanhada de uma e da outra parte de outeiros cheios de arvoredo, a qual vai parar ao pé de um alto e redondo monte, cuja ladeira cansou muito aos nossos. Pelo que, parando no cabo dela, mandou Nuno Vélho saber das guias se estava longe o lugar aonde determinavam estanciar, e dando êles por resposta que sim, e que não poderiam chegar a êle aquella noite, ordenou que não se passando àvante se alojasse a gente, o que se fêz em um vale a que se desceu, no qual havia muita lenha e uma ribeira de muito boa água. Foi sempre a estrada dêste dia, como a de outros muitos, ao Nornordeste; caminhou-se algumas duas léguas, e por ela afirmavam os negros que se acharia sempre povoado, com mantimentos, água e lenha. Os quais negros, como viram os nossos alojados, pediram licença ao capitão-mor, para irem aquella noite à sua povoação e trazerem ao outro dia vacas; e êle lha deu, e prometeu que seriam bem resgatadas.

Cumpriram os dois cafres sua palavra, e vieram pela manhã com oito vacas, pelas quais lhes deram pedaços de cobre, que valeriam dois cruzados. Caminhou-se aquêl dia por viçosas várzeas cheias de alto feno, e com muitas ribeiras retalhadas, e ao sol pôsto parou o arraial ao longo de uma ribeira de mui espêsso arvoredo coberta, aonde se mataram duas das vacas que se haviam comprado, as quais igualmente se repartiram entre todos, como sempre se fêz em tôda a jornada. E neste alojamento enterraram os nossos dois mosquetes, por mandado de Nuno Vélho, por serem mui pesados, de grande embaraço e pouca necessidade. Passou-se a noite nêle com muita chuva, porque era então quási o princípio de inverno naquelas partes do Sul, correspondendo o mês de Abril nelas ao de

Outubro nestas nossas do norte; no mesmo lugar ficou uma índia velha, escrava do capitão, não podendo aturar o caminho.

E porque os nossos estavam mui molhados, andaram ao outro dia pouco, por mui boa terra chã, e com poucos outeiros humildes, abundantes de pastos e águas. E pôsto que o povoado dos negros era perto, segundo êles diziam, sobreveio a chuva de maneira, que não passaram da ribeira, bem povoada de lenha, e ao longo dela ficaram.

Sendo manhã do dia seguinte, sete de Abril, depois que comeu, a gente tôda (o que fazia de madrugada para caminhar todo o dia) começou a marchar por bom caminho, e chã, e havendo vista de umas casas de negros, que eram dos que levavam em sua companhia, êles temendo-se que os nossos lhes maltratassem as suas sementeiras de milho, que tinham ao redor delas, deixaram o caminho e guiaram por onde não havia. O que vendo o capitão-mor, e perguntando e sabendo a causa do desvio, mandou parar o arraial e deitar um pregão de que, sob pêne de morte, nenhuma pessoa tocasse em cousa alguma daqueles cafres, e entendendo-o êles da língua ficaram espantados, e rindo-se tornaram ao caminho; e ao longo das suas mesmas casas se aposentaram os nossos, os quais compraram aos negros um pouco de milho para os escravos, e um deles foi logo a visitar o seu Ancosse, que perto estava daquelas casas.

Chegaram os nossos à aldeia dêste Rei ao outro dia às onze horas, caminhando por uma terra chã e mui viçosa de grossos pastos, o qual já os estava esperando no caminho, com quatro negros em sua companhia, que, espantados de verem homens brancos, e assegurados dos negros que vinham com os nossos, se chegaram a êles e o seu Ancosse ao capitão-mor, que usando da mesma cerimônia do outro Ancosse Luspance, lhe deitou a mão à barba, e sentindo-a branda e corredia, e a sua áspera e

cresta, com grande riso o festejava, e acompanhando-o Nuno Vélho, e os seus aos nossos, continuou-se o caminho, deixando atrás a aldeia, da qual o negro mandou vir três vacas, pelas quais lhe deram nove pedaços pequenos de cobre, e às quatro da tarde se fez o alojamento, onde havia água e lenha; e nêle, despedido o Ancosse, se mataram três vacas, que com a igualdade costumada se repararam entre os nossos. Os quais acharam pela terra que tinham andado, adens, perdizes, codornizes, pombas, garças, pardais e corvos; e nesta estança ficaram quatro escravos dos nossos, três dêles negros, e um malavar.

Encontrou-se ao outro dia, nove de Abril, a pouco caminho andado, uma aldeia de poucas casas, cercadas de um curral, no qual haveria cem vacas e alguns cento e vinte carneiros mui grandes de casta de Ormuz, e nelas vivia um vélho pai com seus filhos e netos, os quais com grande espanto e alegria receberam os nossos, e com caboças de leite, que a grande pressa ordenaram.

Compraram-se-lhe quatro vacas, por cobre que valeria três vinténs, e continuando-se o caminho, nêle acharam cinco negros entre os quais vinha um irmão do cafre que era guia, a quem o próprio Ancosse Luspance entregou os nossos. O qual sabendo que vinha seu irmão, o foi buscar e o apresentou ao capitão-mor dizendo-lhe a razão que entre ambos havia. Recebeu-o Nuno Vélho mui humanamente, e êle com a sua costumada cerimónia o festejou. Chamava-se êste negro Ubabú, era de meã estatura, bem feito e proporcionado, não mui preto, e de semblante alegre. Sendo meio dia mandou Nuno Vélho ao piloto que tomasse o sol com o astrolábio que salvara da perdição, e soubesse em que altura estavam. Fez o piloto a operação e achou que tinham trinta e dois graus e seis minutos de altura do polo do Sul; pelo que, conforme o rumo por que caminhavam, tinham andado dez léguas em oito dias e meio, e segundo os embaraços que

traziam não o houveram por pouco, não sendo o menor D. Isabel e sua filha D. Luísa, as quais traziam os escravos do capitão-mor às costas, em caixas consertadas ao modo de redes do Brasil, que em Cuama chamam machilas. Às quatro da tarde chegaram a uma povoação do negro Ubabú, o qual fez assentar os nossos junto a sua casa, e com grande demonstração de contentamento lhes mostrou o seu gado mui doméstico e manso, que seriam duzentas vacas, as mais delas mochas, e as que o não eram excediam às outras na grandeza. Veio mais um rebanho de duzentos carneiros grandes, e para significar o gosto com que os agasalhava, mandou vir suas mulheres, que eram sete, e três filhas e alguns filhos. Às mulheres disse o negro que bailassem, e elas tangendo as palmas e cantando, levantaram-se alguns sessenta negros da mesma povoação, que sentados estavam vendo os nossos, e ao mesmo som saltando bailaram. Houve-se Nuno Vélho por satisfeito da festa, e pediu ao tesoureiro que lhes desse continhas de cristal enfiadas em seda, as quais deu aos meninos (o que sempre costumava nesta jornada), e assim três trebelhos de enxedrez prêso de três fios de seda, que deitou aos pescoços das filhas do Ubabú, de que os irmãos e o pai ficaram mui agradecidos, e em retôrno prometeram a Nuno Vélho quatro vacas, o qual com a mais gente se foi alojar perto da mesma povoação, ao longo de uma ribeira em que não faltava lenha.

Enxergou-se no negro ao outro dia a cobiça, que tinha dissimulado, e além de entreter os nossos tôda a manhã com enganos e fingimentos, quando lhe pediram as quatro vacas prometidas, pediu por elas um caldeirão de Nuno Vélho, e como arrufado de lho não darem se foi assentar ao longo da sua casa com sua família. Determinou o capitão-mor levar êste negro com brandura, e assim, acompanhado de quinze arcabuzeiros e das línguas, se

chegou onde êle estava, e com palavras amorosas o trouxe consigo, e na sua tenda o convidou com doce e vinho. Tratando de novo nela do resgate das vacas, quis o negro que lhe dessem por três um castiçal de latão que na mão tinha, de que cansado já Nuno Vélho, mandou que marchasse a gente, afirmando que castigara a êste cafre, se lhe não lembrara a bondade do irmão (que se chamava Inhancosa) e a obrigação que lhe tinha. Estava êste negro ausente, que era ido a ver sua casa, apartada do alojamento, e quando veio e soube o que era passado, intercedeu pelo irmão Ubabú, e para o desculpar dizia que devia estar doudo, e ofereceu-se de novo a acompanhar Nuno Vélho até o pôr no caminho, que detrás de uma subida se fazia ao longo das suas casas. Aonde chegou mandou um filho seu pequeno buscar uma vaca, que lhe apresentou naquela tarde. Nela se agasalhou a gente junto de uma ribeira de espesso arvoredo povoada, donde querendo-se ir Inhancosa, prometendo que tornaria ao outro dia, o não consentiu Nuno Vélho sem deixar em reféns outro negro.

Mudou-se no seguinte dia, que foi domingo de Ramos, a ordem de caminhar, e passou-se à dianteira o capitão-mor, porque andava pouco, e ao seu passo poderia atuar a mais gente. A qual, guiada do negro que ficou em lugar de Inhancosa, passou perto de uma povoação, e dela, a chamado do cafre, vieram resgatar uma vaca, depois de se assentar o arraial onde havia água e lenha. Levavam os nossos o gado que compravam entre si com guarda, e quando se alojavam o recolhiam ao meio, e com cuidado se vigiava de noite, por que o não furtassem os cafres. Os quais se estranhavam os nossos pela diferença da côr e dos trajes, não menos se espantavam as suas vacas, porque, correndo de longe aos portugueses, paravam junto deles com os focinhos no ar, como maravilhadadas de cousa tão nova. E tinha-se também vigia

(com dissimulação) dos negros, porque se não fôsem depois de pagos, sendo costume seu fugirem como lhes davam alguma cousa.

Cansados os mosqueteiros dos mosquetes, e sendo desnecessários, pareceu bem a Nuno Vélho Pereira e ao capitão que se lançassem naquela ribeira, o que consentindo todos se fêz, e dela se foi caminhando por uma estrada pedregosa (à qual saíam negros com leite, que davam a trôco de pequenos pedaços de pregos), pelo que foi a jornada dêste dia breve; alojado o campo vieram outros cafres, que resgataram três vacas por cobre, que importaria dois tostões. Deles se ofereceu um a acompanhar os nossos, a quem Nuno Vélho mandou dar uma cobertura de um saleiro de prata. São os trajas dêstes negros como os de Tizombe, e demais que êles trazem umas continhas vermelhas nas orelhas, as quais perguntando Nuno Vélho ao cafre (a quem dera a cobertura) donde vinham, entendeu pelas confrontações que as traziam da terra de Inhaca, que é o Rei que povoa o rio de Lourenço Marques. São estas contas de barro, de todas as côres, da grandeza de coentro, e fazem-se na Índia, Negapatão, donde se levam a Moçambique, e dali pelas mãos dos portugueses se comunicam a êstes negros, resgatando-as com êles por marfim.

Antes que ao outro dia levantassem o arraial, veio um filho de um Ancosse que perto do alojamento estava, com vinte e oito negros, que o acompanhavam, a quem Nuno Vélho deitou ao pescoço uma chave de um escritório, com uma cadeia de prata. Mostrou-se o cafre mui contente, e para grangear alguma outra peça lhe disse que seu pai o mandava ver aquela gente tão estranha, e que folgaria, ainda que torcessem alguma cousa do seu caminho, que o fizessem pela sua povoação. Respondeu-lhe Nuno Vélho que não se havia de desviar da estrada, e que nela se poderia encontrar; com que se des-

pediu êste negro, e os que com êle vieram, e o outro, com grande dissimulação o seguiu.

Ficaram os nossos sem guia, pelo que foi necessário guiar o piloto, por mandado do capitão-mor, o que êle fêz com uma agulha de um relógio de sol, endireitando ao Nordeste, como até ali fizeram e sempre que faltou guia êle o foi, pôsto que doente muitas vezes, e com grandes dôres, às quais resistia com muito espírito (não mostrando menos ânimo no naufrágio da nau) por cumprir com esta obrigação, encaminhando seus companheiros por aquelas terras nunca deles, nem de outros nenhuns portugueses, vistas e tratadas. E subindo a um monte que junto do alojamento estava, deram em um bom caminho, e mui povoado, ao qual vinham os negros com muito leite; e davam um fole, que teria meio almude, por três e quatro tachas de bomba. Ao sol pôsto chegaram a uma grande ribeira, que pareceu ao piloto ser um de três rios que na carta de marear estão assinalados naquela altura, dos quais já se havia passado o do Infante, que foi o primeiro em que se viram os cavalos-marinhos; e êste devia ser o terceiro, conforme a altura, chamado S. Cristóvão; e o do meio, por irem metidos pela terra dentro, e não ser mui grande, o não encontrariam. Levava êste rio muita água e corria mui rijamente, e vendo os nossos que um pouco de gado o passava acima donde estavam, pelo mesmo lugar o vadearam, pôsto que com trabalho e temor que a correnteza levasse algum fraco ou doente. Mas todos se acharam da outra banda do rio, ao longo do qual estanciam aquela noite, e a grandes fogos que fizeram se aqueceram, e enxugaram a roupa, molhada da passagem.

Seguindo o outro dia a derrota que levava o piloto, por bom caminho e seguido, ao longo do qual havia povoações, das quais saíam a vender leite e uma fruta semelhante às nossas melancias, chamada dos cafres «mabure», sendo onze horas, e o sol mui quente, repousaram

todos junto a uma ribeira assombrada de arvoredos, aonde veio ter um negro, mui acompanhado de outros, trazendo diante de si algumas cem vacas, que, como mostrasse na pessoa e acompanhamento ser de mais qualidade que todos os Ancosses passados, mandou Nuno Vélho estender uma alcatifa, apartado do arraial, em que o recolheu; e saudando-se à maneira costumada da terra, quis o negro saber quem eram os nossos portugueses e donde vinham e para onde iam.

Respondeu-lhe Nuno Vélho que eram vassallos do poderoso Rei de Espanha, e deles era êle seu capitão, e que o mar (a que os negros chamam manga), indo em uma nau para a sua terra, os deitara naquela, a qual convinha atravessar para chegarem à do Inhaca, onde achariam embarcação que os tornasse a levar donde partiram. Pediu-lhe Nuno Vélho guias e mantimentos; uma cousa e outra lhe deu êste negro. As guias foram dous filhos seus, com outros dous negros que os acompanhassem; e os mantimentos, duas vacas. Nuno Vélho lhe deitou ao pescoço, como chegou, uma mão de almofariz que pesaria quatro arráteis, a assim apresentou um pequeno caldeirão e umas contas de cristal; e a três filhos seus deu três rosários. Parecia o negro de oitenta anos, chamava-se Vibo, era alto de corpo e mui preto. E sendo duas horas se despediu do capitão-mor, ficando os dous seus filhos guiando os nossos. Os quais, caminhando por uma terra mui chã, pondo-se o sol fizeram alto, e alojaram-se de baixo de umas árvores que em um campo junto de uma aldeia estavam, onde, com licença, se foram os dous irmãos, deixando em seu lugar os outros dous negros, que também o dia seguinte se despediram, receando o despovoado.

Aos quinze de Abril, Quinta-Feira Santa, se começou a caminhar antes que saísse o sol, por boa terra de fermosos campos e abundosos pastos; e atravessaram duas

ribeiras, em uma das quais se detiveram uma hora; recolheram-se em outra; e nesta estança mataram duas vacas, e com estreiteza se repartiram, apoupano-se outras duas, que ficavam, para o despovoado que haviam de atravessar os três dias seguintes, segundo diziam os negros. Depois que aquietaram-se os nossos, fizeram alguns devotos um altar entre dous penedos em que puseram um Crucifixo, com duas velas acesas, diante do qual Frei Pedro disse as ladainhas, e acabadas fêz um sermão do tempo, que não foi ouvido com menos lágrimas que prègado com devoção.

Os três dias seguintes caminharam por deshabitado; no primeiro, que foi Sexta-Feira Santa, chegaram às onze a um brejo, onde havia pouca água e turva, e menos sombras; mas às quatro da tarde se passou um largo e corrente rio dando a água pelo joelho, e da outra banda se fêz o alojamento; e como o comer não era muito, aproveitaram-se de umas raízes semelhantes a outras chamadas entre Douro e Minho nozelhas, que eram mui doces e da feição de pequenas nabiças, as quais se acharam por êste caminho. E porque os escravos de Nuno Vêlho Pereira vi-nham já muito cansados de trazerem D. Isabel e D. Luísa, rogou êle ao mestre que acabasse com alguns homens do mar que quisessem levar estas fidalgas. Ajudou-se o mestre do favor do pilôto, e ambos concluíram bem o que lhes foi encomendado, fazendo com dezasseis grumetes que por mil cruzados as levassem até o rio de Lourenço Marques, pelas quais prometeu e ficou por fiador Nuno Vêlho, e por elas os pagou em Moçambique.

Véspera de Páscoa, com grande orvalhada, se subiu mui cedo a um outeiro, e, depois que saíu o sol, a outros que cansavam muito os nossos, indo a maior parte descalços, sendo já os sapatos gastados e valendo um par dez cruzados; e assim subindo e baixando (caminhando porém sempre por estrada seguida ao mesmo rumo), tiveram a sesta à sombra de um espesso arvoredado, pelo qual

corria uma ribeira, que passaram com água pelo artelho. Descansando nela apareceu um negro com duas mulheres, ao qual se mandou o língua, que o trouxe a Nuno Vélho (deixando porém as negras apartadas da gente); êle lhe pediu que fôsse sua guia e lhe pagaria mui bem. Mas o cafre se desculpou com a carga que trazia, que a vir só fizera-o; e com um prego que Nuno Vélho lhe deu se foi mui contente. Não o ficaram porém os nossos, vendo-se naquele despovoado, pelo qual continuaram seu caminho até o sol pôsto, que ao pé de um monte onde havia água e lenha se recolheram.

Subiram a manhã de Páscoa o monte; por êle acharam umas raízes que pareciam cenouras na fôlha e no sabor, e pelo mato uma fruta algum tanto azêda que se-melhava à nossa fruta nova, com que sentiram menos a falta que tinham de mantimentos. Ampararam-se da calma em um alto, à sombra de umas árvores, e sendo meio dia tomou o pilôto o sol, e feita a conta com a declinação, achou que tinha aquêlo sítio trinta e um graus de altura do Polo Austral. Disse-o logo a Nuno Vélho Pereira e à mais companhia, e a todos alegrou tão boa nova. Mas durou-lhes pouco êste prazer, porque tornando ao caminho, e subindo outro monte esperando descobrir dele povoado, não viram senão estendidos e desabitados campos, o que os desconsolou e entristeceu. Alojaram aquela noite onde havia comodidade de lenha e água, e resolveu-se nela que na seguinte manhã se mandassem quatro homens a um alto que ficava ao Sul da estança, e outros quatro a outro que estava ao Norte, para que deles vissem se se descobria povoado. E em tanto o arraial se mudaria a um vale, distante donde estava ao parecer meia légua, no qual se enxergava uma grande ribeira de água, e nela esperaria a êstes descobridores.

Partiram em amanhecendo a uma e a outra parte as nomeadas atalaias, e sendo já o sol alto se foi pôr o

arraial no lugar na noite antes determinado. Aonde vieram às dez horas os quatro homens que foram ao Sul sem novas de povoado; e às onze vieram os outros (que eram António Godinho e Gonçalo Mendes de Vasconcelos, Simão Mendes e António Moniz) cantando, e chegados ao capitão-mor disseram que daquele alto aonde os mandara descobriram em um vale, não mui longe, gente e muito gado pacendo.

Alegraram-se todos com tão desejadas novas, e passadas as horas da calma se começou a caminhar pela ribeira acima buscando vau, que se achou e passou da outra banda dando a água pelo joelho. Subiu-se logo um monte (em cujas fraldas se matou uma lebre) descansando três vezes, e do alto dele se descobriu a gente e o gado que as quatro atalaias viram, o qual, porque era já tarde, pouco a pouco se ia recolhendo para a povoação. Pareceu bem a Nuno Vélho Pereira mandar lá alguns homens, e assim ordenou que fôsse o mestre com António Godinho e um língua, acompanhados de três soldados, que eram Gonçalo Mendes, António Monteiro e Simão Mendes.

Partiram êstes homens logo; e o arraial, encobrimdo-se com uns outeiros, se foi assentar em um vale junto a uns penedos, por não ser descoberto dos cafres e causar-lhes espanto a multidão da gente. O mestre e companheiros, depois de andarem espaço de légua e meia, sendo já noite viram uma casa, e dela apartados, chamou o língua e pediu licença para chegar. Um negro, que estava nela com mulher e filhos ao fogo, o apagou, porque não desse com êles se por sorte era seu inimigo o que chamava, e saído fora perguntou quem era, porque conhecia não ser natural daquela terra, diferenciando-o na pronúncia das palavras. Respondeu o língua que eram uns homens que êle folgaria de ver e tratar. Mas, não se fiando, o cafre lhe disse que fôsse êle só, e que os outros ficassem onde estavam. Assim se fêz, e depois que

ambos os negros se trataram, e o da pousada soube do nosso que os companheiros eram pacíficos, disse que viessem; chamou-os o língua, e foram do cafre e de sua mulher bem recebidos, e, com leite, e fogo que se tornou a acender, agasalhados. Deu o mestre à hóspeda um rosário de cristal; ela o agradeceu, e ficou maravilhada de ver que em todo se pareciam os nossos com os negros e só na côr se diferenciavam. O marido lhes vendeu por um pedaço de cobre um cordeiro, que logo se matou e pôs a assar. E começando-o de comer (para o que não faltava vontade), vieram três negros, e depois seis, com os quais, pôsto que se assentaram e asseguraram os nossos, não lhes soube a ceia tão bem como fôra gostosa sem êles. E assim apressadamente e com receio acabada, se despediram dos cafres, dizendo que se queriam tornar ao seu capitão e dar-lhes nova deles, como fizeram tanto que chegaram ao arraial, que foi na madrugada.

Nela se festejou o acontecimento, e muito mais a certeza do povoado, que para se gozar se puseram logo todos ao caminho, que era mui bom; e por êle foram parar ao pé de um monte às nove horas, no qual havia três casas de cafres junto a um ribeiro. Vieram logo estes com leite, que pelas ordinárias tachas resgataram; e sabendo o senhor da terra, chamado Inhancunha, da chegada dos nossos a ela, veio visitar o capitão-mor, e foi dele recebido e agasalhado em uma alcatifa. Deu-lhe um rosário de cristal, uma perna de coral e um remate de sombreiro de sol, de latão, com que o negro ficou em extrêmo alegre e prometeu guias, que Nuno Vélho lhe pediu, e apresentou-lhe uma vaca, a qual com outras seis que se resgataram aquela manhã se mataram e repartiram entre todos para dois dias. À tarde se trocaram por pedaços de cobre mais dez, e sendo já o sol pôsto se despediu Inhancunha de Nuno Vélho, para o esperar na sua povoação que no alto do monte estava.

Não se fêz jornada o dia seguinte, para que nêle se refizesse a gente do trabalho passado; resgataram-se porém nêle mais quatro vacas e muito leite e milho. E como se soube pelas vizinhas povoações que os nossos não eram idos, vieram muitos negros e negras a vê-los, com os quais ficaram dez escravos, receando outro despovoado como o passado. E Nuno Vélho, entendendo quanto importava conservar o cobre, ferro e roupa, que houvesse no arraial, para a comutação dos mantimentos e pagas das guias, e assim ser necessário guardarem-se algumas peças para se darem aos Reis e senhores das terras por que passavam, e sabendo que alguns homens resgatavam os ditos mantimentos sem ordem do provedor e tesoureiro, com que se alterava o preço deles e se diminuiam as cousas necessárias para o resgate, mandou fazer orçamento de todo o cobre e ferro e peças que havia, obrigando a todos com juramento que declarassem o que tinham, e que o entregassem aos ditos oficiais, para que cessassem os inconvenientes apontados e com igualdade se distribuísse tudo, e apouando-se não viesse a faltar quando mais necessário fôsse.

Sendo já o sol saído do outro dia, se subiu o monte; no alto aguardava o Ancosse Inhancunha, e dos cafres que consigo tinha deu ao capitão-mor dois para guias e três para apacentar e domesticar catorze vacas que levavam os nossos. Desceu-se o monte sendo já duas horas, e deram em uma terra chã, coberta de árvores grandes, com fruto amarelo, do tamanho de ameixas brancas, algum tanto azêdo no gôsto, do qual comeram e levaram todos muito de uma só árvore; e de tal maneira estavam dele carregadas, que pareceu que se não colhera nenhum. Passado êste arvoredado, e caminhando pouco mais, se fizeram horas de recolher; e em um campo abundoso de feno se deixou o gado, e debaixo de árvores que o cercavam se agasalhou a gente, não faltando água de um ribeiro que ao longo delas corria.

Mudou-se daqui o outro dia, vinte e três de Abril, o arraial, levando o gado diante, passando muitas aldeias, cujos moradores resgataram, por poucas tachas e contas de cristal, leite e milho; subiram-se alguns outeiros, que cansaram os nossos; e às onze, passado um rio dando a água pela côxa, sestearam da outra parte. Donde sendo a calma menos, tornaram a continuar o caminho, não chão, mas mui povoado, por ser a terra muito mais fértil e grossa, que a passada; chamam-lhe os negros Ospidainhama, e em seus matos há mui cheirosos cravos rosados e vermelhos, em tudo semelhantes aos de Portugal, senão nos pés, que os tinham estes mais longos. Ao sol pôsto se assentou o arraial junto de uma pequena povoação, aonde tiveram lenha e água, que não faltou também do céu, porque houve de noite uma trovoadá rija de Oeste com muita chuva.

Defronte dêste alojamento estava um monte alto, que se subiu na seguinte madrugada, e dele se desceu a um campo cheio de povoações, pelo qual se caminhou até às onze, que se chegou a uma ribeira, que entre pedras corria, e nelas havia lapas a cuja sombra passaram os nossos a calma. Ali os vieram ver das aldeias muitos negros com mulheres e meninos, e com o seu bailar e cantar os festejavam. Eram quási todos fulos, bem ageitados e dispostos, o traje o mesmo que o dos outros cafres de Tizombe, não usam tanto de pôr a mão na barba como êles, e a trôco de mui poucas tachas deram muito leite e bolos de milho, que traziam, chamados deles «sincoá». Declinando o sol se partiram desta ribeira os nossos, e marchando pelo mesmo campo chegaram á outra, junto da qual se recolheram aquela noite, debaixo de grandes árvores sem fruto, com vinte e duas vacas.

Partiram desta ribeira ao outro dia, e começaram a subir uma montanha, que foi a primeira desta jornada, a cujo alto chegaram às nove horas, onde estava uma po-

voação; e dele se desceu a um campo, pelo qual entre muitas casas se foi caminhando até uma grande ribeira, em que havia muitos cavalos-marinhos, a qual, segundo os negros afirmavam, era a mesma donde se partiu pela manhã, que com muitas voltas rodeava aquela terra. Junto dela se alojaram os nossos; e resgataram dos negros seis vacas, por uma verruma grande e pedaços de cobre que pesariam um arrátel. Dêstes cafres se apartou um a falar só com o língua, e vendo-o o piloto, e perguntando-lhe o que entre êles passara, respondeu que o negro lhe dissera não fôsem por aquele caminho que levavam, porque era mui antigo e desusado, e por ter muitas serras despovoado um grande espaço, e assim que era melhor seguir o outro que ia ao longo da serra que junto delles estava, o qual não era tão êrmo nem áspero como o outro. Pareceu-lhe bem ao piloto o caminho que dizia o negro, e mais o propósito da sua derrota, e assim o disse a Nuno Vêlho referindo-lhe tudo o que entre os negros passara. O capitão-mor deixou nêle a eleição do caminho, e pôsto que se pediram aos cafres guias para êle, com largas promessas de satisfação e paga, nunca o quiseram fazer, receando o despovoado que havia. E assim, para entrar por êle ao outro dia, se mataram aquela noite duas vacas que se distribuíram entre todos, e ficaram vinte e seis já mui domésticãs e que qualquer português apacentava.

Começaram em amanhecendo, de caminhar para a serra, e para a rodearem foram a Leste. Chamam-lhe os negros Moxangala; é mui viçosa e fresca, e tão abundante de águas, que em dois dias que os nossos fizeram a estrada ao longo dela atravessaram vinte e três ribeiras, das quais as três eram mui grandes; algumas se passaram êste dia às quatro da tarde, em que, chegando ao pé de um alto dela, se assentou o campo. Vieram com os nossos a êste alojamento quatro negros, que entraram pela

manhã, os quais por maravilha o vinham ver; e o principal deles (chamado Catine) apresentou ao Geral um fole de leite, que lhe êle pagou com um trebelho de enxedrez, que atado em um fio de seda branca lhe deitou ao pescoço. Aprovaram estes cafres o caminho, e pedindo-lhes Nuno Vélho que por êle o guiassem, prometeram de o fazer se a paga fôsse igual ao trabalho, que o muito despojado merecia. Não se desavieram nela, porque, como lhes mostraram um castiçal de latão, houveram-se por satisfeitos, e ficando aquela noite com os nossos, mandaram dois dos seus buscar vacas para resgatar o outro dia.

No qual, caminhando ao longo da mesma serra, e assomando em um alto um negro, dos que foram buscar as vacas, sem elas, o Catine se acolheu; e do outro que se chamava Noribe deitaram mão os nossos, que, vendo-se prêso, com grande espanto e temor bradava pelos outros, que de longe o consolavam. Domesticou-se porém com promessas e dádivas, sendo uma delas o castiçal prometido ao companheiro, e houve por bem de guiar a nossa gente assim amarrado. E seguindo ao longo da serra, passando a calma à sombra de uns penedos pelos quais corria uma ribeira, fizeram o caminho à tarde ao Nordeste, e ao sol pôsto acabaram de passar a serra e chegaram a um rio que com muita fúria corria por um grande bosque. Ao longo dele se agasalhou o arraial e tomou mantimento necessário para dous dias.

Passou-se o rio por algumas pedras grandes, que nêle havia, e caminhando por terra chã encontraram com outra serra que vinha de Leste ajuntar-se com a passada de Moxangala, e entre ambas havia um vale que corria ao Nordeste, com estrada seguida. Por ela caminharam os nossos enquanto durou o vale, e dele subiram á outra serra, em cujo alto se soltou o negro, que guiava, de uma touca com que Nuno Vélho Pereira o fazia atado, e com um grande salto atravessando um regato fugiu correndo

mui ligeiramente. Ficaram os nossos sem guia, e depois que baixaram donde estavam e subiam outro monte, nêle, por ser todo de pedra, perderam o caminho que levavam. Viram dele uma campina de abundoso pasto, e no cabo dela dous grandes outeiros que entre duas serras ficavam. Aos quais, porque estavam ao Nordeste, e porque entre êles parecia que teria o caminho melhor saída, ordenou o piloto que se endireitasse o arraial. Assim se fêz, e além dêstes outeiros, encontrando com uma ribeira que corria por um grande rochedo, nela se alojou, sem lenha, que fôra bem necessária para uma trovoada que houve aquela noite com chuva.

Amanhecendo, se passou a ribeira por penedos que nela havia, dando a água pelo joelho. Era a terra da outra banda chã, e de uma e da outra parte havia montes altos, cobertos de árvores grandes e verdes. Cortava-a toda a passada ribeira, que por ela ia fazendo muitas voltas; e assim a atravessaram os nossos neste dia cinco vezes. Às onze, à sombra de grandes penedos passaram a calma, a qual abrandando se continuou o caminho; e em uma penedia em que havia algumas árvores se recolheram, por não acharem outro melhor alojamento, no qual com grande chuva e vento se passou aquela noite.

Ao derradeiro de Abril se subiu pela manhã um monte que estava junto da estança, e do cumo dele seguia a terra chã, que passada atravessou um grosso ribeiro que entre dous montes corria. Subiram os nossos um deles com esperança de descobrir povoado, mas estavam mui longe dele, e, desconsolados de o não verem, o tornaram a descer por um caminho que viram seguido a um vale, onde, por haver lenha e água, se agasalharam ás três horas.

Meteram-se o outro dia, primeiro de maio, em um bosque (que perto do alojamento estava) tão alto e espesso e cerrado por cima, que, sendo o dia mui ventoso e

chuvoso e semelhante à passada noite, debaixo dele, como em abrigadas casas, se não sentia. E ao longo de um ribeiro que o atravessava se assentou o arraial com determinação de não fazerem mais larga jornada, porque o vento, a chuva e o frio o não consentiam. Deram porém lugar de se poder tomar o sol ao meio dia e saber o piloto que estava a 29 graus e 53 minutos. A qual nova aliviou os presentes trabalhos e alegrou a Nuno Vélho Pereira e à mais companhia, afirmando também o piloto que tinham já passado o áspero e fragoso daquela terra, pelo que se esforçassem os fracos para caminhar e chegarem ao rio de Lourenço Marques no fim de Junho, que era o tempo em que dele partia o navio do resgate para Moçambique. Fundava-se Rodrigo Miguéis (e com razão) em ser a altura que achou do fim da Terra do Natal, que é a mais alta de toda a outra daquela costa, e pelo ela ser há na mesma paragem, no mar, grandes frios e muito maiores trovoadas.

Cessaram estas na manhã do dia seguinte e bonançou o tempo, pelo que se levantou o campo; e saídos do bosque marcharam por uma pequena costa, da qual baixaram a uma terra chã, e dela a uns outeiros, que passados descansaram os nossos no alto de um monte, no qual como nos vales acharam água. Ficou morrendo nêle um português, por nome Álvaro da Ponte, que vindo mui doente, e três ou quatro jornadas ás costas dos companheiros com grande caridade, o frio dos dias atrás o acabou de todo; deixou-o já Frei Pedro sem fala, e no mesmo estado ficaram dous escravos e uma escrava de D. Isabel. Com êste companheiro menos, caminharam os nossos depois da calma por um mui longo vale, onde acharam uma grande ribeira, junto da qual se agasalharam sendo quási noite. E daqui, vendo o piloto que para o Norte e Nordeste ficavam grandes e altas serras cobertas de neve, determinou de guiar a Les-nordeste, como fêz na jornada seguinte.

Foi ela mui trabalhosa, subindo-se muitos outeiros, e deles um monte. Ao seu cume foram dous homens a descobrir povoado; baixaram sem novas dele, mas deram notícia que a Les-nordeste viram quatro fumos, com que a gente se animou algum tanto, parecendo-lhe que ao rumo por que caminhava havia sinal de povoação. Mas não era senão de caçadores, porque o fumo das povoações destes negros é tão pequeno, que quasi se não enxerga na casa em que há fogo. Pelo que, tirando ao mesmo direito, assentou-se o arraial em um baixo, junto de uma ribeira em que não faltava lenha, havendo primeiro passado por entre dois montes para descer ao vale por que ela corria.

Com grande orvalhada se subiu o outro dia um pequeno outeiro, coberto de tão grosso e alto feno, que se não viam os nossos uns aos outros, e para poderem caminhar o iam apartando. Do outeiro descendo a uma terra chã, acharam o maior e mais caudaloso rio que até ali tinham encontrado. Corria do Norte ao Sul; e para apalpar o vau foi por êle abaixo o piloto com outro companheiro, e o mesmo fizeram outros dois homens por êle arriba. Mas em nenhuma parte o acharam tão bom como onde estava o arraial parado, porque fazendo naquêle direito uma ilhota, repartia-se em dois braços e assim ia a água espalhada e corria com menos fúria. Pelo que, resolutos todos a vadeá-lo naquêle lugar, passaram-no primeiro dois homens com piques nas mãos, dando-lhes a água pelos peitos, e tornaram onde ficaram os companheiros para lhes ensinar o passo. Ordenou-se logo que os mais rijos se metessem na água, e de uns a outros se atravessassem piques, nos quais pegados, como em mainel, passaram os fracos e mulheres; os doentes com grande caridade foram passados à outra banda aos ombros, e nas machilas de D. Isabel, a qual e sua filha, metidas na água, atravessaram o rio levadas de braço de

Francisco Silva e de João de Valadares; e da mesma maneira passou o capitão-mor. Gastou-se nesta passagem todo o dia, e postos todos na banda de além (onde já estava o gado, que atravessou mui bem o rio) fizeram-se grandes fogos, em que se aquentaram e enxugaram; e armando suas tendas debaixo de grandes árvores, nelas se recolheram aquela noite, depois de colherem à tarde pelo mato muitas maçãs de anáfega e murtinhos.

Estava defronte do alojamento um monte que subiram como foi manhã, e passado êste e outros sestearam à sombra de umas árvores, refrescando-se com melancias que naquele sítio havia, as quais pareceram mais gostosas com a vista de três negros que os nossos enxergaram em um alto. Mandou Nuno Vélho Pereira a êles um escravo seu, que com a continuação sabia já a língua; êste os trouxe consigo e lhos apresentou, os quais o saudaram dizendo «alada, alada», diferente saudação da que usavam os passados; e depois de darem as desejadas novas do povoado, e que estava perto, tornou um deles a chamar outros oito companheiros que detrás do monte deixara. Voltaram todos, e caminhando com os nossos (passada a calma), sendo já tarde lhes pediram que, por não poderem ir aquela noite ao povoado, quisessem parar nas suas casas. Pareceu bem ao capitão-mor, e assim guiaram os negros a um vale mui fundo e de espinhoso mato coberto, e não parecendo que poderia ser o lugar habitado senão de feras, preveniram-se os nossos e aprestaram as armas, temendo-se nêle de alguma traição. Contudo seguiram os cafres, e entre altos e ásperos rochedos, pelos quais corria um ribeiro, viram seis casas, em que êstes bárbaros viviam com suas mulheres, e junto delas se assentou o arraial com a costumada vigia.

Vendo os negros que com ela não podiam executar suas tenções, que eram roubar algum gado e o mais que pudessem — do qual exercício viviam naquele despovoado

e da caça que matavam — parecendo-lhes que poderiam ser sentidos e castigados, fugiram aquela noite com as mulheres, levando um pouco de milho que ainda estava em espiga, não deixando nas casas mais que laços e armadilhas. E sendo já alto dia, quando os acharam menos (depois que se buscaram para mostrarem o caminho) mandou Nuno Vélho que guiasse o piloto, como sempre fazia em semelhantes faltas. Ordenou êle que se fizesse a estrada a Leste, e havendo caminhado um grande espaço sem verem povoado, foram por ordem do capitão-mor alguns homens a dous altos que ficavam ao Leste e ao Nordeste do lugar onde estavam, mas nem uns nem outros descobriram o que tanto desejavam. Começaram-se a amotinar os impacientes, reprovando a jornada do sertão por deshabitada, e pedindo a vozes que os levassem ao mar. O piloto e mestre lhes mostraram como a via de Leste que seguiam era para o mar a mais breve, o que sendo aprovado por Nuno Vélho os aquietou; e levantando-se o campo e indo no mesmo rumo de Leste deram em um caminho seguido, pelo qual caminharam devagar até à noite, que se agasalharam ao longo de um ribeiro, em que havia muito feno e pouca lenha.

O contrário lhes succedeu no alojamento seguinte, que o fizeram debaixo de um bosque de grandes árvores, sem água, havendo caminhado a manhã tôda por caminho bom e seguido, e, perdendo-o à tarde em um vale, tornaram a achar outro, pouco antes que se recolhessem em um alto, depois de terem subido outros e visto de longe dous negros (quando ao meio dia descansavam), os quais, como descobriram os nossos, fugiram.

Terminou-se o despovoado na jornada passada, que em catorze dias se atravessou; e, para ser menor, quem fizer o caminho por esta Cafraria, como se achar em trinta graus de altura, faça-o a Les-nordeste, porque neste rumo passará menos deserto e encontrará mais depressa com

terra povoada. Na qual os nossos entraram aos oito de Maio, e tão abundante de todos os mantimentos, que os fêz esquecer as faltas que deles tiveram no êrmo, pôsto que comeram sempre vacas, e, das vinte e sete com que nêle entraram, chegaram aqui com doze. Como foi manhã dêste dia continuaram seu caminho, em que encontraram quatro negros, os quais com outros muitos havia grande espaço que viam os nossos, e se vigiavam deles, e receosos do mal que lhes podia fazer tanta gente não ousavam chegar; pelo que mandou Nuno Vélho, a êstes quatro que se descobriram, António Godinho com António o língua; e com uns pedaços de cobre que lhes deu esperaram três deles, e o outro foi chamar alguns cincoenta que detrás de um outeiro estavam escondidos. Vieram todos ao arraial, e os principais, acompanhando Nuno Vélho, lhe foram dando largas novas da fertilidade e povoação daquela terra; e tratando-se do resgate dos mantimentos, onde o caminho se dividia em dois para duas povoações, houve entre os cafres diferença sôbre qual das aldeias seria a primeira a que os nossos fôssem. Aquietaram-se dando Nuno Vélho ao principal dos quatro que se encontraram um anel de Tambaca, que tirou do dedo a Gonçalo Mendes de Vasconcelos, e prometendo que a todos resgataria suas vacas, começando pelos mais vizinhos, que eram os cincoenta que ao chamado de um dos quatro vieram; e bailando e cantando todos, encaminharam os nossos para a mesma parte de Lesnordeste e com êles chegaram a um vale de muito arvoredado e água, onde, por ser já tarde, e estar dali o povoado alguma meia légua, se assentou o arraial. Não lhes pareceu longe aos negros para virem a êle ver os nossos, trazendo muito milho e bolos feitos de farinha de uma semente do tamanho e côr do nosso milho, chamada deles ameixoeira, e de feijões, e um legume chamado jugo, que é do tamanho de favas pequenas, e assim leite e manteiga, que por poucas

tachas e pedaços de pregos davam. Vinham entre êstes alguns mancebos vestidos de esteiras de tabua, que é traje dos moços nobres, enquanto não trazem armas nem se ajuntam com as mulheres, dos quais exercícios não usam senão de vinte e dois anos por diante. São todos bem dispostos, mais pretos que os passados, mais verdadeiros, e não trazem cães em sua companhia como êles. Sendo já duas horas de noite veio visitar ao capitão-mor um negro chamado Inhanze, filho do Rei daquela terra, da parte de seu pai, com uma vaca de presente e uma embaixada mui concertada, dizendo que estando o Rei em uma sua aldeia um pouco apartada daquela estança, soubera da sua chegada, com que se alegrara muito, e por ser tarde e tempo de êle descansar do trabalho do caminho, o não vinha logo ver, mas que o faria pela manhã. Respondeu-lhe Nuno Vêlho Pereira com palavras agradecidas, e dando-lhe um pedaço de cobre do tamanho de uma mão e um prego grande, se foi Inhanze mui contente.

Pareceu a Nuno Vêlho que para se refazerem os nossos do cansaço do caminho e alentarem-se para o seguinte, e para comprarem muitas vacas, seria acertado descansarem dous dias no vale em que estavam alojados. O que sabido pelos negros circunvizinhos, trouxeram a resgatar uma semente como alpiste, chamada deles «nechinim», de que fazem farinha, gergelim, milho, leite, manteiga, galinhas e carneiros; e tanto de tudo, que se não mataram vacas, e disto sobejou aos escravos, não havendo já no arraial quem quisesse comprar cousa alguma. Trocaram-se mais, por pouco preço de cobre, nestes dous dias, vinte e quatro vacas, que, com doze que sobejaram aos nossos do despovoado, eram por tôdas trinta e seis.

Sendo onze horas veio o Rei da terra, chamado Mabomborucassobelo, acompanhado de alguns cincoenta negros com azagaias, e consigo trazia sua mãe. Rece-

beu-os o capitão-mor com a cortesia devida, assentando-se todos três em uma alcatifa. Admiraram-se os cafres da vista dos nossos, e quis o Rei saber particularmente do seu naufrágio e peregrinação, que referido por Nuno Vélho Pereira mostrou o negro, e os seus, grandes espantos, após que seguiu Nuno Vélho, que por fama soubera dele muito antes de chegar às suas terras, a qual o obrigara a fazer o caminho por elas para o ver. Ficou o bárbaro mui vão, e dizendo-lhe os seus que seria bem que fôsem os nossos dele bem agasalhados e guiados, pois de tão longe o vinham buscar, êle o aprovou, e prometeu dar guias e tudo o mais que nas suas aldeias houvesse. Agradeceu Nuno Vélho, deitando-lhe ao pescoço uma perna de coral atada em um fio de seda e dando-lhe um tampão de caldeirão, e à mãe umas contas de cristal guarnecidas de verde; e sendo horas de jantar comeram com êle, e às três horas se foram com iôda a sua companhia. Solenizou também o piloto esta estança com observar nela a altura do Polo, e achou ser vinte e nove graus e quarenta e cinco minutos; e, de haver tão pouca diferença da altura passada, foi a causa caminharem a Leste-nordeste e a Leste.

Dêste vale (onde ficaram quatro escravos, dois cafres, um japonês e um jão), a que os nossos puseram nome da Misericórdia (pela grande que com êles usou Deus Nosso Senhor, trazendo-os, depois de atravessarem catorze dias um deserto, à mais fértil e abundante terra da Cafraria), partiram aos onze de Maio com guias, que o Rei como prometera deu a Nuno Vélho aquela manhã, despedindo-se dele levando ao pescoço uma cobertura de uma gorgoleta de prata, prêsas de um fio de seda branca, e os dous negros dous pedaços de cobre e dous pregos. Ia o caminho ao Nordeste, e por êle subiram um alto, cuja descida foi de pedra; e no vale acharam três povoações. Estas passadas, e um ribeiro e um monte onde resgataram duas va-



cas, chegaram já tarde a outro, o qual descendo-o por entre mato mui espinhoso, toparam uma serra que vinha do Nordeste e com o monte se juntava. Nela lhes anoiteceu com grande escuro, e assim não chegaram ao baixo onde havia água e alojaram-se sem ela.

Acabaram de descer o outro dia do monte às dez horas; havia no vale bom caminho ao Norte, pelo qual foram os nossos como meia légua, cobertos de um arvoredado com fruta mui amargosa da feição de farrobas, até chegarem a uma ribeira que vadearam, dando-lhes a água pela coixa. Terminava esta ribeira a terra do Ancosse Mabomborucassobelo; pelo que, passada, foi uma guia chamar o senhor daquela em que estava, cujo nome era Mocongolo. Veio logo, trazendo uma vaca ao capitão-mor, mostrando-se mui contente de o ver e prometendo que daria os mantimentos e as guias que os dous negros que vinham com os nossos lhe pediram da parte do seu Rei. E porque até àquele lugar era a sua jornada, dêle se voltaram com mais dous pedaços de cobre e dous rosários de cristal guarnecidos de verde, com que se houveram por tão bem pagos, que pareceu aos que ficavam excesso e prodigalidade; e cobiçando outra semelhante satisfação se ofereceram logo muitos para o mesmo officio. Idos os dous negros, e despedindo-se o Mocongolo de Nuno Vélho para o esperar nas suas povoações, deixando-lhe alguns cafres que lá o guiassem, levantou-se o arraial e foi fazer o alojamento ao longo da mais fermosa e fresca ribeira que por todo o caminho se havia visto. Corria de Oeste a Leste por um vale metido entre altos rochedos, todos cobertos de grandes e copadas árvores de diversas côres.

Convidados os nossos da fresquidão desta ribeira, detiveram-se nela um dia, e por sua beleza lhe puseram nome das Flores Fermosas. E os negros lhe chamam Mutangalo. Partiram dela (com saúde) aos catorze de Maio, com dous negros do Ancosse, que não ficou descon-

tente do que lhe deu Nuno Vélho; e parados às onze a descansar da calma debaixo de umas árvores, vieram as mulheres das guias com dous cabaços de mui boa manteiga, que por cobre de valor de seis reis se resgataram. Quis porém Nuno Vélho pagar-lhes a vontade com que o trouxeram, e deu-lhes dois meios rosários de cristal, com que elas ficaram em extrêmo contentes, e os maridos obrigados. E porque naquêl sítio não havia água, e faltava aos nossos, foi um dos negros buscá-la a uma fonte que pouco apartada do arraial estava, a qual foi a primeira que se viu nesta jornada, sendo tôdas as outras águas excelentes, de ribeiras que nela encontraram. Passado o ardor da sesta, que, pôsto que em inverno, se sentia quando o sol não estava coberto de nuvens, caminharam os nossos por boa estrada, à qual saíram três negros com um cabaço de favos de mui saboroso e alvo mel, que, resgatado, o repartiu o capitão-mor entre todos, como fruta nova; e pouco antes que anoitecesse se recolheram em um fresco vale que entre grandes rochas se estendia, povoado de algumas quinze aldeias, das quais vieram negros com muito mantimento, que pela ordinária moeda trocaram.

Rodearam os nossos uma destas rochas com o rosto ao Sueste, e passada uma ribeira que ao longo delas corria, tornaram a fazer o caminho ao Nordeste até às dez horas, que descansando viram mais de quinhentos e cinquenta negros e negras com mantimento, do qual se resgataram seis vacas por valia de três tostões, muitos bolos de milho, leite, manteiga e mel. Acompanhava êsses cafres o seu Ancosse, chamado Gogambampolo, que apresentou ao capitão-mor uma vaca (e um filho seu, que com êle vinha, outra); e em pago delas levaram dois pedaços de cobre e dois pregos grandes, com que se despediram. E os nossos foram caminhando por um campo raso, coberto de alto feno, no qual junto a um ribeiro ficaram aquela noite.

Sendo manhã do dia seguinte, continuando o caminho pelo mesmo campo, chegaram às dez horas a uma pequena ribeira, em que de ambas as partes haveria algumas trinta povoações. Delas vieram muitos negros festejando com o seu cantar a vista dos portugueses, e com grande afeição (que lhes foi bem paga) os ajudaram a passar a ribeira. Eram as aldeias da outra banda de outro senhor, que logo veio a visitar Nuno Vélho, apresentando-lhe uma vaca, e em retôrno levou um pedaço de coral, dois de cobre e umas contas de cristal, com que deu licença aos seus que viessem vender o que tinham (não o costumando fazer os negros sem ela); mas êles tardaram, e os nossos apressaram-se tanto, que se foram dêste lugar sem resgatar nêle coisa alguma. E em outro em que acharam água se alojaram, matando das vacas as que haviam mister, como se fazia sempre que era necessário.

Enquanto durou êste bom caminho não se detiveram os nossos, e assim andaram até às onze horas duas léguas dele. Descansando, viram em um outeiro cinco negros; foi a êles uma guia, que os assegurou, e fêz que chamassem o seu Ancosse, que com mais cem cafres estava escondido detrás do outeiro. Veio o negro acompanhado dos seus, e todos com azagaias; e saüdando a Nuno Vélho com o seu «alala, alala», deu-lhe o parabém da chegada àquela sua terra, na qual seria bem agasalhado, e dele encaminhado. E porque o arraial se queria já alevantar, levando o capitão-mor ao Ancosse pela mão, puseram-se os seus negros diante, e cantando guiaram os nossos até um ribeiro, que se não passou, assim por ser já tarde, como porque o caminho ficava da banda de aquém. Havia da outra uma viçosa serra, e de ambas povoações, donde vieram resgatar muito mantimento. Deu Nuno Vélho ao negro suas costumadas jóias, e estas foram uma perna de coral, contas e dois pedaços de cobre, por uma vaca que lhe apresentou; e pedindo-lhe dois homens seus para que

o guiassem, lhos deu logo. Um deles afirmava que já fôra à terra do Inhaca, onde vira portugueses e pangaio. Alegrou esta nova, pôsto que falsa, em extrêmo os nossos, entendendo que estavam em parte onde deles havia conhecimento, e que não devia ser a distância muita ao rio de Lourenço Marques, pois êste negro lá fôra (sendo costume natural dos cafres alongarem-se pouco da sua povoação); mas enganavam-se, que dele estariam umas cem léguas, e o negro nunca lá fôra. Cobraram contudo novos espíritos e animaram-se para o resto da jornada, e com mais contentamento do ordinário passaram aquela noite no seu alojamento que junto à dita ribeira fizeram.

Nêle esperaram o outro dia até às nove horas o Ancosse, que chegado averiguou com Nuno Vélho que se dessem às guias, quando se tornassem, três pedaços de cobre do tamanho de seis dedos. Veio também o pai de uma delas e pediu alguma cousa, e sem ela que a não deixaria ir. Mandou-lhe dar Nuno Vélho um pedaço de cobre e um prego pequeno, com que o negro houve por bem que fôsse o filho. Concluído êste concêrto, levantou-se a arraial, e começou a caminhar por boa estrada e mui seguida, a qual atravessava uma ribeira que os nossos passaram, e dela subiram um monte em que se detiveram as horas da calma. Vieram ali muitos negros e negras de umas povoações que nas fraldas do monte estavam, com leite, manteiga e bolos de milho; e passada a sesta tornaram a caminhar, e com uma hora de sol se agasalharam debaixo de grandes macieiras de anáfega, carregadas de fruto, com o qual se entretiveram aquela tarde, não lhes faltando água de um ribeiro, em que havia muitas adens.

Foi o frio e a orvalhada tão grande aquela noite, que partiram os nossos o dia seguinte às oito horas, passaram uma grande ribeira por pedras, dando a água pelo joelho, e por bom caminho vieram ter a sesta junto de outro, cer-

cada de muitas povoações, das quais vieram negros a resgatar bolos de milho e leite. E o alojamento da tarde se fêz em lugar abundante de água e lenha. Assentado o arraial, desceram por um outeiro abaixo alguns cento e vinte negros, acompanhando um de grande disposição, que as guias disseram ser Rei deles, pelo que, como tal, o agasalhou Nuno Vélho em uma alcatifa, e pela língua lhe disse como se perdera e vinha de mui longe por aquelas terras, nas quais achara sempre acolhimento nos senhores delas e assim o esperava dele. Respondeu o Rei (que se chamava Gimbacucuba) que êle também estava perdido, fora do seu reino, o qual outro seu vizinho lhe tomara com guerra, matando-lhe muita gente, e se recolhera naquela terra de um seu parente, pesando-lhe não estar na sua para o agasalhar, como os outros Reis atrás fizeram. Mostrou desta sua desgraça o capitão-mor sentimento e desejos de o poder ajudar na recuperação do seu estado (ao que todos os negros deram uma alegre grita), e perguntou-lhe as causas da guerra e com quem a tivera. Disse-lhe o Rei que um capitão do Inhaca lhe tomara a terra e matara a gente, e pois estava sem uma e sem outra que não havia para que tratar naquela matéria. Prometeu-lhe Nuno Vélho o seu favor com o Inhaca, e que faria com êle que lhe restituísse o reino por respeito dos portugueses, dos quais era amigo, e, para que os seus vissem o officio que êle nisso fazia, que mandasse dous em sua companhia. Aceitou o negro o oferecimento, e como pobre e desterrado deu a Nuno Vélho um cabaço de leite, que lhe foi pago com umas contas e com uma perna de coral, que êle estimou muito, por lhe dizerem que era bom para o coração e para os olhos; e querendo já anoitecer se foi, ficando os nossos e recolhendo-se nas suas tendas.

Saíram delas em amanhecendo, e a pouco caminho encontraram com o Rei Gimbacucuba, que ao pé de uma

árvore os esperava com três mulheres suas e muitos negros. Assentou-se com êle o capitão-mor e tornou-lhe a pedir os homens, para que, alcançando do Inhaca que lhe tornasse o reino (como esperava e tinha por certo), lhe trouxessem as novas. Agradeceu o rei a vontade, e apartando-lhe com dous negros que elegeu para a jornada, esteve falando com êles, como que os informava do que deviam fazer; e sendo horas de jantar se despediu de Nuno Vélho levando uma peça de canequim, que lhe deu, da qual fêz quatro panos, que êle e suas mulheres puseram por nova e estranha gala, e como tal a estimaram.

Estando os nossos nesta estança vieram alguns cafres doentes e aleijados pedir ao capitão-mor que os sarasse, oferecendo-lhe carneiros e cabritos que traziam. Desejou êle sarar-lhes as almas, já que não podia as enfermidades e aleijões dos corpos, e assim lhes disse que só um Deus que estava no céu (o qual lugar mostrou com a mão) tinha poder para dar saúde, como só era o que dava a vida e a tolhia. E com o sinal da Sagrada Cruz (poderoso meio para outras maiores maravilhas, que sarar estes gentios) os despediu, não lhes tomando nenhum dos seus presentes. Passada a calma foram os nossos caminhando, por entre muitas povoações, nas quais eram bem recebidos e com os seus cantares festejados, e em uma delas viram sair de um curral muito gado, entre o qual havia dous mui grandes bois, um tinha três cornos, procedidos de um que saía da testa um palmo, donde todos três com grande igualdade voltavam para baixo, ficando um deles no meio; e o outro boi tinha quatro, dous ordinários, e outros dous que debaixo dêstes voltavam a redor das orellhas. E pondo-se já o sol se fêz o alojamento a longo de um ribeiro, com o qual se passaram na jornada daquela tarde outros sete.

São as noites por esta terra mui frias, e esta o pareceu muito mais aos nossos por falta da lenha; pelo que,

como foi manhã, para se aquentarem com o exercício começaram a caminhar por terra despovoada, sendo-o também a dos dous dias seguintes; era porém de bons pastos e de altas árvores coberta, e tão fresca que rodeando-se um monte se passaram muitas ribeiras e se fêz estança ao longo de outra que por um estendido campo ia dando muitas voltas. Acharam nela os nossos perdizes, e não viram mais lagartixas, cobras e carochas, como pela outra atrás haviam visto. Encontraram uma serra aos vinte e dous, que para se atravessar com menos aspereza guiaram os negros ao Noroeste. E tornando aos vinte e dous ao Nordeste, ora subindo montes, ora caminhando por vales e passando ribeiras, alojaram-se ao longo de uma com o gado, do qual matando o que para seu mantimento era necessário, acharam nesta estança trinta e nove vacas.

Choveu a manhã do dia seguinte, e enquanto a água impediu o caminho mandou Nuno Velho a um André Martins de Alcochete, com um língua e com uma das guias, pedir licença ao senhor da terra em que entravam para passar por ela. E sendo já dez horas levantou-se o arraial, e caminhando pelo pé de um monte, por baixo de árvores espinhosas, quási uma légua, encontrou duas casas de negros, junto das quais se tornou a assentar. Ali veio ter André Martins com o Ancosse, a quem Nuno Velho agasalhou, como aos outros, e com umas contas de cristal o contentou, e em retôrno êle lhe prometeu guias e tudo o mais que na sua terra havia.

Não deu porém ao outro dia (chegados os nossos às suas povoações, que eram sete, onde se recolheram) mais que leite, manteiga e bolos de milho, não consentindo que se resgatassem vacas, porque estava de guerra com outro seu vizinho, e não queria que se vendessem os seus mantimentos que para ela poderia haver mister. Mas, levado do apetite de uma garrafa de porcelana que viu ao capitão-mor, deu-lhe a trôco um grande boi; e

com grande festa, vendo-a luzir, e esfregando o vidro, que se não tirava, a pôs nos olhos, e depois os seus nas partes do corpo em que tinham alguma dor, persuadindo-se que dava saúde. E como pelas aldeias se soube que o seu Ancosse, chamado Uquine Inhana, tinha aquela peça, vieram todos a vê-la e fazer com ela as mesmas cerimónias e superstições.

Foi necessário este ajuntamento dos negros para ajudarem a passar os nossos uma grande ribeira, aos vinte e seis, que sem eles fôra de muito trabalho e perigo porque era rápida e dava a água pela cinta. Postos da outra banda se despediu o negro, dando duas guias e não consentindo que passassem as que o campo trazia, nem os dous negros que o Rei Gimbacucuba desterrado dera a Nuno Vêlho Pereira para por eles lhe mandar a resposta do Inhaca, não permitindo estes cafres que passassem por suas terras os negros das aldeias. E depois que se descansou um pouco, se tornou a caminhar por entre povoado, de que vinha muita gente vender mantimentos e ver os nossos. Os quais, pôsto que eram duas horas de dia, se recolheram onde havia lenha e água, por estar a outra longe.

Chegou-se a ela o outro dia às dez horas, e era de uma ribeira que corria do Nordeste ao Sudoeste, e a mais larga e de maior corrente que se havia visto por aquêlê caminho, e se na passada houve negros que ajudavam a vadear, nesta onde mais necessários eram não faltaram, porque, postos os nossos à borda, veio o senhor da terra, por nome Mutuadondommatale, com alguns trinta, e passando-a um deles, por um prego que lhe mandou dar Nuno Vêlho Pereira, com água pelos peitos, corria com tanta fúria, que desconfiaram os nossos de a poderem atravessar. E assim buscou o pilôto no mato alguma madeira de que fizessem jangadas, mas achou-a tôda tão maciça e cerrada, que não nadava na água e como pedra

se ia ao fundo. Pelo que, sabendo Nuno Vélho do Ancosse que a ribeira baixaria ao outro dia, por ser a água de cheia, causada de uma trovoadá passada, mandou que se assentasse o arraial no mesmo lugar, e pediu ao negro, que se queria ir, viesse pela manhã com os seus para ajudarem a passar os nossos.

São já êstes negros mais cobiçosos e interesseiros que os de atrás, e por cobre (do qual trazem manilhas nos braços) por que outros davam três vacas deram uma, não tendo já tanta valia entre êles como entre os passados, e estimando-se a roupa, que os outros não queriam. Pelo que convém fazer grande cabedal do cobre e ferro para o resgate dos mantimentos até esta paragem, e guardar os panos para o fazerem daqui por diante, e assim os pediam êstes negros a trôco das vacas. E porque nêles se conheceu alguma cobiça, e esta os não pusesse em condição de fazerem algum desacato, mandou Nuno Vélho que as vacas que se houvessem de matar para o mantimento do campo, fôsse à espingarda, como em semelhantes casos se usava, para que com o seu tom ficassem espantados e medrosos. Consegiu-se o que se pretendia, porque, morta por esta maneira uma vaca, ficaram os cafres que estavam presentes admirados, e o Ancosse, que era já ido, ouvindo no caminho o estrondo, voltou com grande pressa a saber o que era. E vendo os seus pasmados daquela maravilha tão grande para êles, que lhe contaram, pediu a Nuno Vélho mandasse matar outra, a qual dando-lhe uma arcabuzada caíu logo. Do que não menos maravilhado, o negro tomou o arcabuz na mão, e dando-lhe mil voltas disse que, pois matava vacas, também mataria homens. Respondeu-lhe o língua que assim era, e que a tudo tirava a vida, matando a um elefante e a um passarinho, com o que ficou muito mais confuso e com grande mêdo se tornou às suas povoações, não sendo menor o que levavam os seus que o acompanhavam.

Amanheceu o dia seguinte tão nublado que recearam os nossos que chovesse e crescesse a ribeira. Mas, levantando-se o sol, foi resolvendo as nuvens e tornando-o claro e sereno; determinaram passá-la, e muito mais depois que por uma baliza, que nela puseram a tarde de antes, conheceram que havia baixado um palmo e meio. Assim, sendo já vindo o negro com os seus, escolheu deles os dez maiores, que começaram a passar os moços às costas; Francisco Pereira e Francisco da Silva com outros negros tomaram aos ombros nas colchas D. Isabel e sua filha, e todo o mais arraial os foi seguindo. O gado passou trabalhosamente, porque não tomando pé levava-o a corrente. Mas um cafre tirando pelas ventas com uma corda a uma vaca a fêz passar, com o que as outras esforçadas se puseram da outra banda. Nela se fêz o alojamento, havendo que se fizera boa jornada, vadeando aquela tão perigosa ribeira, a que os negros chamam Uchugel, aos quais se pagou mui bem o trabalho.

Mandou pela manhã o Ancosse dous negros para guias, como prometera, e um para que lhe levasse a paga delas (que foram dous pedaços de cobre), o qual também não foi sem ela; e como os nossos não esperassem outra cousa para continuar seu caminho, logo o fizeram, e com grande cansaço, por ser mui cheio de pedras, costearam uma serra grande que ficava da parte do Norte; e ao pé dela lhes anoiteceu, em um ribeiro onde havia bom pasto e árvores.

Sendo a estrada da mesma maneira a manhã seguinte, encontraram às onze um negro, a quem o capitão-mor disse que fôsse chamar o seu Ancosse. Não tardou muito a vir com alguns quarenta, todos com azagaias e adargas, e rodelas que fazem de couros. Os quais, bem recebidos dos nossos, levando Nuno Vélho o Ancosse pela mão, e indo os outros diante escaramuçando, chegaram às suas povoações, que ao longo de um ribeiro estava. Nêle fêz

alto o arraial, e não se veio resgatar a êle mais que uma vaca do senhor da terra, por não haver nela mantimentos aquêle ano à falta de chuva; e assim custou cara, dando-se por ela um pedaço de astrolábio quebrado, duas asas de caldeirão e seis pedaços de cobre. Nem a terra podia ser mui fértil porque tôda era de montes ásperos e de grandes penedias e rochedos de côr negra, e árvores poucas e espinhosas. Da mesma qualidade foi o caminho do derradeiro de Maio, e, onde nêle acharam os nossos comodidade para se agasalharem, o fizeram.

Vinham no arraial dous grumetes doentes de câmeras de sangue, causadas de beber muito leite, e não podendo já aturar com os companheiros ficaram o primeiro de Junho no alojamento, confessados por Frei Pedro e encomendados a um negro, que por quatro pedaços de cobre lhes desse de comer os dias que vissem, que segundo sua fraqueza deviam ser mui poucos. E sendo a terra melhor e o caminho menos fragoso pararam os nossos o tempo da calma junto de umas povoações. E porque se achou o capitão-mor Julião de Faria indisposto, ficaram no mesmo lugar a noite, e nela resgataram uma vaca do senhor da terra por uma asa de caldeirão, três pedaços de cobre e uma moeda de prata turquesca do tamanho de um real de oito.

Sentindo-se com melhora o capitão, se caminhou o outro dia com as guias que deu o Ancosse das povoações, despedindo as que vinham com os nossos. Subiram o cume de uma serra, e baixando dela deram em terra chã e aprazível, na qual encontraram muitos negros e negras que lhes davam espigas de milho por que lhes pusessem as mãos nas partes do corpo em que tinham dôres, esperando livrarem-se delas com aquêle remédio; faziam-lhes os nossos o Sinal da Cruz, e êles ficavam em extrêmo contentes e alegres e pondo-se diante da vanguarda iam cantando ao seu modo. No meio da descida de um monte

ficou o arraial, por ser tarde; e quási noite vieram a êle dous negros com uma vaca, que apresentaram a Nuno Vêlho Pereira, da parte de uma viúva, mulher que fôra de um Ancosse. Mostrou Nuno Vêlho aos cafres estimar muito aquela lembrança, e mandou com êles à viúva uma cortina de cama, de seda da China, lavrada de ouro e matizes, e três pedaços de cobre.

Desceu-se de todo pela manhã o monte e atravessou-se uma ribeira que pelo pé dele corria, e com o rosto ao Norte se tornou a subir uma serra, do alto da qual voltava o caminho ao Nordeste, e, pôsto que com pedras que lastimavam os pés dos descalços, se foi andando até bem tarde, que chegaram a um sítio, que escolheram para alojamento por haver nêle água e lenha.

Partiram dele aos quatro e encontraram algumas povoações das quais saíram os negros com muito alvoroço a abraçar e a beijar na face os nossos, e, tratando-os com grande domesticidade, lhes tomavam as contas, e, deitadas ao pescoço, beijavam a Cruz delas como viam fazer. E entendendo a muita estima que os nossos faziam dêste Santo Sinal, perguntavam se era lícito depois de o ter recebido ajuntarem-se com suas mulheres. Com esta prática chegaram todos a uma grande ribeira, a qual os cafres ajudaram a passar aos nossos com muita alegria e vontade, que lhes pagaram com algumas continhas de cristal e tiras de pano, que logo atavam na cabeça. E porque eram já horas de sesta, ficaram ao longo de uma sementeira de milho já maduro, no qual se não tocou, assim por não escandalizar os negros, como porque do que êles tinham colhido eram mui liberais, dando-o por mui pouca valia, e bolos feitos dêle, e manteiga e leite.

Passada a calma e a ribeira, na qual acharam os portugueses mui doces e grandes murtinhos, caminharam por uma várzea tôda semeada do mesmo milho, e regada de água que vinha de uma serra fronteira, a qual subida to-

param o Ancosse das povoações com alguns trinta negros. Recebeu-o o capitão-mor, e depois de lhe contar a sua perdição e a jornada e pedir o que lhe era necessário, disse o cafre que lhe pesava muito de seus trabalhos, mas que era bom não morrer, e que guias e mantimentos lhe não faltariam. E em sinal desta promessa mandou vir dous grandes bois, quatro carneiros e um cabaço de leite, o que se lhe pagou com três pedaços de cobre, uma asa de caldeirão, uma perna de coral e uma moeda de prata turquesca. E em particular lhe deu Nuno Vélho outra cortina da China, semelhante à que mandou à viúva, com que o Ancosse, que se chamava Panjana, ficou em extrêmo contente; e caminhando juntos por aquela sua terra, estando já o arraial alojado, trouxeram a êste negro um grande cabaço de vinho feito de milho, a que chamam pombe, de que deu de beber a Nuno Vélho e aos mais portugueses que com êle estavam, e todos o gostaram por lhe fazer mimo e cortezia. E porque era já quási noite se foi ao seu povoado, prometendo tornar ao outro dia com as guias, e os nossos se recolheram nas suas tendas.

Cumpriu o negro sua palavra e entreteve os nossos na estança até o jantar, trocando um boi por três pedaços de cobre e dando outro a Nuno Vélho, pelo qual êle lhe apresentou umas contas de cristal, uma pedra de sangue e um pouco de bálsamo, que lhe disseram ser bom remédio para a asma, de que êle era enfêrmo. E vendo ao pilôto um frasco de vidro de Ormuz lho pediu, e por êle lhe deu um grande boi e um formoso carneiro. Sendo já passado meio dia levantou-se o campo, e por boa estrada e chã foi marchando, indo também o Ancosse, que se não sabia apartar dos nossos. E já sol pôsto, depois que se recolheu, se despediu deles e do capitão-mor, mandando-lhe uma vitela e um carneiro.

Temendo os negros um pedaço de despovoado que se seguia, não vieram ao outro dia, que foi o Pentecoste, para

guiarem os nossos, como prometera o Ancosse; e pela mesma razão houve alguns portugueses mal sofridos que determinaram apressar a jornada, apartando-se da companhia. O que entendendo Nuno Vélho a noite de antes, e que se perderiam efectuando seus errados intentos, com sua costumada prudência aquietou êste desassossêgo. E como foi manhã, levantando o arraial, foi caminhando sem guias por boa terra, até às onze horas, que parou ao longo de um ribeiro, onde vieram ter muitos negros com o seu Ancosse, chamado Malangana, que vivia em umas povoações apartadas do caminho. E por verem os nossos saíram a êles com uma vaca, que trocaram por um pedaço de coral e dous de cobre. Pediu-lhes Nuno Vélho guias, e pela mesma causa do despovoado as negaram, mas ensinaram a estrada e mostraram com a mão a derrota que se havia de levar, a qual o piloto marcou logo com a agulha, e era ao Nordeste, e por ela, depois que os negros se foram, caminharam os nossos até à noite, que em um bosque se agasalharam.

Pelo mesmo deserto foram aos sete e aos oito, e ao meio dia encontraram uma serra mui fresca, que se dividia em duas partes, uma delas ia ao Norte e outra ao Leste, e entre ambas ficava um grande e estendido vale. Viram os nossos na entrada dele oito negros que andavam queimando o feno, aos quais se mandou um língua, para que os chamasse; foram alguns buscar o seu Ancosse, e com êle vieram vinte. Andavam todos nesta serra levantados, e de roubos se sustentavam; e assim vinham armados com azagaias e flechas. Fingiram terem o seu povoado longe, e para o seu intento encaminharam os nossos a um vale fundo e em que não havia nem lenha nem água. Levava Nuno Vélho um dêstes negros, e vendo-o desinquieta e que dava mostras de querer desviar alguma vaca do rebanho para furtar, disse aos soldados que estivessem àlerta. E conhecendo o piloto, que ia diante, o mesmo

dos que o acompanhavam, voltou para riba, e após êle todo o arraial; e parecendo-lhes aos negros que era descoberta a sua danada tenção, foram dissimulando e um deles se meteu entre as vacas e procurou desencaminhar uma; pagou-se-lhe êste seu atrevimento com uma haste de alabarda, dando-se-lhe uma pancada na cabeça, de que caíu. O que visto dos outros, a todo correr fugiram, e êste após êles. E sem tão ruim companhia acabaram os nossos a jornada daquela tarde, alojando-se já quási noite na serra, onde vigiaram com grande cuidado, temendo-se dos cafres.

Como foi manhã fizeram o caminho ao longo da serra que ia a Leste, com o rosto a Les-nordeste, e dela foram vistos de alguns negros do alojamento passado, a cujos brados se ajuntaram outros muitos com azagaias, os quais por um outeiro abaixo vieram descendo para o arraial; e porque, se fôsem como os passados, o não achassem desordenado, fêz alto, e pôsto em ordem tornou a marchar. Detiveram-se os negros entendendo a determinação dos nossos, e, apartando-se deles alguns, chegaram a parte donde os pudessem ouvir, e perguntaram quem eram e que buscavam pelas suas terras. Respondeu-lhes o língua o que costumava, e dele e de Nuno Vêlho assegurados, foram chamar a seu capitão, que foi dele agasalhado, e com um rosário de contas de cristal despedido. Idos estes, pouco espaço adiante encontraram alguns sessenta, dos quais vieram três ao arraial. O mais vêlho, depois que soube a perdição e caminho dos nossos, chamou aos outros a grandes vozes, dizendo: « Vinde, vinde ver êstes homens, que são filhos do sol e o vão buscar ». Deixando todos as armas em guarda de um companheiro, a todo correr baixaram a ver e festejar os nossos, e com êles caminharam até horas da sesta, que à sombra de um bosque passaram. Trouxeram ali alguns negros milho, que deram por contas de cristal e tiras de pano de côres para a ca-

beça; e à mesma estança veio o seu Ancosse, em quem não achando Nuno Vélho o agasalhado que esperava, e entendendo nêlle desejos de acometer os nossos, achando-os desaparecidos, avisou aos soldados que o acompanhavam para que aprestassem os arcabuzes e cada um assinalasse o negro a que queria atirar. Conhecendo esta determinação dissimulou com a sua, e o capitão-mor mandou que caminhasse o campo e se não fizesse caso dêste negro nem da sua povoação, pela qual logo ao diante passou. Ao sol pôsto se fêz alojamento em um lugar cómodo do que se havia mister, onde vieram dois negros de outras aldeias, que, contentes com dois pedaços de cobre, prometeram tornar ao outro dia a guiar os nossos.

Assim o cumpriram amanhecendo no arraial, com cuja guia subiram uma serra; e pôsto que dela descobriram outras, os cafres os levaram por caminhos que facilitavam a aspereza delas; e ficaram a noite ao pé da derradeira, a qual atravessaram ao outro dia indo a Leste e a Les-sueste, e passada tornaram ao caminho de Les-nordeste por bosques mui espessos de árvores altas e sombrias; e descendo uma costa no baixo entre grandes rochedos estavam umas casas de negros, ao longo das quais se alojaram.

Eram êstes cafres pobres, e não tinham senão um pouco de milho e algum leite, que lhes deram, e entre êles, em uma cabana que se fêz apartada das suas, ficou um vélho de setenta anos por nome Álvaro Gonçalves, pai do contra-mestre, que vinha mui doente, e todos os companheiros tão cansados que o não podiam mais levar aos ombros, como até ali fizeram. Quisera o piedoso filho ficar com êle; e não se lhe permitindo, deixou-lhe cobre para comprar o que houvesse mister, e em um papel escrito o nome das cousas necessárias, para as pedir aos negros, e com gerais lágrimas de tão lastimoso apartamento o tiraram de junto de seu pai, que com uma bênção

o despediu, ficando confessado, e como bom cristão mui conforme com a vontade de Deus. Detiveram-se os nossos por esta causa no alojamento da noite até o meio-dia dos doze, em que o piloto tomou o sol e achou que estavam em vinte e sete graus e vinte e sete minutos, pelo que determinou de caminhar a Leste quarta a Nordeste, para tomar mais depressa a praia, da qual se fazia quarenta léguas. E sendo duas horas veio o senhor das povoações com guias, pelas quais lhe deu Nuno Vélho quatro pedaços de cobre; e seguidas do arraial, por terra chã e boa, direito a Leste (para onde diziam os negros que estava o povoado em que se vendiam as suas contas vermelhas, que são as que vêm do rio de Lourenço Marques), chegou-se ao sol pôsto a um vale onde se fêz o alojamento.

Dele partiram aos treze, dia de Santo António, e às dez horas viram muitas povoações, das quais vinham muitos cafres a ver os nossos; e como chegaram a êles os saudaram dizendo «Nanhatá, Nanhatá», como os primeiros. Traziam entre si o seu capitão, que residia naquele povoado, por mandado do Ancosse que estava ausente; foi bem recebido do capitão-mor, e querendo saber dele algumas cousas necessárias para o caminho, disse-lhe o negro que dali ao mar era jornada de seis dias, e por outra parte era de doze, passando pelas terras do Inhaca, por onde se havia de vadear um rio grande com água pelos peitos. Alegrou esta nova a todos, sabendo que estavam tão perto do lugar em que esperavam achar embarcação. E passando as horas de sesta, veio um filho do Ancosse visitar a Nuno Vélho da parte de seu pai, e feita a visita se tornou logo, levando ao pescoço uma medalha de prata, que se tirou de um copo; e os nossos, depois que naquela estança mataram algumas vacas para o provimento ordinário e resgataram milho, leite, manteiga e carneiros, foram caminhando com o mesmo capitão por guia, até que se recolheram quási noite junto de uma ri-

beira, donde o negro avisou ao seu Ancosse para que viesse ver Nuno Vélho pela manhã.

Estava a sua povoação longe, e assim eram quasi onze horas quando veio. Saíu a o receber Nuno Vélho, acompanhado de quinze arcabuzeiros; o Ancosse (que se chamava Gamabela) vinha com cem negros sem armas. E tomando-se ambos pelas mãos, sentados em uma alcatafa, lhe disse o capitão-mor quanto folgava de o ver e de ser chegado àquela sua terra, onde tinha o remédio certo para ir à que êle pretendia e desejava. Repondeu-lhe o Gamabela que tinha razão de estar contente, porque já estava perto do campo, e que para acabar a jornada lhe não faltaria cousa alguma que êle tivesse e pudesse. Apresentaram-se logo, um ao outro, o Ancosse duas vacas e Nuno Vélho umas contas de madrepêrola, uma peça de prata, sete pedaços de cobre e uma pedra de sangue. Após isto trataram das guias, e foram nomeadas do Gamabela o seu capitão (que com os nossos viera da outra povoação) e outros dous negros. Contente tôda a gente do bom acolhimento dêste cafre, e êle muito mais de o fazer, disse a Nuno Vélho que em paga da vontade com que dava tudo o que lhe tinha pedido queria dele uma peça, que em seu nome lhe ficasse, para com ela se lembrar sempre dele e dos portuguezes que o acompanhavam. Respondeu-lhe Nuno Vélho Pereira que assim o faria como êle pedia, e que daria a mais preciosa e estimada joia que havia no mundo. E tomando a cruz das contas que ao pescoço tinha, tirando o sombreiro, levantados os olhos ao céu, com grande devoção a beijou, e dando-a aos portuguezes que junto dele estavam, os quais fizeram a mesma cerimónia, a deu ao Ancosse, dizendo-lhe que aquêle era o sagrado penhor que lhe deixaria da sua amizade, ao qual fizesse a mesma reverência que vira fazer aos nossos. Tomou-a o bárbaro, e com semelhante acatamento a beijou e a pôs nos olhos; e assim o fizeram

todos os outros negros. E vendo Nuno Vélho a veneração que faziam à Santíssima Cruz, mandou a um carpinteiro, que de uma árvore que junto dele estava (ditosa e bem nascida naquela cafraria, pois de um ramo seu se fêz o sinal de nossa salvação) fizesse uma cruz, que logo foi feita, de oito palmos de alto. E tendo-a com as mãos Nuno Vélho, a entregou ao Gamabela, dizendo-lhe que naquela árvore vencera o Autor da vida a morte com a sua própria morte, e assim dela era remédio, dos enfermos saúde, e na virtude daquele sinal venceram os grandes Emperadores, e agora venciam os Reis Católicos a seus inimigos, e como dom tão excelente lho dava e oferecia, para que o pusesse diante da sua casa e todas as manhãs, como sásse dela, o reverenciasse beijando-o, e pôsto de joelhos o adorasse; e quando faltasse saúde aos seus vassalos, ou chuva aos seus campos, com confiança lha pedisse, porque um Deus e Homem, que morto nêle remira o mundo, lha concederia. Entregue com estas palavras o verdadeiro trofeu e a singular glória da Cristianidade ao Ancosse, êle a pôs às costas, e despedido dos nossos com saüdosas lágrimas do penhor que lhes levava, e seguido dos seus, que seriam alguns quinhentos, se foi com ela à sua povoação, para fazer o que Nuno Vélho lhe dissera e pedira. Triunfo foi êste da Sagrada Cruz, digno de se festejar à imitação dos de Constantino e Herácio, porque, se aquêles cristianíssimos e devotos Emperadores libertaram a verdadeira de seus inimigos, um dos judeus e outro dos persas, com que ela ficou triunfante, esta (imagem daquela) foi por êste honrado e virtuoso fidalgo levantada e arvorada no meio da Cafraria, centro da gentildade, da qual hoje está triunfando. E pois que abraçado com êste doce Madeiro se salvou o mundo do seu naufrágio, quererá Deus Nosso Senhor alumiar o entendimento dêstes gentios, para que, abraçando-se com esta fiel Cruz que lhes ficou, se salvem da perdição e cegueira em que vivem.

Plantada por êste modo a árvore da Santa Cruz na Cafraria, da qual se podem esperar suavíssimos frutos da salvação daquela gente, ao outro dia, que fôram quinze, despedidos os nossos dela, com o Gamabela, que quis acompanhar ao capitão-mor na primeira jornada, e com as guias que êle tinha nomeadas, partiram daquele lugar e às dez horas chegaram a uma casa donde se licenciou de Nuno Vélho o Ancosse, com verdadeiras demonstrações de amizade. Ido o negro, continuou-se o caminho por entre árvores espinhosas e terra despovoada, em que havia muita erva babosa, e sendo noite se alojaram ao longo de uma ribeira mui fresca, donde, como amanheceu, tornaram a caminhar até às duas horas, que acharam povoações sem gente, mas com muitas galinhas e mantimentos. Mandou Nuno Vélho guardá-las, porque se não tomasse delas cousa alguma; e chamados seus donos (que em uns outeiros estavam) das guias e das línguas, baixaram alguns, e deram por razão da fugida e desamparo das casas a guerra que tinham com uns vizinhos seus, os quais poucos dias antes lhes levaram todo o gado. E vendo que não eram os nossos os inimigos de que se temiam, tornaram todos às suas choupanas e deram um negro que guiou o arraial onde havia lenha e água necessária para a estança daquela noite.

Foi o outro dia da festa do Santíssimo Sacramento, em que por uma mui estendida várzea os nossos caminharam, povoada de bons pastos e arvoredos, e muito mais de vacas bravas, búfalos, veados, lebres, porcos e elefantes, que em numerosos bandos andavam por ela pacendo. Foram êstes os primeiros animais dêste género que encontraram por êste longo caminho, os quais descem àqueles campos de uma grande serra que os atravessa de Norte a Sul. Nela se entrou por um vale, pelo qual corria uma ribeira que se passou muitas vezes; e junto dela se fêz alojamento.

Levantou-se dele o arraial, como foi manhã, e caminhando até às dez horas pelo mesmo vale e ribeira (que era em extremo viçosa e fresca, coberta de árvores de várias côres, nas quais se viam muitos papagaios verdes com bicos vermelhos, perdizes, rôlas e outros diversos gêneros de pássaros), subiu-se uma ponta da serra da parte do Sudoeste, e em uma chã que no alto dela se fazia se encontraram quatro negros que andavam à caça, os quais, sabendo das guias com quanta largueza compravam os nossos os mantimentos, foram-se logo, dizendo que os iam buscar ao seu povoado. Não os esperou porém o arraial, nem se deteve senão às horas da sesta em um bosque ao longo da propria ribeira. Havia da outra banda um outeiro, que se subiu passada a calma, e dele seguia uma estendida campina, que tôda da dita ribeira se regava, na qual havia, além da caça da jornada passada, patos, adens, tordos, grou, galinhas do mato e bugios, e em uma alagoa, que dela se fazia no lugar em que os nossos se recolheram, viram à noite muitos cavalos-marinhos, que com seus rinchos os não deixaram dormir quietamente. Pelo que, mais tarde do ordinário se levantaram o outro dia, no qual se chegou a um brejo, que as guias disseram estar perto do povoado; e alojando-se ao longo dele, despediu Nuno Vélho uma, para que fôsse avisar ao Ancosse da sua chegada.

A manhã seguinte o mandou logo visitar por António Godinho, com outro negro, o qual voltou a tempo que os companheiros estavam já da banda de além do brejo, mui cansados de tirarem o gado por cordas, porque nêle atolava. Mas com as novas que deu, esqueceram todos os passados trabalhos. Estas foram ser o Ancosse, que visitara, capitão do Inhaca, o qual o recebera com gasalhado e prometera tudo o que havia na sua terra, até chegarem ao Inhaca, de quem sabia serem os portugueses amigos, e que o navio não era partido, porque havia poucos

dias que passaram por aquela sua povoação negros com marfim para o resgate.

Chegou logo um capitão dêste Ancosse, que da sua parte vinha visitar Nuno Vélho, com dois cabritos e duas galinhas, e após êle o mesmo Ancosse, que Nuno Vélho assentou na sua alcatifa. E depois que confirmou as novas que dera António Godinho e mostrou estimar muito perguntar-lhe o capitão-mor pelo Inhaca, apresentou-lhe duas vacas, e êle lhe deu uma cobertura de um copo de prata e quatro pedaços de cobre; e a um sobrinho seu, que trazia consigo, outros três pedaços, e deitou-lhe ao pescoço ametade de um copo pequeno de prata, com que se foram — mui contentes — por ser a povoação longe; e os nossos o ficaram muito mais, não se mudando daquela estança do brejo, na qual o pilôto, tomando o sol, achou ser a altura do Polo do Sul de vinte e sete graus e vinte minutos, fazendo-se do pôrto em que estava o navio trinta léguas.

Caminharam os nossos para a povoação do negro, como foi manhã, donde, esperando levar boas e fiéis guias, as acharam más e falsas; foi uma delas o mesmo Ancosse, o qual querendo-os molestar e cansar para lhe darem mais alguma coisa, com um rodeio os fêz tornar ao mesmo brejo donde partiram. Mostrou-se Nuno Vélho queixoso e agravado, e pediu-lhe o que lhe tinha dado, porque dele não queria guias; e assim, desenganado o cafre da sua vã esperança, tomou mais dois pedaços do cobre que lhe deram, e com outros três negros seus, que o quizeram acompanhar, começou a guiar o campo por um caminho de areia, pelo qual havia palmeiras bravas, uma delas com tâmaras, e outras com uma fruta que em Cuama chamam macomas e são do tamanho e feição de peras pardas; e sendo já noite se alojou debaixo de um arvoredado sem água.

Chegando pela manhã a umas casas, levou o Ancosse os donos delas consigo, e desviou os nossos do caminho,

metendo-os por um bosque, para nêle desencaminhar algumas vacas e acolher-se com elas; o qual passado, e uma ribeira, entraram por outro, mas como nestes lugares se não descuidassem os nossos, com as lembranças do capitão-mor, indo o negro diante com uma língua e não podendo fazer o que pretendia, sendo o mato espesso e assim não visto dos que vinham atrás, lhe atirou com uma azagaia, e errando-a fugiu. A língua, pegando de um dos negros das casas, que perto de si estava, gritou, ao que acudiram os nossos deitando também mão dos companheiros do que estava prêso. Com êles se saíram fora do bosque, ao caminho de que os haviam apartado, e perguntando-lhes quem era o Ancosse fugido disseram ser um grande ladrão chamado Bambe, ao qual por temor obedeceram e acompanharam. E pedindo-lhes Nuno Vêlho que o quisessem guiar até o Inhaca, prometeram de o fazer, e que, se o não levassem lá, que os matasse. Postos contudo a bom recado, foram caminhando por um mato, atravessando um brejo; da outra banda havia boa estrada, que seguiram até noite, que ao longo de um ribeiro se recolheram, não faltando lenha de grandes árvores que junto dele havia.

É esta terra alagadiça, e assim de muitos brejos; e tendo já passados os que se hão dito, na manhã dos vinte e três passaram outro trabalhosamente, porque, além de atolar muito, era no meio tão alto, que se não chegava ao fundo com um pique. Atravessou-se êste espaço, que era breve, com troncos que se cortaram de árvores, de que se fizeram minhoteiras, e o mais se remediou com muita espadana que no brejo havia. Postos da outra banda os nossos, e sendo horas de descansar do trabalho e da calma, o fizeram à sombra de árvores, onde mandou Nuno Vêlho soltar um dos negros, para que fôsse à sua casa e desse novas dos outros, e com uma tira de bretangil vermelho e um pedaço de cobre se houve o ca-

fre por satisfeito da prisão. E com os que ficaram (que também iam contentes esperando grande paga) caminharam até o sol pôsto, que chegaram a outro brejo, aonde se fêz alojamento. Dele se via ao Sudoeste a foz de um rio, que é o que nas cartas de marear se chama de Santa Luzia, em altura de vinte e oito graus, o qual se tinha já passado o dia atrás, por parte que não deu moléstia, longe da boca. Nela acabou Fernando Álvares Cabral, capitão da nau S. Bento, atravessando-a em uma alma-dia; e ao longo dela, ao pé de um outeiro, onde não chegam as ondas que o afogaram, está enterrado.

O dia de S. João Baptista (que foi o seguinte), pela manhã, se descobriram de um alto povoações, cujas casas eram como as nossas choupanas de vinha, e não redondas como as passadas. Os negros das quais, como viram os nossos, se ajuntaram alguns duzentos; foi ter com êles a língua, de quem sabendo que eram portugueses, vieram logo ver o capitão-mor e certificá-lo que estava nas terras do Inhaca, sendo aquela povoação de uma irmã sua, e que o navio do resgate não era partido. Alvorçaram-se todos com tão boas novas, e, chegando às casas, veio a irmã do Inhaca (que os negros diziam) com seu marido visitar Nuno Vélho, que os recebeu com a devida cortesia, e mostrando-se pesaroso de se não poder deter alguns dias com êles, deu-lhes um pano preto e dous pedaços de cobre. Descobria-se dêste povoado o mar, que como cousa nova espantou os nossos, e é na paragem onde chamam os Mèdãos do ouro. E sendo já as horas da calma passadas, tornaram a caminhar com um negro do Inhaca, que da sua parte viera ver a irmã (despedindo-se os outros bem pagos), por uma grande praia de areia ruiva, que em breve espaço os cansou muito; e dela subindo ao alto dos Mèdãos, por onde se podia andar com menos cansaço, chegaram sol pôsto a uma povoação que estava ao longo de um rio, o qual por ser maré vazia passaram

logo, e sendo já noite se alojaram da banda de além, onde compraram, por pequenos pedaços de panos, milho, galinhas e taíñas grandes e gostosas.

Sendo o outro dia pela manhã preamar, estava o rio mui crescido e grande, e na boca fazia um ilhéu; e assim, não sendo baixamar, não se vadeia. É êste o rio a que os perdidos portugueses da nau S. Tomé puseram nome «da Abundância». E levantando-se o arraial foi marchando por detrás dos Médãos de areia, por mui aprazível e fresca terra, até o meio dia, que ao longo de uma aldeia parou. Tomou nela o piloto o sol, e achou de altura vinte e seis graus e quarenta e cinco minutos; e passada a calma, e um brejo, se fêz o alojamento debaixo de árvores grandes, que foram bem necessárias para defender da chuva que houve aquela noite.

Por largos e estendidos campos se caminhou até às dez horas do dia seguinte, que chegaram os nossos a uma formosa e grande alagoa de água doce, que teria uma légua de comprido; perto dela estavam duas povoações em que se resgataram galinhas, e, sesteando ao meio dia, tomou o sol o piloto e achou-se em vinte e seis graus e vinte minutos de altura. Dali, ao longo da mesma alagoa, foram andando, vendo muitos adens, patos e garças; e em um campo (além dela) se assentou o arraial, por se não poder chegar de dia ao povoado, onde se mataram três vacas para o provimento ordinário, e ainda ficaram vinte e três. E porque passou pelo alojamento um negro que deu novas não ser partido do rio o navio, determinou Nuno Vélho mandar três homens com a guia para se certificar do que todos estes cafres diziam. Foram estes António Godinho, Simão Mendes e António Monteiro; e sendo já muito noite, veio um negro com a guia enviado do Inhaca a visitar Nuno Vélho, o qual chegando a êle, fazendo uma grande mesura e tirando um barrete que trazia na cabeça, disse «*Beijo as mãos a V. M.*», como cafre

criado entre portugueses, ficando naquela terra da perdição do galeão S. João.

Festejaram todos a cortezia e as palavras dela, e perguntando-lhe Nuno Vélho cujo era, disse que d'El-Rei, o qual recebera tanto gôsto vendo os portugueses na sua povoação, e sabendo deles que êle era chegado àquela terra, que logo o quisera visitar, mas por ser noite o deixara de fazer; que em tanto estivesse descansado, porque o navio ainda estava no rio. Foi esta a mais alegre nova que tiveram os nossos portugueses em tôda a jornada, porque estando o navio no rio tinham todos esperança de vida e salvação, e sendo partido era duvidosa por haverem de atravessar a baía e caminhar até Sofala ou esperar um ano que viesse o outro navio. Havia em qualquer dêstes caminhos grandes dificuldades, porque o Sofala era largo e de dois meses pelo menos, que, sôbre três que tinham caminhado, era grande soma para a fraqueza que todos traziam; se se determinavam esperar, era maior o perigo, porque havia de ser ao menos um ano, ao cabo do qual se não chegaria com vida, sendo a terra mui enferma, as águas ruins e os mantimentos poucos. Pelo que, com justa causa, se alegraram muito aquela noite com a certeza de não ser partido o navio.

Tornou, como foi manhã, um dos homens que Nuno Vélho tinha mandado ao Rei Inhaca, com larga relação do navio, que em todo era conforme com o que o enviado dissera. E assim, pôsto que chovendo, se levantou o arraial alvoroçado e caminhou até a povoação do Inhaca, da qual vinham muitos negros encontrar os nossos chamando-lhes matalotes.

Mandou o capitão-mor recado ao Rei da sua chegada, e da sua parte lhe foi respondido que o fôsse esperar ao pé de uma árvore que estava junto da sua casa, enquanto êle se levantava e vestia.

Assim o fêz Nuno Vélho, levando consigo oito arcabuzeiros, o provedor, o tesoureiro, o piloto e a língua, assentado debaixo da árvore, em esteira que o Rei tinha mandado estender. Veio o Inhaca sem nada na cabeça, cingindo um pano ao modo que o trazem na Índia as mulheres, e com um grande ferragoilo coberto. Era de alta estatura, agigantado, bem feito e de rosto alegre e aprazível; e chegando a Nuno Vélho, que já estava em pé, o tomou pela mão, e juntos se assentaram na esteira. Deu-lhe as emboras da chegada e os pêsames da perdição, o que Nuno Vélho agradeceu com muitas palavras, e assim o que fizera a D. Paulo de Lima e aos da sua companhia da nau S. Tomé, quando por ali passaram, e pediu-lhe um homem para mandar uma carta ao capitão do navio. A tudo se mostrou o Rei obrigado pela amizade que seu pai tivera com os portugueses, e logo chamou um negro seu, que com António Godinho e outros dous soldados e uma língua levaram a carta. Seguiu-se após isto o presente do capitão-mor, que foi um sombreiro de feltro negro, um pano da China lavrado de seda e ouro, duas vacas, uma delas prenhe, duas cadeias de prata que se tiraram do apito do mestre, uma medalha e uma pequena garrafa de prata. E porque os nossos estavam desacomodados, mandou o Rei (que com as peças se mostrou contentíssimo) a um negro seu que os fôsse agasalhar em um sítio perto das casas, em que havia água e lenha. Nêle se ordenou logo o alojamento pelo capitão Julião de Faria, que se foi com tôda a gente; e ficou Nuno Vélho, e os oficiais e soldados que o acompanhavam, praticando com o Inhaca. E parecendo horas de jantar, disse o piloto que assinalava o relógio as onze, do que o Rei se maravilhou assaz, e muito mais de lhe mostrar pelos rumos da agulha o caminho que até ali fizeram. E assim, sendo tempo, se levantaram, e dadas as mãos se foram ao alojamento, onde depois que o Rei visitou

D. Isabel e sua filha, jantou com Nuno Vélho na sua tenda; e sendo duas horas se licenciou a todos com boa graça, para se despedir ao outro dia.

Assim o fêz como foi manhã, vestido um roupão de grã, guarnecido de veludo encarnado, o sombreiro, que lhe deram, na cabeça, as cadeias do apito ao pescoço, e os braços cheios de manilhas de latão; fizeram-se as devidas cortesias entre êle e Nuno Vélho, o qual lhe deu o apito e o pôs nas cadeias donde se tirara; e, tocando-o o mestre, ficou o Rei dele contente, parecendo-lhe boa peça para a guerra. E a um filho seu se deu um copo de prata, que o pai lhe tomou.

Estando já todos em ordem de marchar se despediram do Inhaca, e êle deles, com affectuosos abraços; e postos no caminho, por baixo de arvoredos e ao longo de alagoas de água doce, foram andando até às dez, que pararam a passar a calma. Ali vieram dez negros da terra com dous marinheiros do navio e um natural de Moçambique (que lá chamam topaz), o qual disse a Nuno Vélho que estando resgatando marfim pelo rio acima soubera dos cafres que estavam portuguezes com o Inhaca, pelo que deixado tudo os vinha ver, com aquêles seus companheiros. Pagou-lhes esta boa vontade Nuno Vélho dando ao topaz uma garrafa de prata, e aos dous marinheiros outra. E sendo horas de continuar o caminho, o fizeram até a tarde, que onde houve água se alojaram.

Sendo nove horas do dia seguinte, que foi o de S. Pedro, chegaram a uma povoação de um filho do Inhaca, o qual, com recado que teve de Nuno Vélho, o veio logo visitar e lhe deu um homem seu, que lhe pediu, para o mandar com outra carta ao capitão do navio, que com um dos dous marinheiros partiu com tôda a diligência; em recompensa lhe apresentou Nuno Vélho um pé de copo de prata, e um pano da China como o que se deu a seu

pai, e êle em retôrno lhe fêz um presente de uma cabra e de um cesto de ameixoeira.

Era êste cafre mui parecido a seu pai, e vivia aqui, dele apartado e em sua desgraça, por lhe haver procurado a morte e ocupar o reino. E com a comunicação dos portuguezes falava algumas palavras das nossas. Despediu-se dele o capitão-mor, e, caminhando depois das horas de sesta, junto de um brejo se estanciou.

Faz o mar nestas terras do Inhaca uma grande baía de quinze ou vinte léguas de comprido, e a partes pouco menos de largo, e nela esbocam quatro grandes rios, pelos quais entre a maré dez e doze léguas. O primeiro da parte do Sul se chama Malengana, ou Zembe, que divide as terras de um Rei assim chamado das do Inhaca; o segundo Ansate, e dos nossos de Santo Espirito, ou de Lourenço Marques, que primeiro descobriu nêle o resgate do marfim, de quem tomou a baía o nome; o terceiro Fumo, por passar pelas terras de um senhor dêste nome; e o quarto, e último, do Manhiça, que é da parte do Norte ao longo do qual foi o desbarato de Manoel de Sousa Sepúlveda e as lastimosas mortes de D. Leonor, sua mulher, e filhos, e seu desaparecimento; e nêle acabou também D. Paulo de Lima, mas não a memória de suas gloriosas emprêsas. Fica na bôca desta baía (a qual a lugares tem quatorze e quinze braças de fundo), junto da sua ponta austral, uma ilha grande de três léguas de circuito, a qual faz nela duas entradas, uma pela parte do Nordeste, de sete ou oito léguas de largo, e outra do Sul, estreita e de pouca distância. Chamam os nossos a esta ilha «do Inhaca», e nela traz o Rei muito gado, pela abundância do seu pasto. De uma ponta desta ilha faz o mar uma ilheta, a qual se passa de baixamar com a água pelo joelho; tem de altura vinte e cinco graus e quarenta minutos, e chamam-lhe hoje «dos portuguezes», pelos muitos que nela estão enterrados, dos que se salva-

ram da nau S. Tomé. Vem aportar a ela de dois em dois anos um navio de Moçambique, a resgatar marfim, e nela estava quando estes nossos portugueses chegaram às terras do Inhaca. E porque, segundo a relação dos negros, era já monção e tempo da partida, e nêle pretendia embarcar-se Nuno Vélho com os mais portugueses que com êle vinham, escreveu por tôdas as vias ditas a Manoel Malheiro, capitão do navio, que os esperasse e mandasse embarcações à praia que os passassem à ilha. De que não teve resposta senão o derradeiro de Junho, que partidos os nossos do brejo, em que o dia antes se alojaram, e perto já da praia, encontraram um cafre, marinheiro do navio, com duas cartas, uma do capitão para Nuno Vélho, e outra do pilôto para Rodrigo Miguéis. Nelas os avisavam como ficavam em sua companhia os homens que lhe deram as suas, e que o dia seguinte viriam as embarcações a passar a gente à ilha. E sendo quási noite, chegaram em uma embarcação o capitão do navio, que foi bem recebido de Nuno Vélho, e, porque vazava a maré, pareceu bem que se tornasse logo, levando consigo D. Isabel e sua filha, o provedor Diogo Nunes Gramaxo, e os dois frades, Frei Pedro e Frei Pantaleão. Assim se fêz ficando os companheiros bem agasalhados e providos dos mantimentos da terra, que eram milho, ameixoeira, galinhas, peixe e marisco.

Tornou a mesma embarcação com outra, como foi manhã, para passar todo o arraial à ilha, o qual estava já ao longo da praia esperando-as. Mas como a maré não fôsse senão às três horas, e na passagem do gado se gastasse muito tempo, não se passou da primeira ilha, e nela se alojou aquela noite. E como foi manhã, e conjunção de maré vazia, atravessaram os nossos à outra ilha, na qual estava a gente do navio aposentada em choupanas, feitas nela para seu gasalhado, nas quais com grande vontade foram recolhidos e hospedados cento

e dezassete portugueses e sessenta e cinco escravos, que a elas chegaram, salvos do naufrágio e peregrinação, a qual fizeram em três meses, e nêles caminharam mais de trezentas léguas, pôsto que do Penedo das Fontes, donde partiram, até esta ilha em que estavam, por linha direita não são cento e cinqüenta léguas.

Quis logo ao outro dia saber Nuno Vélho os mantimentos e água que havia no navio, e perguntando ao capitão, disse-lhe que os marinheiros tinham noventa caçapos de milho, que são alguns setecentos alqueires, e feijão e ameixoeira, e os tanques do navio cheios de água, nos quais poderia haver doze pipas; e porque era pouca despejaram-se por ordem de Nuno Vélho quinze jarras, que iam cheias de mel (que o há na terra mui bom), e encheram-se de água. O milho e mel logo o mandou pagar aos marinheiros pelo preço que valeria em Moçambique, e num se montou cento e oitenta cruzados, e no outro noventa e seis. Sobejaram também da jornada cento e nove vacas, que foi um grande têrço da matalogem. A qual assim ordenada e feita, e o marfim do resgate por lastro, mui bem arrumado e igualado para servir de camas moles a êstes nossos portugueses, embarcaram-se a nove de Julho para esperarem no navio a conjunção da lua, que era a doze, e com ela os Ponentes para fazerem sua viagem. E antecipa-se tanto a embarcação, porque, para partir o navio, se há-de pôr fora de um baixo que está perto da ilha, onde se espera o tempo, que a estar dentro dele não pode sair com o mesmo Ponente. Metidos no navio uns e outros, que faziam número de duzentas e oitenta pessoas, ficou tão embaraçado, que disse o pilôto dele (chamado Baptista Martins, marinheiro que fôra da nau S. Tomé) que se não atrevia a governá-lo, nem se poderia marear; pelo que, se tomasse algum meio em tamanho excesso. Chamou o capitão-mor a conselho, e nêle se averiguou que deixassem

em terra os marinheiros do navio com suas mulheres e famílias, os quais eram mouros, e como tais teriam nela melhor remédio que os portugueses. Logo se pôs esta determinação em efeito e desembarcaram-se todos os mouros com suas famílias e fato, que eram quarenta e cinco pessoas. O que elles sofreram bem, com a boa paga e satisfação que Nuno Vélho Pereira lhes mandou dar, com a qual esperavam fazer a jornada por terra a Moçambique, mais proveitosa e avantajada que a que podiam fazer por mar no seu mel que ficou pela praia e no milho que levavam os portugueses. Desembaraçado por êste modo o navio, e chegada a conjunção da lua, ficou o tempo levantado onde estava, e assim foi necessário esperar a outra lua seguinte. Do que enfadados alguns portugueses, e assim da estreiteza do navio e carestia da água, determinaram de ir por terra até Sofala, que era cento e sessenta léguas; e pôsto que Nuno Vélho Pereira sentiu muito quererem-se apartar da sua companhia, vendo a sua resolução, e como era em benefício dos que ficavam, lhes deu licença e oito espingardas com tôda a munição necessária e cento e cinqüenta cruzados em peças de prata e muita roupa. Foi por capitão dêstes portugueses, que eram vinte e oito, um soldado chamado Baltazar Pereira, de alcunha o Reinol das fôrças, os quais desembarcados prestaram duas embarcações (que o navio trouxe para fazer o resgate pelos rios), em que passaram à outra banda da bafa, ao rio do Manhiça; e fazendo seu caminho por aquela terra, fizeram tantas desordens, que, sendo a estrada seguida, pela qual foram muitos portugueses da nau S. Tomé, e as jornadas contadas, foram todos mortos dos cafres, e só dois homens desta companhia chegaram a Sofala. Vinda a monção, partiu o navio (que se chamava Nossa Senhora da Salvação) aos vinte e dois de Julho para Moçambique; e metido do Cabo das Correntes para dentro, houve um tempo Sul

tão rijo, que se tiveram os nossos por mais perdidos que na nau S. Alberto. Alijaram muitos mantimentos ao mar, e passados dois dias desta borrasca voltou bonança, com que chegaram a Moçambique a seis de Agosto, onde, desembarcados todos, foram em procissão com os frades dominicos (que avisados os esperavam na praia) a Nossa Senhora do Baluarte, dando graças a Jesus, Nosso Redentor, e à Sacratíssima Virgem sua Mãe, pelos extraordinários benefícios e singulares mercês recebidas de suas divinas e liberais mãos neste seu naufrágio e jornada.



ÍNDICE

	Págs.
X — Naufrágio da nau S. Tomé	5
XI — Naufrágio da nau S. Alberto	59

H. G.

30906

INDICE

191

2

39

Indice de la 2^e partie
Indice de la 3^e partie